

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL

***Rinkebysvenska: identidade e linguagem do jovem sueco de origem estrangeira em um
bairro de Stockholm, Suécia.***

Dissertação apresentada por Abel José
Abreu de Oliveira ao Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social, da
Universidade Federal de Santa Catarina,
como requisito parcial à obtenção do
grau de Mestre, tendo como orientador
a professora Dr^a Ilka Boaventura Leite.

Florianópolis, 24 de junho de 2002

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“RINKEBYSVENSKA: IDENTIDADE E LINGUAGEM DO JOVEM DE ORIGEM
ESTRANGEIRA EM UM BAIRRO DE STOCKHOLM, SUÉCIA”

ABEL JOSÉ ABREU DE OLIVEIRA
Orientadora Dr^a. Ilka Boaventura Leite

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Antropologia
Social da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em
Antropologia Social, aprovada pela
Banca composta pelos seguintes
professores:



Dr^a. Ilka Boaventura Leite (UFSC-Orientadora)



Dr^a. Maria de Lourdes Bandeira Delamonica Freyre (UFMT/UNIC)



Dr^a. Antonella Maria Imperatriz Tassinari (UFSC)

Florianópolis, 24 de junho de 2002.

Rinkebysvenska: identidade e linguagem do jovem sueco de origem estrangeira, num bairro de Stockholm, Suécia.

Agradecimentos:

À Professora Dr^a Ilka Boaventura Leite, pelo acesso ao PPGAS e orientação da pesquisa.

Aos amigos *suecos-suecos, suecos de origem estrangeira e imigrantes.*

Florianópolis, 24 de junho de 2002

***Rinkebysvenska*: identidade e linguagem do sueco de origem estrangeira, num bairro de Stockholm, Suécia.**

SUMÁRIO

Lista de Figuras	v
Resumo	vi

PARTE I

1.1 Introdução	7
1.2 Do projeto ao trabalho de campo	15
1.3 Discussão teórica	28

PARTE II

2.1 Discurso fundador da identidade nacional sueca	36
2.2 O histórico de Rinkeby até sua caracterização como bairro de imigrantes; formas de sociabilidade destacadas por moradores de Rinkeby	50

PARTE III

3.1 Conversas sobre o <i>rinkebysvenska</i>.....	64
3.2 O <i>rinkebysvenka</i>: usos e contextos dessa linguagem.....	86
3.3 Considerações finais	95
Referências bibliográficas.....	100

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Rinkeby	9
Figura 2: Rinkeby e bairros suburbanos vizinhos.....	10
Figura 3: Localização geográfica de Rinkeby e demais bairros de Stockholm.....	11
Figura 4: Línguas faladas em Rinkeby, catalogadas, dentre as mais de cem estimadas	12
Figura 5: Distribuição dos moradores de Rinkeby, nascidos fora da Suécia, por campos de origem.....	13
Figura 6: Distribuição dos moradores de Rinkeby por faixas de idade.....	14

RESUMO

“*Rinkebysvenska*: identidade e linguagem do jovem de origem estrangeira em um bairro de Stockholm, Suécia”, é fruto de uma experiência relacional e dinâmica realizada no campo. Procuro descrever o contexto e as interações sociais nos quais emerge o *rinkebysvenska*, linguagem desenvolvida por adolescentes de origem estrangeira, moradores de Rinkeby. Começo por me referir aos motivos que me levaram à escolha do tema de pesquisa, passo ao relato da experiência de campo e introduzo as categorias nominativas que adotei. Após a discussão teórica, analiso o discurso fundador da identidade nacional sueca e menciono fronteiras sociais entre os sujeitos envolvidos. Procuro apresentar uma etnografia de Rinkeby - bairro suburbano de Stockholm de maioria imigrante – e apresento exemplos de formas de sociabilidade destacadas por seus moradores. Reservo a parte final da pesquisa ao *rinkebysvenska*, procurando revelar, através dos pontos de vista de diferentes interlocutores, usos e contextos dessa linguagem bem assim como relações entre o *rinkebysvenska* e conflitos com a sociedade de acolhimento. Procuro ainda problematizar a identidade do jovem de origem estrangeira na atualidade, com base no exemplo estudado.

ABSTRACT

“*Rinkebysvenska*: identity and language of the young people with foreign background, in a suburb of Stockholm, Sweden” it's a relational and dynamic experience carried out on the field. Through this research I try to describe the context and the social interactions where *rinkebysvenska* emerges, a language developed by young people with foreign background, dwelling in Rinkeby. I start relating the reasons that lead me to choose this research theme and field experience. Then, I introduce the nominative categories that I have adopted. After a theoretic discussion, I analyse the founding speech of Swedish national identity and make a reference to the social borders between the people involved. Next, I try to present an ethnography of Rinkeby, a suburban quarter of Stockholm, where the majority are immigrants. Later, I present examples of sociability manners that are accentuated by the dwellers. I reserve the final part of the research for *rinkebysvenska*; through some interlocutor's viewpoints, I try to present the uses and contexts of this language, as well as the relations between the language and the conflicts with the Swedish society. Finally, my aim is to problemize Rinkeby's young people's identity on the basis of the studied case.

PARTE I

1.1 - Introdução

No semestre 2000.1, ao cursar a disciplina *Relações Interétnicas* oferecida pelo PPGAS - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina - percebi vários pontos de contato entre leituras realizadas e minha experiência como imigrante. No trabalho final da disciplina procurei conciliar teoria e prática e o resultado, segundo a professora, foi “um bom ponto de partida para uma dissertação de mestrado”. Ao ingressar no PPGAS em 2001 passei a formar um banco de dados sobre esse projeto, recorrendo à pesquisa bibliográfica e ao correio eletrônico.

A experiência como imigrante a que me refiro transcorre de abril de 1990 a março de 2000, período durante o qual viajei repetidamente entre Brasil e Suécia, acumulando quatro anos em estadas na Suécia. Numa dessas estadas conheci Rinkeby (Fig.1 e 2), bairro de Stockholm (Fig.3) de maioria imigrante, conhecido pela variedade de línguas faladas (Fig. 4). Em visitas subseqüentes soube que moradores adolescentes comunicavam-se entre si numa linguagem criada por eles mesmos, o *rinkebysvenska*. Nas situações de fala que observei destacavam-se expressões como “*han ba*”, “*typ*”, “*jaba*”, “*duva*”, “*viva*”, estranhas ao sueco, língua oficial do país. O *rinkebysvenska* pareceu-me inverter o mito da Torre de Babel, segundo o qual Jeová introduz diferentes línguas para abortar um empreendimento societário: no *rinkebysvenska* são expressões de diferentes línguas que se unem e essa união se reproduz entre os falantes. A comunicação entre os falantes dessa linguagem deveria ser alcançada, supostamente, através da língua a sueca; por que o *rinkebysvenska*? Ao ingressar no PPGAS associei essa linguagem a teorias socioculturais relacionadas à *identidade e linguagem*, priorizando esse tema de pesquisa.

O fenômeno localizado em Rinkeby guarda relação com a crescente globalização do planeta. Segundo a revista *Veja* de 27 de dezembro de 2000, são trinta milhões de pessoas, todos os anos, a transpor fronteiras entre países. Esse número inclui pessoas que se deslocam a turismo, saúde, estudos, negócios, também pessoas “impelidas pela fome, miséria, guerra civil, catástrofes ambientais e dívidas impagáveis” (Stuart Hall, 1999:81).

Um dos destinos mais procurados por migrantes é a Suécia. O estado de *bem-estar* social, instalado pelo governo social-democrata nos anos trinta, confere aos suecos e imigrantes o direito a um mesmo padrão de vida. Nessa medida de méritos inegáveis transparece um ideal de sociedade igualitária, ideal que de certa forma parece desafiado e desmistificado por descendentes de imigrantes. Nesta pesquisa procuro compreender como adolescentes, moradores de Rinkeby, revelam a busca de conferir significados a diferentes experiências, através do *rinkebysvenska*.

Nesta *Introdução*, procurei apresentar a problemática da pesquisa e aos motivos que me levaram a essa escolha; ainda na **Parte I**, em *Do projeto ao trabalho de campo*, apresento um resumo de como decorreram as atividades de campo realizadas na Suécia; em *Revisão da Literatura*, introduzo os principais autores que me dão suporte teórico.

Na **Parte II**, em *O discurso fundador da identidade nacional sueca*, investigo o discurso de construção da *suedicidade* e a alteridade que emerge na interação entre suecos, imigrantes e descendentes de imigrantes. Na sequência, *O histórico de Rinkeby até sua atual caracterização como bairro de imigrantes*, refiro-me à construção do bairro e a formas de sociabilidade destacadas por seus moradores atuais.

Na **PARTE III**, em *Conversas sobre o rinkebysvenska*, apresento pontos de vista de entrevistados sobre o *rinkebysvenska* e relações que se estabelecem entre os falantes dessa linguagem e conflitos com a sociedade de acolhimento. Em *Considerações finais*, problematizo a identidade do sueco de origem imigrante na atualidade, tomando como exemplo o caso estudado.

Os desafios que acompanham o fluxo contínuo de pessoas a transpor fronteiras geográficas não dizem respeito apenas a este ou aquele país, mas ao mundo como um todo. Sendo assim, gostaria de destacar a atualidade e relevância do debate que esta pesquisa quer provocar.

Figura 1

Mapa de Rinkeby

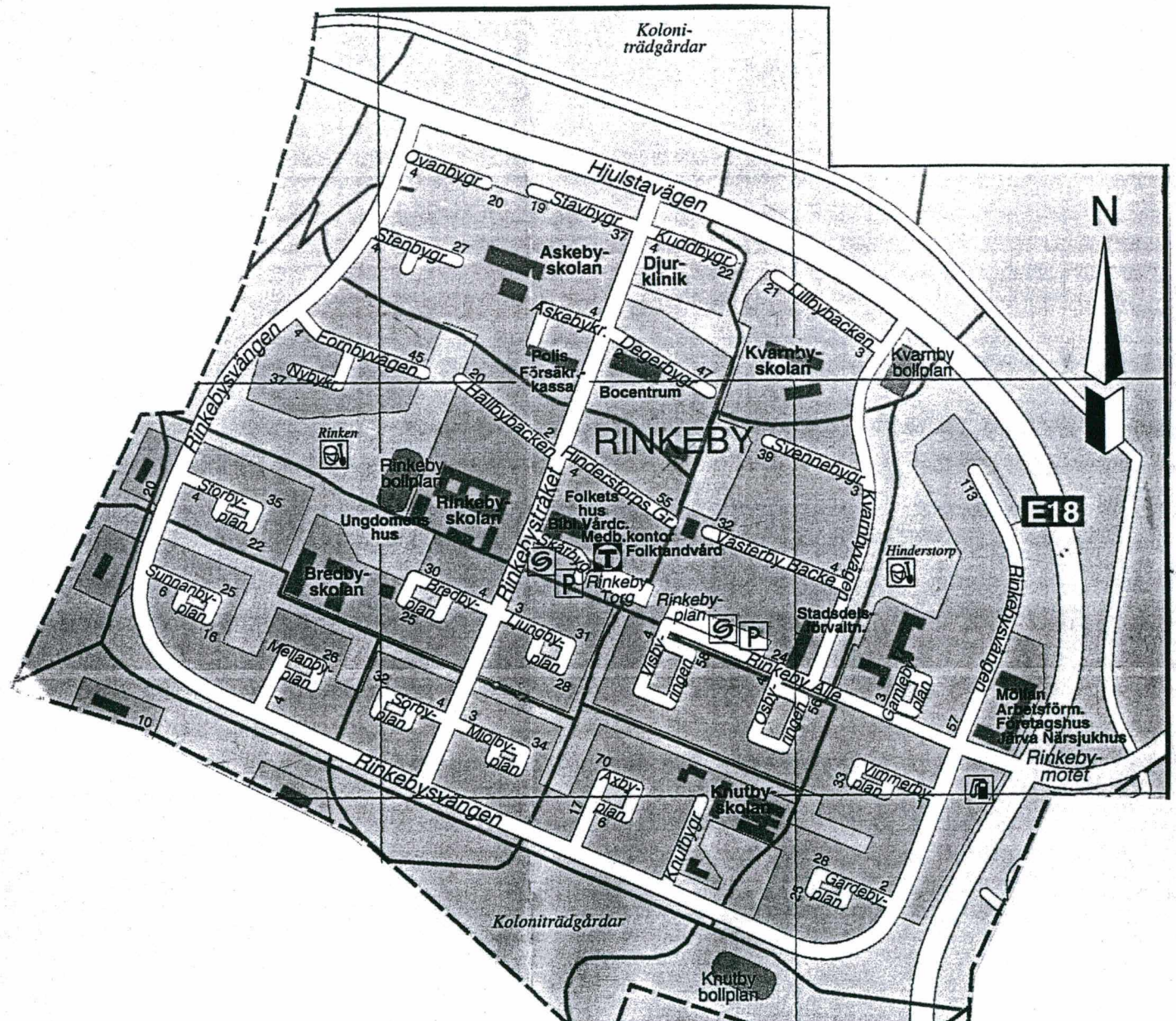


Figura 2

Rinkeby e bairros suburbanos vizinhos



Figura 3

Localização geográfica de Rinkeby e demais bairros de Stockholm

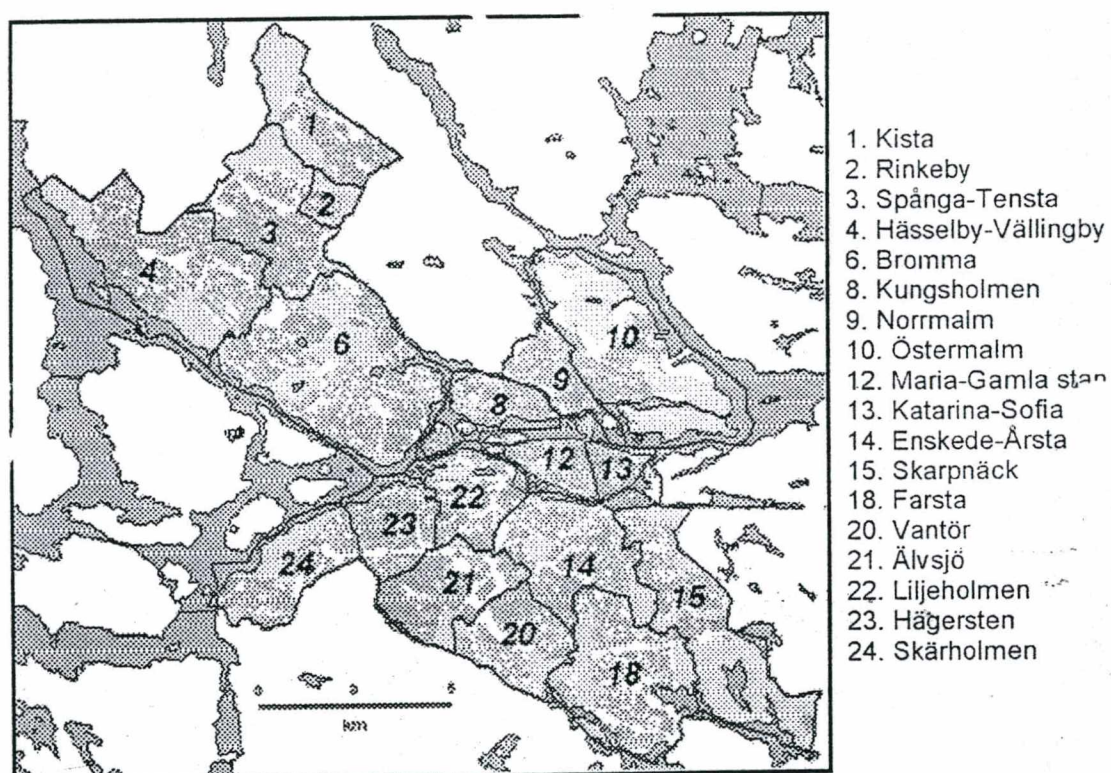


Figura 4

Linguas faladas em Rinkeby, catalogadas, dentre as mais de cem presumidas

albanês	lingala
amharisca	luganda
árabe	mandarim
armênio	mandinka
bengali	persa
bósnio	polonês
búlgaro	português
cantonês	punjabi
checo	romani
coreano	rumänska
croata	russo
dari	sami
dinamarquês	serbo
espanhol	singalês
estonia	siríaca
feili	somali
finlandês	sorani
francês	swahili
grego	tagalog
hebraico	tamil
hindi	tailandês
holandês	tigrinska
húngaro	turco
inglês	urdu
islandês	vietnamita
italiano	wolof
kurmanji	zazaki

Fonte: Språk⁴Institutet i Rinkeby

Figura 5

Distribuição dos moradores de Rinkeby, nascidos fora da Suécia, por campos de origem.

ORIGEM	QUANTIDADE
Escandinávia, excluindo Suécia	540
União Européia, excluindo Escandinávia	1 156
Europa, excluindo União Européia	2 827
Ásia	2 845
África	2 669
América do Norte e Central	90
América do Sul	684
Oceania	7
Ex-União Soviética	47
Desconhecida	156
TOTAL	11 021

Fonte: *USK – Utrednings och Statistikkontoret i Rinkeby*

Figura 6

Os moradores de Rinkeby distribuídos por faixas de idade

ANOS	QUANTIDADE
0	345
1-5	1 744
6	333
7-9	752
10-12	734
13-15	678
16-19	960
20-24	1 277
25-34	2 901
35-44	2 528
45-54	1 554
55-64	912
65-74	553
75-79	163
80	171
TOTAL	15 605

Fonte: *USK – Utrednings och Statistikkontoret i Rinkeby*

1.2 - Do projeto ao trabalho de campo

A idéia original era a de realizar uma pesquisa inteiramente bibliográfica. Após cursar as disciplinas obrigatórias e produzir os primeiros ensaios sobre o tema da pesquisa, optei pela experiência de campo em busca de maior autenticidade. O trabalho de campo foi realizado no período de 18 de dezembro de 2001 a 14 de março de 2002, na Suécia, de acordo com o projeto de pesquisa. Instalei-me em Södertälje, cidade a quarenta minutos de trem de Stockholm. Após alguns dias de adaptação ao inverno nórdico, passei a visitar amigos na capital sueca; foi uma oportunidade para treinar a língua e participar dos eventos natalinos.

O trabalho de campo começou na biblioteca da Stockholms Universitet; com ajuda de dicionários, procurei traduzir palavras-chave a serem empregadas na formulação de perguntas e facilitadores quanto ao entendimento das respostas. Perante a inexistência de um bom dicionário *Português-Sueco*, recorri a dicionários *Inglês-Sueco* e *Espanhol-Sueco*; contudo, em nenhum dicionário localizei a palavra sueca correspondente a “alteridade” e tampouco fiz progressos consultando amigos. Ao mesmo tempo, fui percebendo que amigos suecos, antigos e recentes, discorriam sobre profissões e *hobbies*, perguntavam sobre o estágio de áreas afins no Brasil, mas distanciavam-se ao perceberem o meu interesse quanto às relações sociais entre suecos e imigrantes. O número de tentativas mal sucedidas me levou a pensar que os suecos evitavam pronunciar-se sobre o significado que conferem a suas relações com os imigrantes, embora falassem abertamente sobre formas de *suedicidade*.

Entretanto, procurando a quem entregar três exemplares da revista *Ilha* publicadas pelo PPGAS, consegui um contato pessoal com Ulf Hannerz, *rektor* do curso *Socialantropologi*. Diante da oportunidade indaguei pela palavra sueca correspondente a “otherness” e escutei de Hannerz não existir no vocabulário sueco palavra correspondente. “Se existisse, seria algo como ‘alteritet’, mas não existe” disse Hannerz. Registrei o esclarecimento de Hannerz como uma contribuição relevante para esta pesquisa; a inexistência da palavra “alteridade” no vocabulário sueco não significa a inexistência de alteridade entre suecos, imigrantes e descendentes de imigrantes, mas pode expressar uma

atitude coletiva, por parte dos suecos, contrária à própria idéia de *alteridade*. Procurarei discutir esta possibilidade ao longo do trabalho.

Concentrado na pesquisa bibliográfica, fui atraído pela obra do enólogo sueco Åke Daun, pela frequência com que seu nome era citado. Daun é professor catedrático na Universidade de Stocholm e tem 56 obras publicadas de 1969 a 2001. Em *Swedish Mentality*, obra descrita como “*national character studies*”, com última edição em 1998, Daun faz o que me parece ser uma pesquisa quantitativa-interpretativa da identidade coletiva dos suecos, comparada com identidades coletivas de representantes de outros países. No *Appendix*, Daun diz ter deixado em aberto, na primeira edição do livro, a questão sobre a possibilidade de haver códigos ou princípios considerados como do domínio da cultura sueca e que caracterizassem a sociedade sueca. Como exemplo, Daun pergunta se é possível considerar a “síndrome de insegurança” como um código social sueco. Ao preparar a presente edição em inglês, Daun (1998) informa que Anthony Wallace comunicou-lhe a possibilidade de: certos pré-requisitos históricos comuns, estrutura política, demografia, composição social, linguagem, habitat natural, e outros, proverem as fundações para certos padrões que representam um parentesco em personalidade, visão de mundo e orientação cognitiva. A isto – diz Daun – Eric Fromm acrescenta uma conexão dialética entre instituições e aspectos da personalidade. Daun concorda que muitos valores e padrões de comportamento podem ser traçados com base nessas pré-condições, as quais, para efeito da sua pesquisa, separa em dois itens: 1. posição geográfica da Suécia; 2. demografia da Suécia. Daun desenvolve uma argumentação concluindo que a posição geográfica leva os suecos a agir mais do que a falar; quanto à demografia, Daun conclui que a homogeneidade da Suécia favorece uma personalidade de orientação coletivista; Daun acrescenta que uma população heterogênea tende a uma personalidade de orientação individualista.

No texto do livro, Daun diz que a cultura sueca privilegia igualdade e conformidade em detrimento de diferenças. Como exemplos, Daun menciona o compromisso dos suecos quanto ao estabelecimento de relações igualitárias entre classes sociais e sexos, bem assim quanto à conformidade de valores e comportamentos. Quando os suecos se encontram, diz Daun, eles geralmente procuram estabelecer o entendimento mútuo através da escolha de tópicos de conversação que expressem interesses e experiências similares, evitando

disputas e temas controversos. Daun diz que a busca do entendimento mútuo leva os suecos a evitarem temas controversos ou a pronunciarem-se diante de pessoas das quais ignoram o posicionamento¹. Daun menciona o contraste entre o modo de ser dos suecos e de representantes de outros países, os quais demonstram inclinação pela controvérsia. Daun refere-se ao ideal de uniformidade aspirado pela sociedade do seu país, ideal esse traduzido pela sentença: “Quanto mais parecido, melhor.”². (1989:214). Daun esclarece que a palavra sueca correspondente a *sameness* [senso de comunidade], “*gemenskap*”, é difícil senão impossível de traduzir adequadamente para o inglês, uma vez que à expressão inglesa *sameness* faltam aspectos positivos contidos na palavra sueca *gemenskap*³. Considerei a leitura de *Swedish Mentality* oportuna e também um bom retrato, imaginado ou não, da sociedade sueca. Passei a compreender melhor minhas dificuldades quanto a obter informações dos suecos e a perceber, na sociedade sueca, o culto às idéias de igualdade e uniformidade, em detrimento de idéias que expressem diferenças; também constatei a necessidade, por parte de Daun, de recorrer à contrastividade quando trata de definir o *sueco*.

Na sequência da pesquisa na biblioteca da Stockholms Universitet, percorri as estantes reservadas à antropologia social e também as de periódicos, fichando o material que poderia interessar. Em relação aos periódicos, percebi que este tipo de mídia impressa mantém articulistas hábeis quanto a identificar e colocar em debate os temas de interesse do momento; com frequência diária e semanal, centenas de leitores aceitam as provocações desses articulistas e, através de correspondência eletrônica aberta, envolvem-se em debates que dão origem a novos temas de interesse. Paradigmático, nesse sentido, é o jornal *Metro*⁴

¹ No original: “They each want ‘to play the same melody’ with the same rhythm and in the same key. [...] Consequently, Swedes are never eager to express what they think about controversial issues if they have no idea what others’ views are on the subject. As has already been mentioned, Swedes avoid face-to-face disputes.” (1989:105).

² No original: “Sweden’s relative homogeneity not only constitutes a general pattern but simultaneously represents what is desirable – that is, an emphasis on the collective. Sameness between people is considered part of the natural order to the degree that it is seen as legitimate and worth striving for: the more alike, the better.” (1989:214).

³ No original: “difficult, if not impossible, to translate adequately into English, since its lexical meaning, ‘sense of community or togetherness’ lacks the exceedingly strong positive ramifications of the Swedish word.” (1989:68).

⁴ O *Metro* pertence à rede de jornais *Metro Internacional S.A.*, com distribuição gratuita em 15 capitais do mundo. Na Suécia, o jornal tem formato tablóide com mais de 40 páginas, edições em Stockholm, Göteborg e Skåne, um total de 1.030.000 leitores por dia. Os principais pontos de distribuição são estações de metrô, de trem, ônibus e centros das capitais.

e sua página *Kolumnen* (A coluna). Nos periódicos, as referências à presença dos *imigrantes* e aos bairros de maior concentração de imigrantes, me pareceram diárias.

A partir dessa fase da pesquisa deparei com algumas das categorias nominativas que me chamaram a atenção pela frequências com que são usadas, sobretudo quando se trata de comentar estatísticas oficiais: "o sueco-sueco" (*Svenskt-svensk*), referida para o indivíduo com dois pais suecos; "imigrante" (*invandrare*), para o indivíduo adulto, residente mas nascido fora da Suécia; "sueco de origem estrangeira" (*svensk med utlandsk bakgrund*), para o indivíduo tido como jovem e com pelo menos um dos pais *imigrante*. Os "sueco-suecos" também se referem a esta categoria como "segunda geração de imigrantes" (*andra generation invandrare*) e ainda como "cidadão sueco" (*svensk medborgare*), forma sutil de registrar a aquisição posterior da cidadania e diferenciar da condição nata do "sueco-sueco".

Nessa fase da pesquisa eu também estava envolvido com os trabalhos finais da disciplina Teoria Antropológica e um dos autores de referência era Tim Ingold (1995), o qual escreve, em *Humanidade e Animalidade*: "Os seres humanos reais não podem ser enquadrados em categorias artificiais; é esta precisamente a razão pela qual casacos que se compram prontos, modelados para vestir um tipo e não um freguês específico, nunca nos caem perfeitamente bem." (1995:46). O comentário de Ingold aplica-se bem ao caso das categorias nominativas referidas acima. Por exemplo, a categoria *sueco-sueco* pode incluir indivíduos fruto da união entre suecos e dinamarqueses, suecos e noruegueses, suecos e representantes de povos anglo-saxões; a categoria *imigrante* pode incluir indivíduos adultos nascidos na Suécia, mas vistos como não escandinavos ou não *anglo-saxões*; a categoria *sueco de origem estrangeira*, ou *segunda geração de imigrantes*, vincula indivíduos nascidos ou não na Suécia à condição de descendentes de imigrantes, podendo incluir indivíduos com ambos progenitores nascidos na Suécia. Lembro que por definição só se imigra uma vez para um determinado país, mas a regra corrente na Suécia, para não escandinavos e não anglo-saxões, parece ser: "uma vez imigrante, sempre imigrante". Os que têm o poder de nomear baseiam-se no que a pessoa parece ser, não no que é; a expressão pejorativa sueca "*svartskallar*", singular *svartskalle* (cabeça-escura), é usada para designar indivíduos portadores de sinais indeléveis considerados como de não

europeus. Os *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira* também cunharam formas de designar os *suecos-suecos*, sendo as mais conhecidas "svenne" (sueco) e "svennarna" (algo como suecada), corruptelas de "Sven" e "Svensson", os nomes mais comuns da Suécia.

Concepções da Natureza Humana, de Edmund Leach (1984), era outra das leituras com as quais eu estava envolvido à época do trabalho de campo pelos motivos já mencionados. Leach refere-se "à crença preconcebida de que aqueles que se parecem 'conosco' são os melhores de entre todos os homens" (1984:30) e comenta o trabalho de Lineu - por coincidência sueco - no qual os seres humanos são classificados por critérios que misturam características físicas e generalizações preconceituosas. Leach diz que "[Lineu] apenas seguia um modo normal e universal de pensar a que nem os antropólogos dos nossos dias são totalmente imunes." (1984:58). Penso que os *antropólogos dos nossos dias* não estão nem um pouco imunes ao *modo normal e universal de pensar*; embora busquem o distanciamento preconizado pela disciplina, os antropólogos são parte dos fenômenos que pretendem compreender. Além disso, ao tentarem comunicar esses fenômenos, os antropólogos não possuem outra linguagem senão a *normal e universal*. Vou antecipar um pouco a discussão teórica e lembrar Bourdieu (1989), em *O Poder Simbólico*; para esse autor, noções como "etnia" e "etnicidade" "são eufemismos eruditos para substituir a noção de 'raça', contudo, sempre presente na prática." (1989:112). Também concordo plenamente com Bourdieu no que segue: "a preocupação de submeter à crítica lógica os catagoremas do senso comum, emblemas ou estigmas, e de substituir os princípios práticos do juízo quotidiano pelos critérios logicamente controlados e empiricamente fundamentados na ciência, faz esquecer que as classificações práticas estão sempre subordinadas a *funções práticas* e orientadas para a produção de efeitos sociais. (1989:112) Neste caso, a necessidade de compreender o fenômeno pesquisado me leva a adotar as categorias *sueco-sueco*, *imigrante* e *sueco de origem estrangeira*, apesar das deficiências apontadas. Vou apenas dispensar as designações *segunda geração de imigrantes* e *cidadão sueco*, dando preferência a *sueco de origem estrangeira*, por me soar mais includente.

No dia 14 de janeiro de 2002 terminou a série de eventos que compõe o natal sueco e o país voltou à rotina quanto à alimentação, relacionamento entre pessoas e trabalho; decidi folgar das leituras e ir a Rinkeby. Na estação central do metrô em Stockholm

(*Tunnelbana Central*) peguei a *Linha Azul* e oito minutos depois estava na estação Rinkeby. A estação Rinkeby parece mais estreita e menos iluminada que as estações precedentes e talvez comece por aí a fama de Rinkeby quanto a ser um bairro escuro, frio e ventoso. Para chegar ao piso superior, o passageiro pega uma extensa escada rolante e cruza com passageiros estáticos e silenciosos, em movimento contrário; ninguém parece gostar dessa passagem. Chegado ao piso superior, o passageiro percorre uma galeria escura e finalmente alcança a *Rinkeby Torg*: uma praça em concreto, com dimensões de um pequeno campo de futebol, contornada por mercados, restaurantes, boutiques, uma pista de boliche, uma mesquita e salas ocupadas pelas chamadas organizações “étnico-nacionais”: “Turco-Sueca”, “Somali-Sueca”, “Chilena-Sueca”, “Bósnia-Herzegovina na Suécia”, “Finlandeses-suecos na Suécia”, Afro-suecos na Suécia”, “Refugiados Iranianos na Suécia”. Apesar do frio, a praça está bem movimentada e dentre os transeuntes sou atraído pelos que usam turbantes, véus, mantos, burkas e adereços para mim extravagantes. As pessoas me parecem caminhar sem pressa, fazem longas paradas, os homens conversam alto, fazem gestos largos e pronunciados. A maioria me parece ter a pele morena, olhos e cabelos escuros, mas também há loiros e olhos azuis. Rinkeby foi projetado para que os moradores confluem para Rinkeby Torg e um observador não precisa de muito tempo para tomar contato com sua diversidade cultural. O transeunte que vem das áreas residenciais em direção à Rinkeby Torg encontra em cada um dos quatro acessos uma placa indicativa com os dizeres: “*Rinkeby Spänande Centrum*” (Centro Emocionante de Rinkeby).

São dez horas, a neve cobre a praça e um vento frio incomoda; não consigo permanecer no local mais do que dez minutos e entro na Rinkeby Galleria, de ambiente climatizado. O *Sweetland Café* está lotado com dezenas de homens, algumas mulheres e vários carrinhos de bebês estacionados entre as mesas. Circulo pelas lojas e imagino ter em mãos uma filmadora, cujos registros poderiam interessar meus colegas do PPGAS. Mas essa forma de olhar deve ter chamado a atenção de funcionários e, entre uma vitrine e outra, percebo que também sou observado. Procuro “naturalizar” o meu olhar.

Refeitas as energias com um lanche, deixo a galeria e caminho pelas áreas residenciais. Segundo o *USK-Utrednings och Statistikkontoret i Rinkeby* (2000)⁵, Rinkeby

⁵ O *USK-Utrednings och Statistikkontoret i Rinkeby* é um órgão governamental de estatística e geografia, correspondente ao IBGE brasileiro.

ocupa a área de um quilômetro quadrado e tem cinco mil apartamentos: 10% são apartamentos de um quarto e cozinha; 24% de dois quartos, 48% de 3 quartos, 16% de 4 quartos e 3% com cinco ou mais quartos. Esses apartamentos abrigam uma população de 15.605 moradores (Fig. 5), dos quais 11.021 nascidos fora da Suécia (Fig. 4). Quatro anos atrás, pichações e *graffitis-arte* me pareciam cobrir fachadas de edifícios, viadutos e outras superfícies disponíveis, mas agora vejo um bairro restaurado, pinturas recentes e vias de acesso melhoradas. Perto de uma escola infantil reparo num grupo de umas dez crianças em meio ao que parece ser uma briga; uma delas consegue jogar um revólver de brinquedo para as mãos de um colega e antes que os demais consigam alcançá-lo, este aponta a arma, faz “pum”, “pum”... e alguns colegas caem sobre a neve. Percebo que não é uma briga, mas uma brincadeira com certas regras. Pelo que sei dos *suecos-suecos*, as crianças devem ser demovidas de brincadeiras como essas.

Voltei a Rinkeby em dias subseqüentes, duas a três vezes por semana. Nos dias mais ensolarados, o fluxo de pessoas na Rinkeby Torg aumentava, os bancos da praça ficavam lotados e crianças disputavam corridas. Em ocasiões como essas eu permanecia mais tempo em observações ao ar livre e fui percebendo a presença de pessoas que não me pareciam morar em Rinkeby; pela forma de vestir, andar e comportar-se, algumas me pareciam representantes comerciais, outras jornalistas, pesquisadores acadêmicos ou de mercado: abordavam transeuntes, faziam perguntas, anotavam dados. Certa vez vi uma equipe de três pessoas improvisar um estúdio fotográfico numa das esquinas mais movimentadas da praça; essa equipe abordava alguns dos transeuntes e convidava-os a posar, individualmente ou em pequenos grupos, diante de uma câmera especial para retratos. Percebi que poucas pessoas consentiam em ser fotografadas, mas fiquei curioso em relação ao objetivo do trabalho; seria antropologia visual? Num momento em que a equipe procurava aliciar uma família, aproximei-me em busca de alguma pista. Para minha surpresa, eu próprio fui abordado, em sueco: “Olá, gostaríamos de lhe oferecer um retrato”. Perguntei: “Por que vocês gostariam de me oferecer um retrato?”. “Por que você está aqui”, foi a resposta. Eu disse: “Eu não moro em Rinkeby, sou um pesquisador brasileiro”. Escutei: “O importante é que você está aqui”. Declinei a oferta diante da possibilidade de um dia ver o meu retrato numa publicação tipo “expressões da diversidade multicultural de

Rinkeby”. Contudo, retornei ao meu trabalho de campo consciente de que, por estar em Rinkeby, eu fazia parte do fenômeno Rinkeby.

Como estava dizendo, a presença de pessoas nos espaços públicos de Rinkeby aumentava nos dias mais quentes. Chamou-me a atenção o grande número de crianças acompanhadas pelos pais, confirmando estatísticas que indicam Rinkeby como o bairro de Stockholm com maior índice de natalidade⁶. Mas nesses espaços públicos constatei a ausência da população adolescente, faixa de idade 13-19 anos, 1.407 indivíduos segundo o USK (fig.6). É nessa faixa de idade que presumo concentrar-se a maioria dos falantes do *rinkebysvenska*, embora pesquisadores tenham encontrado falantes de seis e vinte e cinco anos de idade. Fui informado que a população na faixa mencionada passa parte da manhã e parte da tarde na Rinkebyskola e então atribuí a sua ausência, nos espaços comunitários, ao horário escolar.

Conforme pode ser visto na Fig.3, Rinkeby é atravessado de norte a sul por uma avenida chamada *Rinkebystråket*. Saindo da Rinkeby Torg em direção à Rinkebystråket, o transeunte depara com a Rinkebyskola antes mesmo de atravessar essa avenida: trata-se de um projeto moderno, em forma de bloco retangular, de dois pisos e ambiente climatizado. Ao lado foi construída posteriormente a *Ungdomens hus* (Casa da juventude), um complexo poli-esportivo, cultural e educacional, aberto diariamente até às 24 horas; a *Ungdomens Hus* abriga a instituição *Lugna Gatån* (Rua Tranquila), patrulha jovem anti-drogas e anti-violência, referida mais adiante. A Rinkebyskola ministra cursos regulares e profissionalizantes nas áreas normal, ciências e cultura. Numa pesquisa internacional realizada em 1998, 84% dos alunos da Rinkebyskola declararam-se “satisfeitos” e “muito satisfeitos” com sua escola⁷; por esse resultado, a Rinkebyskola recebeu um prêmio da União Européia. Entretanto, o jornal *Dagens Nyheter* de 13 de março de 1999, baseado numa pesquisa oficial, diz que “três de cada quatro alunos da Rinkebyskola, no final dos nove anos de estudos obrigatórios, não consegue ser aprovado na leitura, escrita e compreensão de um texto em sueco.” Na escola de Östermalm⁸ - diz o mesmo jornal -

⁶ Segundo o USK-Utrednings och Statistikkontoret i Rinkeby 29% dos moradores de Rinkeby estão na faixa de idade entre 0 a 15 anos, enquanto que para o resto de Stockholm, o índice para a mesma faixa de idade é de 18%.

⁷ As escolas da grande Stockholm alcançaram média de 70% “satisfeitos” e “muito satisfeitos”, índice já considerado elevado na Europa.

⁸ Östermalm é um dos bairros de Stockholm onde se concentra a elite sueca.

apenas 3,3% dos alunos do mesmo nível reprova nesse teste. Interpelado pelo Dagens Nyheter quanto a esse desempenho, o reitor, imigrante finlandês, informa que a Rinkebyskola tem 13 professores para cada 100 alunos e transitam cerca de 1000 alunos por dia, 95% dos quais de origem estrangeira. Segundo o reitor, "é como competir numa prova de 100 metros, partindo 20 metros atrás dos demais competidores." Com essa metáfora, o reitor mostra que é injusto comparar o desempenho escolar de Rinkeby com o de outros bairros, devido a condições sociais diferentes.

Fora do horário escolar, os pontos mais freqüentados pela população adolescente de Rinkeby são: *Ungdomens Hus* e *Rinkebys Folket Hus* (Casa do Povo de Rinkeby), onde funciona a Biblioteca. Os funcionários concedem que os freqüentadores mais jovens transformem a biblioteca num ponto de encontro e criação, dentro de um amplo projeto de cidadania, também referido adiante. O jornal sueco *Expressen*, de 29/02/00, na série de reportagens "O que há de melhor em cada bairro de Stockholm", elegeu a biblioteca de Rinkeby como "a mais animada". Por outro lado, são freqüentes as reclamações dos adolescentes quanto à inexistência em Rinkeby de um cinema ou casa de espetáculos, obrigando-os a deslocar-se a outros bairros suburbanos e à capital.

Após algumas tentativas de contato com adolescentes nos locais referidos acima, percebi que não teria possibilidade de direcionar os diálogos de acordo com o roteiro previsto; os adolescentes mostraram-se demasiado irreverentes e dispersivos. Para conseguir entrevistas consistentes, precisaria mais tempo de imersão no campo, maior domínio da língua sueca e de um treinamento mais específico. Lembro a experiência de Ulf Hannerz (1969), em *Soulside*; Hannerz diz que preferiu o contato com adultos e crianças ao contato com adolescentes e assim se justifica: os adolescentes do gueto Winston Street eram centrados neles mesmos, preferiam não ter adultos por perto e mostravam-se hostis para com curiosos de fora. Assim, optei no campo pela não abordagem de adolescentes e não poderei apresentar nesta pesquisa elementos para análise a partir de categorias "êmicas", restando explorar categorias "éticas": como *suecos-suecos* e *imigrantes* não falantes do *rinkebysvenska* vêem essa linguagem. Também pelo motivo alegado não poderei considerar esta pesquisa como resultado de "observação participante" e mais como uma perspectiva relacional e dinâmica, com pesquisa bibliográfica acadêmica e de publicações que na Suécia interagem com milhões de leitores por dia.

No campo aberto, em meio a infinitas possibilidades de olhar o problema em pesquisa, percebi que o *rinkebysvenska* podia ser interessante para mim mas completamente indiferente para moradores do bairro. Essa constatação levou-me a desistir da abordagem direta e, para estabelecer contatos, passei a deixar à vista o meu dicionário de bolso *Português-Sueco*; a curiosidade sempre levava alguém próximo a interpelar-me quanto à minha possível nacionalidade. Procurava satisfazer a curiosidade do interlocutor, identificá-lo e fazer as perguntas previstas no roteiro:

1. "Você sabe o que é o 'rinkebysvenska'?"
2. "Você conhece algumas palavras do 'rinkebysvenska'?"
3. "Você sabe em que contextos é falado o 'rinkebysvenska'?"

Nas entrevistas, procurei moradores de origem latina por facilidades de comunicação. Em momento algum usei gravador e procurei anotar os tópicos das respostas na hora. Parte das entrevistas foi reproduzida em discurso indireto, forma adotada para não passar a impressão de que os diálogos transcorreram de forma seqüencial. Ao longo dos diálogos surgiram perguntas e provocações por parte dos entrevistados e intervenções por parte de terceiros; em alguns momentos, os entrevistados foram mais "interpeladores" que "interlocutores". Na redação final omiti comentários que nada tinham a ver com as perguntas do roteiro ou sem interesse para o assunto aqui abordado, bem assim como mal-entendidos e problemas de comunicação. Sendo assim, o resultado da pesquisa é reconhecidamente interpretativo, nos termos de Geertz e seguidores.

O relato sobre a experiência de campo me leva a uma reflexão sobre o método da produção etnográfica, inspirado em autores que me cativaram ao longo do curso. Em *Sobre o pensamento antropológico*, Cardoso de Oliveira (1988) remonta às origens das ciências sociais e lembra as preocupações metodológicas e ordenadoras de seus fundadores. Na seqüência, Cardoso mostra que o objeto que tem caracterizado a Antropologia Social - a compreensão do "Outro" - convive agora com a preocupação da disciplina em compreender-se a si mesma. Cardoso diz que o paradigma subjacente a essa antropologia pode ser chamado de hermenêutico. Este novo paradigma, "começa a se impor na disciplina na medida em que logra contaminá-la de elementos conceituais solidários de uma categoria

oposta à ordem: a subjetividade, o indivíduo, a história, fatores de desordem em cada uma das escolas fundantes, tradicionais.” (Cardoso, 1988:93). Cardoso refere-se à influência do pensamento de Dilthey (1833-1911) e diz que “o núcleo da nova antropologia está na própria noção de *Verstehen*” (1988:100). O que é *Verstehen*?

A busca de esclarecimentos levou-me a *The Operation Called Verstehen*, de Theodore Abel (1948). *Verstehen*, segundo este autor, é um método singular pelo qual tentamos compreender a conduta humana; por exemplo, a compreensão de uma conduta pouco familiar ou inesperada nos alivia do sentimento de apreensão que nos invade, sempre que o sentido de uma conduta não é compreendido. Theodore Abel diz que Dilthey foi um dos primeiros a enunciar o método *Verstehen* com a obra *A Natureza do Conhecimento Histórico*, na qual discute as diferenças entre a metodologia das ciências naturais e a dos estudos humanos.

De volta a Cardoso (1988), este autor identifica um movimento hermenêutico nos EUA, responsável pelo que vem sendo chamado de *Antropologia Interpretativa*. Cardoso diz que Clifford Geertz lidera esse movimento desde a *A interpretação da Culturas*, conjunto de ensaios no qual oferece a primeira proposta de uma antropologia que subverte a tradição, na medida em que nega o discurso cientificista; segundo Cardoso, outras obras de Geertz, como *Conhecimento Local* e *Do ponto de vista do nativo*, seguem a mesma proposta: a subjetividade desloca a objetividade e torna-se inter-subjetividade. Cardoso diz que a hermenêutica coloca a objetividade do conhecimento sob suspeita e as grandes teorias são questionadas, surgindo uma antropologia que se espanta e critica a si mesma, papel antes característico da filosofia. O texto que se procura elaborar como resultado do encontro etnográfico - prossegue Cardoso - não está mais submetido a um único intérprete; integra de alguma forma o saber do outro num exercício pleno de intersubjetividade. Cardoso comenta a sentença de Geertz - “todos nós somos nativos” - a sugerir que o fim da colonização eliminou as posições privilegiadas: todos somos sujeitos da interpretação. Cardoso cita Vincent Crapanzano e Paul Rabinow como outros representantes dessa nova antropologia.

Reflections on fieldwork in Morocco, de Paul Rabinow (1977), é também um exemplo de antropologia interpretativa. O livro descreve as dificuldades e complexidades envolvidas na compreensão do outro e o autor assume-se como personagem nas

negociações com os informantes, num processo intersubjetivo de construção. Ao fazer a reconstrução de um conjunto de encontros ocorridos durante o trabalho de campo, Rabinow reconhece apresentar a condensação de um mosaico de pessoas, lugares e sentimentos; alguns informantes não são mencionados e outros estão condensados em figuras presentes. Para Rabinow, os fatos da antropologia - o material pelo qual o antropólogo foi ao campo buscar - são sempre suas interpretações próprias. A antropologia é uma ciência interpretativa e todos fatos culturais podem ser interpretados de várias formas; o informante interpreta sua própria cultura, a do antropólogo, e vice-versa. Antropólogo e informante vivem num mundo de rede de significados e não há posição privilegiada nem perspectiva absoluta. As dificuldades de comunicação tornam necessário desenvolver a partilha de símbolos, numa construção mútua e pública. Compreensão e interpretação, conclui Rabinow, são os passos da hermenêutica.

Outro exemplo de antropologia interpretativa é *Tuhami*, de Vincent Crapanzano (1985). O autor começa por colocar em dúvida a invisibilidade e neutralidade do antropólogo. Ao negar a si próprio numa etnografia, diz Crapanzano, o antropólogo nega a dinâmica essencial do encontro e realiza uma pintura estática das pessoas que estuda; ao assumir-se como personagem, o antropólogo torna-se um participante ativo na história de vida do informante. *Tuhami* é uma história de vida sobre um tecelão analfabeto, marginalizado pela comunidade de um vilarejo marroquino. Tuhami acredita estar casado com uma mulher demônio possessiva, condição que o obriga a renunciar a situações confortáveis para atender às exigências da esposa. Crapanzano interpreta a narrativa de Tuhami: sentindo-se rejeitado pela família e sociedade, desde a infância, Tuhami procura dissimular o sentimento de rejeição que sofre criando uma história auto-gratificante. Em *Tuhami*, as figuras do antropólogo e do informante parecem fundir-se, pois ambos se interpretam.

Prossigo com o assunto da produção etnográfica lembrando o aspecto “alegórico”. Diz James Clifford (1998), em *A Experiência Etnográfica*: “A escrita etnográfica é alegórica tanto no nível de seu conteúdo (o que ela diz sobre as culturas e suas histórias) quanto no de sua forma (as implicações de seu modo de textualização).” (1998:63). E mais adiante, o mesmo Clifford: “Não há maneira alguma de separar, definitivamente e com precisão cirúrgica, o factual do alegórico nos relatos culturais.” (1998:94). Clifford lembra

ainda que nenhum autor, mesmo com treinamento disciplinar, pode limitar as múltiplas interpretações a que seu texto está sujeito. Aproveitando o gancho de Clifford, a cada revisão feita neste trabalho eu próprio fui percebendo diferentes formas de interpretar as experiências que procurei descrever.

Para finalizar esta incursão sobre o método de pesquisa e produção da etnografia interpretativa, cito um alerta de Cardoso de Oliveira (1988) sobre o paradigma hermenêutico. Cardoso alude à possibilidade de um desenvolvimento perverso desse paradigma, “gerando uma espécie de *interpretativismo* e, numa versão mais radical, uma “total descrença na razão”. Contudo, Cardoso de Oliveira prefere não dogmatizar e acreditar que a consciência hermenêutica veio enriquecer a disciplina “graças ao contínuo exercício da suspeita”(1988:102.).

1.3 – Discussão teórica

Venho aprendendo que a disciplina Antropologia Social não possui um corpo de doutrina unificado nem uma teoria acabada que contemple todo seu campo de investigação; sendo assim, estou recorrendo à contribuição de diferentes autores para compreender a vida no campo, fragmentada e não organizada, como diz Tyler (1986).

Em *Sobre Representações Sociais*, Serge Moscovici (1985) diz que a principal característica de uma categoria é a imposição de um modelo de comportamento que expressa nossas expectativas em relação a todos indivíduos supostamente pertencentes a ela. Nas palavras de Moscovici, “se nós colocamos um indivíduo na categoria de marxistas, pescadores ou leitores do *Le Monde*, ele está sujeito a todo um conjunto de limitações relativas a sua linguagem, sua mobilidade física e seus hábitos. Se adicionalmente nós o tornamos consciente desta categorização, nós a impingimos a ele formulando exigências definidas que estão associadas com nossas expectativas.” (1985:16). Em *O Poder Simbólico*, Bourdieu (1989) fornece algumas pistas sobre quem tem o poder de categorizar. Bourdieu diz que as diferentes classes que compõem uma sociedade estão envolvidas numa luta simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses. Bourdieu refere-se aos instrumentos de exercício do poder envolvidos nessa luta, os quais têm a função de impor ou legitimar a dominação de uma classe sobre outra, contribuindo assim para a “domesticação dos dominados”. (1989:11). O poder a que Bourdieu se refere é o *simbólico* e “só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos” (1989:8). Língua, arte e religião seriam alguns dos instrumentos de exercício desse poder, os quais contribuem para a integração da classe dominante ao asseguram a comunicação entre os seus membros e a distintividade de seus membros em relação aos de outras classes. Bourdieu diz que a classe dominante tem o poder de nomear e hierarquizar as classes, podendo desmobilizar as classes dominadas em função dos interesses da ordem estabelecida; para isso, a classe dominante disporia também do poder econômico.

Tanto Bourdieu quanto Moscovici foram leituras recentes e me levaram a questionar a perspectiva *interacionista* apreendida da leitura de *Grupos Étnicos e Suas Fronteiras*, de Fredrik Barth (1969). Esta perspectiva, prevista como referencial teórico no projeto de

pesquisa, argumenta em termos de ações recíprocas, enquanto Bourdieu e Moscovici admitem assimetrias nas relações entre as classes em interação, uma com poder de dominar e nomear a outra. No caso desta pesquisa, penso que a auto-referente categoria *o sueco-sueco* tem o poder de nomear e hierarquizar classes como *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira*, dentre outros motivos, por ser representante de um Estado-nação antigo, ser majoritária e deter o controle dos meios de comunicação. O poder dos *suecos-suecos* é exercido com a cumplicidade dos *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira* e Moscovici (1985) ajuda a entender essa cumplicidade: ser nomeado “significa ser retirado de uma anonimidade inquietadora e ser premiado com uma afiliação assim como colocação dentro de uma rede de palavras especiais. Em resumo, significa uma posição segura na matriz de identidade da cultura.” (1985:18). Para ilustrar esse ponto: a expressão *svartskalle*, geralmente pronunciada em voz baixa pelos *suecos-suecos* a menos que a intenção seja agredir alguém, foi assimilada pelos que se reconhecem com as características por ela designadas. Por exemplo, Inga-Lina Linqvist, colunista do jornal Metro, assim começa o seu artigo de 30 de setembro de 2000: “Eu sou uma genuína *svartskalle*, judia crescida na velha União Soviética.” Por parte dos *suecos-suecos*, a expressão “*svenne*” é vista como ofensiva.

Bourdieu e Moscovici deslocam a perspectiva *interacionista* do centro deste trabalho, mas ainda assim ela me parece um bom contributo quanto ao processo de formação das identidades, pessoais e coletivas. Ao comentar a obra de Barth, Poutignat e Streiff-Fenart (1998) escrevem: “Barth substituiu uma concepção estática da identidade étnica por uma concepção dinâmica.” (1998:11). Na concepção de Barth, explicam os dois autores, os grupos étnicos não são grupos concretos mas tipos de organização, sendo as identidades pessoais ou coletivas construídas e transformadas nas interações; essas interações, “através de processos de exclusão e inclusão, estabelecem limites entre tais grupos, definindo os que integram ou não.” (1998:11). Poutignat e Streiff-Fenart, baseados no pensamento de Barth, afirmam que o isolamento geográfico e social não está na base da diversidade étnica; as fronteiras étnicas persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. A interpenetração e a interdependência entre os grupos, características do mundo moderno e do universo urbano, longe de dissolverem as identidades étnicas, são “as condições de sua perpetuação.” (1998:62). De acordo com Poutignat e Streiff-Fenart, os

valores culturais dos grupos étnicos - símbolos simultaneamente compreensíveis por *insiders* e *outsiders* - “servem como critérios para avaliar ou negar a pertença.” (1998:132). Segundo Poutignat e Streiff-Fenart, Barth introduz o termo “diacrítico” para designar sinais ou signos manifestos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo geral de vida. Nesta pesquisa, o *rinkebysvenska* aparece como o mais importante diacrítico manifesto entre as categorias sociais destacadas.

Ainda na perspectiva interacionista, vou incluir o pensamento de Abner Cohen (1978) em *O homem bi-dimensional*. Diz Cohen: “Como demonstra G.H.Mead (1934), a individualidade, ou identidade própria, e mesmo o conceito de ‘eu’, são adquiridos pelo homem através da interação com outros homens, entre os quais a comunicação é feita através de símbolos. O homem nasce em sociedades que comportam uma cultura e uma estrutura, as quais serão responsáveis por sua formação como indivíduo.”(1978:58). Para Cohen, no processo de construção da identidade, individual ou coletiva, o sujeito não é passivo e reage de diferentes formas à sociedade, participando ativamente na formação da própria identidade. Essa identidade não se constrói de forma definitiva, mas é continuamente reestruturada.

Nesta pesquisa procuro uma ponte entre a perspectiva de Cohen sobre processo de construção da identidade e o pensamento de Thomas Hylland Eriksen (1993); em *Ethnicity & Nationalism*, Eriksen considera como *típicos grupos étnicos* minorias urbanas européias formadas por imigrantes e menciona o conflito enfrentado pelos descendentes desses grupos étnicos: pertencer ao mesmo grupo étnico dos pais ou adaptar-se à cultura majoritária. Para Eriksen, esta não é uma decisão unilateral, pois também depende da sociedade dominante estar ou não interessada em acolhê-los como novos membros. Eriksen introduz a possibilidade dos descendentes de imigrantes constituírem uma nova categoria étnica.

Hannerz (1993), em *The Global Ecumene*, introduz o termo *creolização cultural* para referir-se ao processo segundo o qual culturas periféricas atravessam fronteiras e alcançam o centro, numa criativa interação. O termo *periferia* pode significar um bairro suburbano, manifestações artísticas, culturais e lingüísticas mantidas à margem do sistema, ou até mesmo um país em desenvolvimento; *centro* pode significar o *establishment*

cultural, artístico, lingüístico, ou um país desenvolvido. O que Hannerz parece identificar é um fluxo no sentido periferia-centro, reduzindo a tradicional pressão no sentido centro-periferia. Penso que o *rinkebysvenska*, fenômeno em expansão na Suécia como procurarei mostrar, é compatível com conceito de *creolização cultural* introduzido por Hannerz.

O capítulo “Discurso fundador da identidade nacional sueca”, desta pesquisa, tem como referencial teórico o livro de Eni Puccinelli Orlandi (1993), *Discurso Fundador: A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional*. Orlandi diz que em relação à história de um país, “os discursos fundadores são discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país.”(1993:7). Orlandi sustenta que a memória nacional se encarna em símbolos e *lugares* tais como: “festas, emblemas, monumentos e comemorações, mas também louvações, arquivos, dicionários e museus.”(1993:12) e também “enunciados [...] que nos vão inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido.”(1993:12). Para Orlandi, não são os enunciados em si mesmos que funcionam, mas as imagens enunciativas, a versão que fica como referência na construção da memória nacional. Orlandi menciona a importância da língua e literatura nacionais na afirmação da identidade nacional e o papel do dicionário como legitimizador do “genuíno vocabulário[...], quanto ao bom falar, bom dizer e do bom escrever” (1993:51).

O referido capítulo desta pesquisa tem ainda como referencial teórico Renato Ortiz (1985), em *Cultura brasileira e identidade nacional*; Ortiz afirma que tanto a identidade nacional como a memória nacional derivam de construções de segunda ordem e critica os autores que investem na busca da ‘identidade nacional’ em eventos sociais, tradições culturais e traços de caráter. Segundo Ortiz, investir nessa busca é essencializar e atribuir imutabilidade a uma entidade abstrata; as manifestações culturais através das quais se procura a identidade nacional modificam-se no tempo e espaço e se dissolvem na heterogeneidade dos povos. Ortiz pergunta: “quem é o artífice desta identidade e desta memória que se querem nacionais?” (1985:139). Ortiz explica que entre as ordens de fenômenos *popular* e *nacional*, existe a figura de um *agente intermediário*; essa figura é representada pelos intelectuais, aos quais Ortiz atribui a confecção da ligação entre o particular e o universal, por isso chamados de *mediadores simbólicos*. (1985:139). Segundo Ortiz, o processo de construção da identidade nacional se fundamenta sempre numa

interpretação por parte desses mediadores, os quais “operam uma transformação simbólica da realidade sintetizando-a como única e compreensível.”(1985:139). Para Ortiz, o processo de construção da identidade nacional serve aos interesses do Estado, de movimentos políticos e também da indústria do turismo. As reflexões de Ortiz servem como crítica a obras de autores suecos que parecem defender pontos de vista “essencialistas”, como Åke Daun e Orvar Löfgren, citados nesta pesquisa.

Numa pesquisa que trata da identidade expressa através da linguagem, encontro em *Lingua(gem) e Identidade*, organizado por Inês Signorini (1998), outros referenciais teóricos fundamentais. Angela Kleiman (1998) define a noção de identidade através da alteridade; a identidade seria resultado do ambiente social e das interações. Moita Lopes (1998) cita Kitzinger, para quem “as identidades não são propriedades dos indivíduos, mas sim construções sociais, suprimidas ou promovidas de acordo com os interesses políticos da ordem social dominante.” (1998:308). Maher (1998) deixa claro que não é *essencialista*, ao falar de identidade: “Percebo a identidade como um construto sócio-histórico por natureza, e por isso mesmo, um fenômeno essencialmente político, ideológico e em constante mutação.”(1998:117); esse construto, diz Maher, busca “a) determinar especificidades que estabeleçam fronteiras identificatórias entre *ele* e o *outro*; b) obter o reconhecimento dos demais membros do grupo ao qual pertence.” (1998:117). Os autores citados parecem concordar que na compreensão do construto social “identidade”, a natureza das relações sociais em curso entre os sujeitos ocupa um lugar central. Quanto à linguagem, Revuz (1998) diz que toda tentativa para aprender uma outra língua perturba, questiona e modifica o que está inscrito em nós com as palavras da língua materna. Sendo assim, conclui Revuz, a língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional. Para Moita Lopes (1998), é através da interação que as pessoas constroem os significados com os quais vivem. O significado é um construto negociado pelos participantes, isto é, não é intrínseco à linguagem. “É através deste processo de construção do significado [...] que as pessoas se tornam conscientes de quem são, construindo suas identidades sociais ao agir no mundo através da linguagem. (1998:310).

Na mesma obra organizada por Inês Signorini (1998), Jacob L. Mey (1998) procura mostrar a relação entre língua e identidade. Mey começa por mencionar uma campanha publicitária na Dinamarca, em homenagem a Hans Christian Andersen. Segundo Mey, os

cartazes publicitários apresentam o rosto de Andersen e versos da canção *Dinamarca, minha pátria* “[...], expressão de orgulho e felicidade que acompanha o sentimento de pertencer à Dinamarca.” (1998:69). Esse sentimento expressa o vínculo do dinamarquês com sua língua, território e tradições, diz Mey. “Abaixo do retrato do poeta, que tem seu olhar perdido na distante terra dos contos de fada, lê-se a frase: *men det er de fremmede ikke* (‘mas os estrangeiros não’ [nasceram na Dinamarca]).”(Mey, 1998:70). Mey diz que Andersen está sendo usado como símbolo e pretexto para distinguir a identidade dinamarquesa da dos outros, o estabelecimento de uma linha demarcatória através da qual os ‘bons’ podem defender-se das ‘más influências’ vindas de fora; a língua dinamarquesa seria um dos principais fatores a marcar essa identidade étnica. Para ilustrar o papel da língua como marca de identidade étnica, Mey conta uma história bíblica: os *gileaditas* invadem e ocupam o território dos *efraimitas*; para impedir o retorno dos efraimitas, os gileaditas obrigam todos que tentam entrar no território conquistado a pronunciar a palavra “*shibboleth*”. “Os que não a pronunciassem corretamente, dizendo em vez dela, *sibboleth*, eram mortos ali mesmo.”(Mey, 1998:71). Mey inclui ainda o episódio bíblico de Pedro, no qual este discípulo nega Cristo por três vezes; mas algumas pessoas acusam Pedro de “também ser um deles”, sob o argumento: “A tua fala te denuncia” (Mey, 1998:71). Mey diz que Pedro é “revelado por sua língua como pertencente a um determinado, e não muito respeitado, grupo étnico, o dos galileus [...]”(Mey, 1998:71). Mey pensa que Pedro não tinha chances de esconder a sua ‘identidade’ diante dos nativos, pois “sua fala era um *shibboleth* delator” (Mey, 1998:72). Referindo-se à redescoberta da identidade étnica na Europa atual, diz Mey: “Um sotaque estrangeiro será sempre notado e comentado e, em ocasiões especialmente infelizes, será usado contra o falante, como no caso bíblico.” (1998:75). Mey diz que mesmo em comunidades de fala diminuta a variação é muito alta, mas “uma comunidade pequena é mais rigorosa na manutenção de alguma ‘regra invisível’ do que a grande.”(1998:75). Os chamados conflitos *étnicos* e de *linguagem*, - conclui Mey - não podem ser explicados unicamente em relação aos valores da raça e língua; estes conflitos precisam ser analisados num contexto mais amplo, o da *opressão* e o da *dominação*. O caso da Dinamarca citado por Mey me parece guardar estreito paralelo com o caso que pesquisei na Suécia: o contexto em que surge o *rinkebysvenska* também me parece o da *opressão* e o da *dominação*.

Dos autores suecos, além do já mencionado Åke Daun, destaco Orvar Löfgren (1989), em *The Nationalization of Culture*, obra na qual analisa o processo de construção da identidade nacional do seu país. Löfgren refere-se à importância das noções de patriotismo e nacionalismo na construção da identidade sueca: a de patriotismo, baseada no amor a Deus, ao Rei e ao País; a de nacionalismo, baseada em idéias de lealdade, vínculos históricos e culturais, destino comum. Em *Deconstructing Swedishness, Culture and Class in Modern Sweden*, o mesmo Löfgren (1992) procura a *suedicidade* nas trivialidades do dia a dia; memórias de cheiros e sabores emanados dos pratos servidos em tradições culturais, culto à natureza, decoração de interiores, papéis sexuais, tabus de diferentes naturezas, vida racional, fuga a conflitos pessoais. Um pouco do papel educativo das tradições culturais suecas pode ser conhecido em *The Great Christmas Quarrel and Other Swedish Traditions*, também de Orvar Löfgren (1993). Nessa obra, Löfgren apresenta uma etnografia das festividades que constituem o natal sueco, as quais considera como parte da “ideologia da vida do lar e família” (1993:218).

Em *The Story of Sörgården*, a sueca Eva Margareta Löfgren (1996) escreve sobre o livro de leitura escolar usado em todas as escolas suecas de 1868 a 1900. Assim, muitas gerações de suecos cresceram lendo os mesmos textos e vendo as mesmas ilustrações.

A sueca Ulla Britt Kotsinas, professora emérita da Stocholms Universitet, departamento de Línguas Nórdicas, é tida na Suécia como a primeira acadêmica a pesquisar o fenômeno *rinkebysvenska*. Em *Rinkebysvenska - en dialekt? (Rinkebysvenska – um dialeto?)* Kotsinas (1988) realiza uma pesquisa lingüística entrevistando 15 indivíduos de Rinkeby, dos 5 a 16 anos, de origens iugoslava, marroquina, libanesa, turca e grega. Kotsinas inspirou a tese de doutorado de Maria Borgström (1996), *Att vara mittemellan* (Estar no meio), pesquisa pedagógica acompanhando 8 moradores latino-americanos, do primário ao ginásio. Maria Borgström (1998) defende tese de que seus pesquisados vivem imersos em dois universos culturais: o dos pais e o de fora de casa. Num debate na TV provocado por esta tese, adolescentes *suecos-suecos* declaram-se em igual condição que a de *suecos de origem estrangeira*: também eles se sentiam no meio, isto é, entre os valores dos pais e os valores dos grupo a que pertenciam. Penso que os adolescentes *suecos-suecos* também enfrentam situações de exclusão, proporcionais à realidade em que vivem; talvez ninguém se possa sentir cem por cento pertencente ou cem por cento excluído de um

determinado grupo. Mas os *suecos de origem estrangeira* parecem conhecer a segregação desde cedo, a partir da condição vivida pelos pais; se assim for, “a permanência contínua em situações de discriminação desperta desde cedo nas crianças uma consciência negativa de si [...] ou uma identidade negativa que se prolongará na juventude e maturidade, raramente transformável numa identidade positiva capaz de auxiliar o indivíduo ou grupo a enfrentar situações críticas” (Cardoso de Oliveira, 1976:18).

Nesta pesquisa introduzo as análises lingüísticas de Kotsinas e Borgström como contribuições de categoria “ética”, não como referenciais teóricos. Esta pesquisa não contempla a análise lingüística e sim a tentativa de compreender o fenômeno *rinkebysvenska* no contexto de uma identidade em construção. Dos autores suecos cito ainda a antropóloga Annick Sjögren (1998), autora de *The Swedish school and the challenge of diversity*; Sjögren, que cresceu e foi educada na França, revela uma postura crítica quanto à obra mencionada de Kotsinas.

PARTE II

2.1 - O discurso fundador da construção da identidade nacional sueca.

Um olhar sobre o processo de construção da identidade nacional sueca pode revelar como os *suecos-suecos* se concebem a si mesmo e podem ser percebidos pelos “outros”. Vou procurar reunir alguns fragmentos do discurso fundador da “suedicidade” começando com uma referência à mitologia. Thomas Bulfinch (1998), em *O Livro de Ouro da Mitologia*, diz que os escandinavos em geral consideram os Eddas, datado de 1200, como o repositório de seus mitos de origem; os feitos dos deuses escandinavos são atribuídos à sua força e coragem, não a poderes sobrenaturais, como no caso dos deuses gregos. Um exemplo dessa característica é Thor, filho mais velho de Odin, senhor dos trovões; Thor possui um cinto que duplica suas forças, um par de luvas e um martelo com o qual despedaça os crâneos dos adversários. Pude ver que o *martelo de Thor* é um dos adereços preferidos na indumentária de jovens extremistas *sueco-suecos*.

Quanto à história moderna, leio em *The Scandinavian*, de Donald Connery (1966), que Gustav Vasa foi o fundador do Estado-nação⁹ sueco e o mais celebrado dos reis suecos. Enquanto lutava com os inimigos dentro e fora da Suécia, diz Connery, Gustav Vasa estabilizou as finanças do país, confiscou as propriedades da Igreja Católica que cobriam um quinto do território sueco e estabeleceu a Igreja Luterana. Donald Connery reproduz a ufana descrição que o historiador *sueco-sueco* Ingvar Andersson faz de Gustav Vasa: “Sua espantosa memória e prodigiosa capacidade de trabalho, seu talento prático, sua energia, foram qualidades que combinadas produziram uma das mais brilhantes personalidades da história sueca.” (1989:321)¹⁰

⁹ Em *A Nation Is a Nation, Is a State, Is an Ethnic Group, Is a ...* Walker Connor (1978) considera “Estado” a maior subdivisão política do globo e designa uma unidade territorial jurídica, que coincide geralmente com a distribuição de um grupo nacional. Connor diz que o termo “Nação” deriva do participio passado do verbo latino *nasci*, “ter nascido”; em sua origem, expressa a idéia de “mesmo sangue”. Connor diz que nessa noção, o importante não é o que é, mas o que o povo acredita que é. O termo “nação” passou a ser empregado também para designar unidade jurídica territorial, confundindo-se com a noção de “estado”; dessa prática, provavelmente nasce a abreviatura Estado-nação, diz Connor. A ideologia nacionalista procura fazer coincidir as idéias de “estado” e “nação”. Connor refere-se a “nacionalismo” como emoção de massas leais à Nação e “totalitarismo” como a completa identificação do indivíduo com o “Estado”.

¹⁰ His astounding memory and prodigious capacity for work, his practical talents, his energy, [...] combine to produce one of the most vivid personalities in Swedish history.” (1989:321)

A figura de Gustav Vasa também é destacada por Orvar Löfgren (1989). Este autor começa por descrever o Nordic Museum, construção do século 19 que assinala o nascimento da nacionalidade sueca: o estilo arquitetônico do Nordic Museum, em si mesmo, pretende ser um símbolo da *suedicidade*. Na entrada do museu, diz Löfgren, o visitante depara com a imponente estátua de Gustav Vasa, reconhecido como o fundador do Estado-nação, sueco no século 16. Löfgren diz que uma inscrição esculpida na base da estátua chama a atenção do visitante: “Ser Sueco!” (1989:7)¹¹, a inspirar emoção e orgulho aos que podem partilhar dessa condição. Segundo Löfgren (1989), do “kit ideológico” que proclama a identidade e a soberania nacional sueca, elaborado ao longo dos últimos dois séculos, fazem parte: bandeira, hino e emblema nacionais; a linguagem, importante meio de coesão e pertencimento; o passado e destino comuns, a cultura popular, a mentalidade, valores, gostos, paisagens, galeria de mitos, heróis e vilões nacionais.(1989:9). Mais adiante, Löfgren refere-se à criação do estereótipo nacional do típico sueco: os suecos, em relação aos felizardos habitantes das nações mediterrânicas, definem-se como “enfadonhos, obcecados pela ordem, pontualidade e controle das emoções, caracterizados pela absoluta falta de espontaneidade e espírito.” (1989:12).¹² Löfgren menciona ainda aspectos triviais do cotidiano sueco, como a forma de andar, preparar e fazer refeições, expressar sentimentos, “rir e contar piadas que suecos entendem e noruegueses não.” (1989:15).

Em *Deconstructing Swedishness*, Löfgren (1987) lembra a tradição sueca de astear a bandeira nacional nas reuniões de família e ainda idéias de respeitabilidade e suas relações com o medo de perder o controle da própria vida. Segundo Löfgren, esse é o caso dos desempregados, doentes, bêbados e delinquentes, os quais ficam subordinados às decisões das instituições públicas. Tive conhecimento de que essas decisões podem levar, por exemplo, à perda da guarda dos filhos ou a ser domiciliado em bairros suburbanos. Prossigo com Löfgren (1992), para quem a palavra “higiene” adquire estatuto de conceito chave na cultura nacional; no período coberto por sua pesquisa, o último século, muitos problemas sociais e morais foram definidos como questões de higiene escolar, mental, profissional, sexual, doméstica e racial.

¹¹ “Be Ye Swedish! (Warer Swenske!)” (1989:7).

¹² “In relation to the happy-go-lucky nations of the Mediterranean, Swedes define themselves as a grey and boring, obsessed with order, punctuality and the control of emotions, characterized by a total lack of spontaneity and esprit-de-vie

As celebrações relacionadas ao natal sueco começam em novembro e, através de sucessivos eventos que culminam no dia de natal¹³, as crianças aprendem a conter a ansiedade de conhecer e tomar posse imediata dos presentes. Por isso, em *The Great Christmas Quarrel and Other Swedish Traditions* Löfgren (1993) chama essas celebrações de “rituais de espera e antecipação”(1993:219). Löfgren justifica o termo “*quarrel*” (briga) que emprega no título do artigo; além de uma moderna utopia, o Natal é um campo de batalha: por um lado, o sonho de generosidade e da família feliz, do calor humano, da união entre pessoas, segurança e proteção; por outro lado, a obrigação dos adultos se desdobrarem em gentilezas e cometerem extravagâncias impensáveis em outros dias, num esforço de recriar o espírito de Natal.

Orvar Löfgren (1993) diz que desde o século 18, primeiro a imprensa e depois o rádio e a televisão, deram aos suecos tópicos de conversa, pontos de vista comuns e imagens de referência de uma comunidade imaginada¹⁴. Löfgren cita como exemplo o papel do livro de leitura escolar no fortalecimento da coesão national. Procurei saber mais sobre o papel do livro escolar e cheguei a *The Story of Sörgården*, de Eva Margareta Löfgren (1996). Eva Margareta Löfgren informa que *Sörgården*¹⁵ foi um livro escolar publicado em 1912 para alunos dos sete a nove anos de idade, escrito por Anna Maria Roos (1862-1938), conhecida na Suécia como autora de livros que emocionaram gerações e ajudaram a construir o mito da Suécia como um reino paradisíaco no norte. Segundo Eva Margareta Löfgren, *Sörgården* narra a vida idílica da família Svensson, pais, cinco filhos, avós, amigos e vizinhos; também fazem parte do universo narrativo de *Sörgården* duendes, animais domésticos e selvagens, tradições folclóricas, pratos típicos, canções, sagas, fábulas, provérbios, lagos, aves, peixes, insetos, flores e florestas. Eva Margareta Löfgren diz que as ilustrações de Brita Ellström contribuíram grandemente para a popularidade desse livro escolar e que ainda hoje a palavra “*sörgården*” simboliza a vida idílica numa época alegre, ingênua e segura, na qual os suecos gostariam de viver permanentemente. Sei

¹³ No dia 24 de dezembro acontece a ceia de natal; o família reúne-se na presença da árvore de natal e paredes decoradas com arranjos florais e palha de cereais. Os presentes servem-se do *smörgåsbord*, serviço de mesa com comidas tipicamente suecas: salada de repolho roxo, *köttbullar* (bolinhas de carne com migalhas de pão), *lutfisc* (peixe seco e cozido com sabor ácido), *jul-skinka* (lombo de porco cozido e assado), arenque e rena defumados, geleias feitas de diferentes frutas silvestres, vinhos, vodka e cidra.

¹⁴ Esta expressão parece inspirada em Benedict Anderson.

¹⁵ *Sörgården* significa literalmente “vivenda ao sul”, sugerindo a parte da Suécia mais ensolarada.

que a palavra *sörgården* deu origem à expressão nativa "*sörgårdmentalitet*" (mentalidade *sörgården*), a qual evoca imagens do meio rural, sobrados amplos em madeira, jardins sem muros, hóspedes e vizinhos amáveis, campos lavrados, cheiros e sabores tradicionais, cotidiano previsível; a decoração de interiores sueca também exprime a mentalidade *sörgården*: formas rústicas e simples, mesmo nos móveis industrializados; cores em tons suaves, nítida influência da paisagem escandinava, na qual o sol tem luminosidade difusa, as montanhas são cinza granítico e as florestas verde esbatido.

Prossigo com o papel que as tradições culturais desempenham na formação da identidade nacional dos suecos. O calendário sueco acumula tradições dos tempos medievais, dos vikings, da igreja católica, do protestantismo luterano, do mundo rural. Tive a oportunidade de presenciar as principais tradições culturais celebradas na primavera e verão, todas acompanhados ao som de violão, bandolim, acordeom, violino, gaita celta, lira e nyckelharpa; alguns desses instrumentos, raros mesmo na Europa, conferem às bandas suecas características visuais e sonoras peculiares. O *Valborgsmässoafton*, é celebrado na primavera, num local aberto na floresta, demarcado com tochas acesas e grandes fogueiras; os participantes convidam a primavera a chegar, através de cânticos; a idéia é a de que se tal convite não for feito, o inverno poderá estender-se indefinidamente. Em 22 ou 24 de junho, sempre numa sexta-feira, é celebrado o *Midsommarstång*, dia mais longo do verão. Numa floresta, os participantes bailam de mãos dadas em volta de um tronco de bétula, enfeitado com duas guirlandas feitas com os ramos da própria árvore, um símbolo fálico. O dia mais curto do ano, 22 de dezembro, não faz parte do calendário oficial das tradições, mas é celebrado com sacrifícios de animais por adoradores das divindades nórdicas. Vou mencionar ainda o *Kräftskiva*, "Festa dos lagostins", celebrada ao longo de agosto; grupos formados por familiares e amigos reúnem-se junto de lagos e represas de água doce, capturam lagostins e passam uma noite comendo, cantando e bebendo, com pequenos chapéus de papel nas cabeças. As tradições como a do natal sueco e festa dos lagostins me parecem caber inteiramente na idéia de *tradição inventada* introduzida por Erik Hobsbawn (1983): práticas ou rituais que inculcam valores, normas de comportamento, formas de socialização; implicam continuidade e parecem ser muito antigas, quando na realidade foram inventadas e pertencem à história recente. Mas essas tradições culturais, antigas ou inventadas, demonstram ter um papel importante na

construção de identidade nacional. Parte dos compromissos da família real estão relacionados à sua participação nas tradições culturais do calendário sueco, em alguma comunidade do país. Esse fato me levou a perceber a importância da família real, como instituição, no contexto do discurso fundador da *suedicidade*.

Sobre a história dessa instituição, Donald Connery (1966), em *The Scandinavians*, conta que Karl XIII morreu sem deixar filhos e o príncipe escolhido para sucedê-lo também morre. Um marechal francês de Napoleão, Jean Baptiste Bernadotte, chega à Suécia em 1810 e torna-se o rei Charles XIV John, em 1818; Connery diz que Charles XIV "nunca aprendeu a falar sueco com fluência" (1966:321). Noto que apesar da origem estrangeira, a realeza sueca consolidou-se como um dos símbolos da identidade nacional. Alguns autores *suecos-suecos* adotam um tom de crítica quanto à família real como símbolo e vale a pena saber o dizem. Em *Svenska Vanor och Ovanor*, (Costumes suecos e não suecos), Jonas Frykman e Orvar Löfgren (1991) comentam uma foto institucional em que a família real posa deitada numa carroça cheia de feno, em meio a uma paisagem campestre: "Que outra família real escolheria este cenário como moldura?" (1991:29). Frykman e Löfgren parecem atentar para o fato da família real sueca se prestar ao discurso da mentalidade *sörgården*, embora sem qualquer vínculo de origem com o que essa idéia expressa. Assim, vem a propósito o artigo *Simboler för vem?* (Símbolos para quem?) de Pauline Stoltz (2001). Stoltz começa por afirmar que a monarquia é um símbolo do estado e a família real sueca simboliza a família sueca; mas o rei provém de uma família francesa, a rainha Silvia é imigrante e os príncipes são *suecos de origem estrangeira*¹⁶. Pauline Stoltz diz que a família real está assimilada, mas para os outros imigrantes é necessário um Ministério da Integração. Stoltz, que pelo nome não deve ser sueca, formula várias perguntas: "Como esse ministério pode ser efetivo, se a família real, símbolo do Estado sueco, não assume a condição igual dos demais imigrantes? Como levar a sério a política de integração se a família real prefere não expor essa condição?" (2001:26). Pauline Stoltz diz que nunca se discute a origem estrangeira da família real, o que seria desejável para a missão do Ministério da Integração. "Silvia, o próprio rei e os filhos são conformes à nova definição de imigrante." (2001:26). Penso que a família real sueca afirma o discurso da mentalidade

¹⁶ Por parte do pai, o rei é de origem francesa; a mãe do rei é inglesa. A rainha Silvia nasceu na Alemanha e viveu da infância aos 14 anos no Brasil. Sendo assim, os três príncipes pertencem à categoria nativa "suecos de origem estrangeira" ou "segunda geração de imigrantes".

sörgården, com a qual não tem vínculos, mas não se apresenta como exemplo de família imigrante, sua real condição, por que a *sörgårdmentalitet* faz parte da ideologia nacional e a condição de imigrante não.

Dentro do discurso sobre a identidade nacional sueca, a palavra *homogeneidade* é das mais recorrentes, como procurarei mostrar com alguns exemplos. Donald Connery (1966) assim se refere a essa suposta característica da Suécia: “Diversas circunstâncias favoráveis (população homogênea, recursos naturais, não participação nas guerras mundiais) o gênio nativo e a industrialidade, capacitaram a Suécia a construir um estilo de vida o qual, em termos materiais, é o mais bem sucedido da Europa e um dos três mais bem sucedidos do mundo.” (1996:283).¹⁷

Em *Swedish Mentality*, Åke Daun (1989) faz várias referências à suposta homogeneidade da Suécia; reproduzo uma delas:

Demograficamente, a Suécia é caracterizada por homogeneidade étnica. A Suécia é um Nação-estado que partilha a mesma língua, a mesma religião e, com poucas exceções, a mesma história. As diferenças internas que existem na Suécia relacionadas a gênero, gerações, classes sociais, regionalismos e várias divisões sub-culturais podem limitar esta homogeneidade, mas ainda permitem colocar a Suécia em elevada posição na escala da homogeneidade cultural.

Ulf Hannerz (1983) em “*Över gränser: studier i dagens socialantropologi*”. (Sobre as fronteiras: estudos atuais de antropologia social) também menciona *homogeneidade*: “A partir dos anos sessenta a sociedade sueca muda de rosto; de uma terra com raro alto grau de homogeneidade étnica e cultural (isto não quer dizer que não existisse, por exemplo, cultura de classe, cultura ancestral, cultura regional), a Suécia tornou-se uma manifesta sociedade multicultural.” (1983:122).

A edição de 1999 da revista *Sweden and Swedes*, publicada pelo Svenska Institutet, fala dos estereótipos e mitos alimentados por não suecos em relação aos suecos, tais como o socialismo, a permissividade sexual, suicídio e loiros de olhos azuis. A revista também menciona *homogeneidade*: “Até um século atrás, a Suécia era ainda um país relativamente isolado, do norte da Europa. Sinais dessa condição de isolamento são ainda evidentes.

¹⁷ “Several favorable circumstances (homogeneous population, natural resources, escape from war) plus native genius and sheer industriousness, have enabled the Swedes to construct a way of life which in material terms is the most successful in Europe and one of three most successful in the world.” (1996:283).

Comparado com a maioria das civilizações do continente, a Suécia é cultural, linguística e etnicamente homogênea. (1999:15).¹⁸

A antropóloga Annick Sjögren (1998), em *The Swedish school and the challenge of diversity*, também comenta a questão da homogeneidade, ainda que em tom levemente crítico:

Um dos axiomas populares usados para caracterizar a Suécia, dentro de uma perspectiva histórica, é: 'um Rei, uma Igreja, um Povo'. A Suécia é um dos poucos povos na Europa que tem sido centralizado desde a idade média. Apesar de, ou em paralelamente ao poder social democrata, o rei é ainda um símbolo nacional, o luteranismo é ainda a religião do estado e, num tempo em que o multiculturalismo é reconhecido oficialmente, o conceito de minoria é ainda um assunto politicamente sensível. Parece-me que a Suécia pode ser caracterizada não tanto por homogeneidade mas por sua aspiração à homogeneidade. Há uma profunda confiança no ser humano e um comprometimento geral quanto a alcançar a justiça e igualdade através da homogeneização e soluções coletivas. Arquitetura, linguagem, religião, política e ensino, diferem relativamente pouco de um extremo ao outro do país." (1998:)¹⁹

Na obra citada, Sjögren diz ainda que a idéia de "minoria" é difícil de ser integrada pela ideologia da homogeneidade.

Roland Huntford (1972) em *Novo Totalitarismo*, já aludira à aspiração de homogeneidade dos suecos. Diz que para promover a igualdade em todos os sentidos, o governo sueco instalou um sistema de eugenia nos anos 30, destinado a padronizar o produto humano. Segundo Huntford, em francês ou inglês, expressões como *uniformidade* e *conformidade* têm sentido de autodetrimento, já em sueco, a expressão correspondente "*jämlikhet*", tem sentido próximo a harmonia. O instinto corporativo do homem comum

¹⁸ "Until a century ago, Sweden was still a relatively isolated country north of the European Continent. Signs of this former isolation are still evident. Compared to the larger civilizations on the continent, Sweden is culturally, linguistically and ethnically homogeneous" (1999:15)

¹⁹ One of the popular axioms used to characterise Sweden in a historical perspective is: 'One King, one Church, one People'. Sweden is one of the few countries in Europe that has been centralised ever since the Middle Ages. In spite of – or parallel to – a powerful social democracy, the king is still a national symbol, Lutheranism is still a state religion, and, at a time of officially accepted multiculturalism, the concept of minority is still a politically sensitive issue. It appears to me that Sweden can be characterised, not so much by homogeneity, as by its aspiration to homogeneity. There is a deep faith in the human being and a broad commitment to achieve justice and equality by homogenisation and collectively worked out solutions. Architecture, language, religion, politics, and schools differ relatively little from the north of Sweden to the over 2000 km to the south. (1989:)

leva-o a procura manter-se afinado com a mentalidade coletiva, que por sua vez é fundamentada no parecer de peritos.

Os trechos citados acima me parecem suficientes para mostrar a aspiração de homogeneidade e uniformidade demonstrada pelos *suecos-suecos*, em relação a determinados critérios. Essa aspiração pode representar uma linha demarcatória em relação à presença de *imigrantes* e *sueco de origem estrangeira* no território sueco, como procurarei mostrar.

A revista *Migration: A European Journal of International Migration and Ethnic Relations*, fornece algumas pistas quanto à convivência entre *suecos-suecos*, *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira*. "Várias áreas são habitadas majoritariamente por estrangeiros de diferentes origens, enquanto outras partes são predominantemente suecas. Em outras palavras, há segregação entre 'imigrantes' e 'suecos'. Mas enquanto os suecos têm formado enclaves quase mono-étnicos, os 'imigrantes' vivem em áreas de grande mistura étnica. (1994:300).²⁰ Pelo que diz *Migration*, *suecos-suecos*, *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira* não convivem como vizinhos. Vou seguir adiante com o propósito de identificar fronteiras sociais entre *suecos-suecos*, *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira*.

Em 1990, juntamente com a permissão de residência na Suécia, recebi do *Statens Invandrarverket* (Departamento Central de Imigração) o livro *Sweden: A general introduction for immigrants*, cuja primeira edição aconteceu em 1986. O livro é publicado em 12 línguas e recomendado como referência para professores de *imigrantes*; contém descrições de diferentes aspectos da vida na Suécia, direitos e deveres dos *imigrantes*, trabalho, estudo, taxas, impostos, saúde, tráfego, crianças e família, autoridades, crença religiosa, noções de social-democracia. O livro informa que todos os países têm regras de comportamento não escritas e discorre sobre o assunto: "Muitos de vocês vieram de países onde sorrisos são considerados como importantes e talvez integrantes do padrão social. Os suecos não são conhecidos como pessoas das mais sorridentes, mas admiram os que sabem

²⁰ "Several areas are inhabited mostly by people of mixed foreign origin while other parts are predominantly Swedish. In other words, there is segregation between 'immigrants' and 'Swedes'. But whereas the 'Swedes' have formed almost mono-ethnic enclaves, the 'immigrants' live in ethnically very mixed areas." (1994:300).

sorrir e retribuem sorrindo por dentro. Assim, sorriam à vontade.” (1986:26).²¹ Nesse fragmento, identifico alguns elementos de “alteridade” e uma orientação à subserviência dirigida aos *imigrantes*: sorrir cabe aos *imigrantes* e estes não devem esperar o mesmo comportamento por parte dos *suecos-suecos*. Mais adiante:

Suecos detestam intrusões, eles respeitam a privacidade uns dos outros. Por esta razão, eles não têm o hábito de relacionar-se com os vizinhos. Você pode tentar convidar seus vizinhos suecos para tomar café, para celebrar o dia nacional do seu país ou visitar seu clube. Alguns irão recusar o seu convite por não se sentirem à vontade, diante de uma língua ou de hábitos que não lhes são familiares. Eles procurarão comunicar isso através de poucas palavras ou talvez arrumar uma desculpa para não ferir seus sentimentos. Não insista, mas tente de novo quando os conhecer melhor. Não se sinta ofendido se eles não derem retorno ao seu convite. Apesar de toda discussão sobre igualdade entre homens e mulheres, as mulheres suecas ainda são donas de casa à moda antiga e não relaxam enquanto não terminam a limpeza de suas casas. Uma vez que muitas delas também trabalham fora, elas ficam sem tempo e energia e o resultado é isolamento social.”(1986:13)²²

Em 2002, quando estive na Suécia para o trabalho de campo, recebi a edição atualizada desse livro, desta vez com o título: *Sweden, a pocket guide; Facts, figures and advice for new residents*. Dentre outras coisas, o livro descreve os esforços do governo sueco no sentido de construir uma sociedade equalitária. Num dos exemplos apresentados para ilustrar esse esforço, o livro informa que na Suécia todas as pessoas se tratam por “tu”, independentemente da posição social²³. Esse mesmo livro publica um artigo de Jolin Boldt, editora de uma revista de consultoria para novos residentes na Suécia. Jolin Boldt nasceu na Finlândia, numa cidade na qual, por razões históricas, a língua oficial é o sueco. Diz Boldt: “Tenho vivido na Suécia por 25 anos. No meu primeiro ano eu fiz tudo errado. O sueco é a

²¹ “Many of you come from countries where smiles are an important though perhaps an unconscious part of the social pattern. The Swedes are not likely to win prizes for smiling, but they admire people who smile, and they respond to the smiles within themselves. So carry on smiling!” (1986:26).

²² Swedes hat to intrude, they respect each other's privacy. For this reason they do not even invite the neighbours in for quite some time. You can try inviting your Swedish neighbours in for coffee, for your national dish or to visit your club. Some of them will decline because they will feel unable to cope with a foreign language and different habits. They will either say this in so many words or else make up an excuse to avoid hurting your feelings. Do not persist, but try again when you know them better. Do not be offended if they do not return your invitation. In spite of all the talk about the equality of men and women, Swedish women are still like old fashioned house wives in many ways. They would never dream of entertaining without first cleaning their homes from floor to ceiling. Since many of them go out to work, they have neither the time, nor the energy to spare, and the results is social isolation.” (1986:13).

²³ “Another expression of efforts to make everybody equal is that you say ‘*du*’ [tu] nearly everywhere – not only to relatives and friends but also at work, at school, in shops, when dealing with authorities and when talking to people in public services.” (1986:22).

minha língua nativa, ainda que as pessoas não entendessem o que eu dizia. Devido ao meu ‘sotaque finlandês’, muitas pessoas não percebiam que eu falava sueco perfeito”(2001:61).²⁴ Esta parte do relato de Jolin Boldt evoca o “*shibboleth* delator” da história bíblica contada por Mey (1989). Prossigo com Jolin Boldt:

[...] Foram necessários uns cinco anos antes de eu parar de me incomodar com as coisas típicas dos suecos que eu considerava ridículas. Você vai cometer muitos erros. Você vai deparar com milhares de fronteiras invisíveis e ficar surpreso quando pessoas próximas a você ficarem zangadas. Anos mais tarde, você vai entender que o pesado silêncio ao redor da mesa do cafézinho foi causado por alguma quebra de etiqueta da sua parte. E uma vez que ninguém ali vai esclarecer a ocorrência, vai levar algum tempo até você entender o que é certo e errado. (2001:61).²⁵

Desta parte do relato, vou destacar a referência de Jolin Boldt a “fronteiras invisíveis” e a “etiquetas” sociais, bem assim como a reação dos *suecos-suecos* diante da quebra dessas linhas demarcatórias. Retomo a narrativa de Bolt:

Após dez anos, eu comecei a entender o código social. Agora, depois de vinte e cinco anos, eu sinto que tenho uma razoável compreensão das coisas suecas. Eu conheço as regras não faladas bastante bem para quebrá-las, por agora saber o que elas são: nunca contradiga ninguém, mesmo num debate; nunca tente mostrar que você é melhor que os demais. (2001:61).²⁶

Parece que Bolt está recomendando ao *imigrante* a não querer parecer diferente dos demais, ainda que se sinta tratado como diferente. Boldt termina seu relato com este parágrafo:

Freqüentemente converso com pessoas furiosas [imigrantes] que se consideram vítimas de discriminação. Algumas vezes elas são realmente – a discriminação contra pessoas de

²⁴ “I have lived in Sweden for 25 years. My first year, I did everything wrong. Swedish is my native language, yet people couldn’t understand what I said. Because of my “Finnish accent”, many people didn’t notice that I spoke perfect Swedish.” (2001:61).

²⁵ “[...] It took about five years before I stopped being bothered by typically Swedish things that I though were ridiculous. You are going to make a lot of blunders. You will stumble across a thousand invisible boundaries and be surprised when acquaintances and coworkers get angry. Years later, you my realize that the pained silence around the coffee table was caused by some taboo topic you brough up. And since no-one here tell you what it was, it will take some time for you to figure out what’s right and wrong.” (2001:61).

²⁶ “After ten years, I began to understand the social code. Now, after 25 years, I feel I have a fairly good understanding of things Swedish. I know the unspoken rules well enough to break them. Because now I know what they are: never just tell it like it is; never contradict anyone, even in a debate; never try to show that you are better than anyone else.[...]”.

outros países existe, não é incomum. Mas rara ou não, a discriminação é uma questão de regras. Muitos suecos são absolutamente inflexíveis: se as regras dizem faça isto desta forma, essa é a forma que você deve agir. Não há o que discutir, você estará prejudicando a você mesmo. Isso não é discriminação – é a mesma coisa para os nativos suecos.” (2001:61,62).²⁷

Jolin Boldt, pelo que se deduz de seu artigo, levou 25 anos até se considerar integrada à sociedade nacional. Talvez seja este o recado a ser transmitido aos *imigrantes*, já que seu artigo é publicado por um órgão governamental: *antes de 25 anos vivendo na Suécia, não espere ser aceito pelos suecos*. O artigo que apresento em seguida parece confirmar esta percepção.

*Hora, Svenne, Homo, Blatte*²⁸ (2000), organizado pela *Röda Korsets Ungdomsförbund* (Cruz Vermelha – Departamento adolescentes), publica um artigo de Soledade Pinheiro Alonso, responsável pela Comissão de Democracia para Jovens. O longo testemunho de Soledade me parece retratar bem a condição de *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira*, motivo pelo qual o apresento, ainda que em forma resumida. Soledade refere-se a uma conferência para estudantes, juvenis e adolescentes, à qual compareceram a rainha Silvia da Suécia e as duas princesas, a ministra da Integração Ulrica Messing e a ministra Social Ingela Thalén. Soledade diz que se sente profundamente irritada com os pronunciamentos dessas personalidades. Diz que Ulrica Messing declarou em público: “Na luta contra o racismo, na Suécia, nós temos que enfrentar o racismo dos suecos em relação aos imigrantes e enfrentar o racismo dos imigrantes em relação aos suecos.”(2000:20). Soledade critica essa declaração argumentando que a ministra divide a sociedade entre “NÓS” e “ELES” e afirmando que a maioria das pessoas referida pela ministra como imigrantes “são SUECOS!” (grifos da autora). Diz Soledade: “Não existem diferentes racismos, racismo é racismo!” (2000:20). Soledade conta que durante a conferência, um garoto da Escola Bredby, de Rinkeby, perguntou: “Que faz a ministra para que os suecos passem a frequentar sua escola?”(2000:21). Soledade diz que esta pergunta

²⁷ “I often speak with angry people who believe they are victims of discrimination. And sometimes they are – discrimination against people from other countries exists; its not uncommon. But as often as not, it’s a question of rules. Most Swedes are absolutely unwavering: if the rules say do it this way, this is the way to do it. There’s no point in discussing it, you will just make a nuisance of yourself. That is not discrimination – it’s the same for native Swedes.” (2001:61,62).

²⁸ Expressões suecas pejorativas para designar, respectivamente, Prostituta, Sueco, Homossexual, Negro.

provocou aplausos do público e as ministras ficaram caladas, sem saber o que responder; a rainha Silvia tomou a palavra e disse: “Eu mesma estive ontem na escola de Rinkeby e posso dizer que é uma escola muito boa, usa métodos muito bons, e no próximo ano quarenta alunos suecos começam a estudar lá.”(2000:21). Soledade diz que a ministra Ingela Thalén, agora refeita, dirigiu-se ao aluno autor da pergunta: “Eu não sei se tu conheces todos os que moram em Rinkeby, mas eu conheço realmente uma família sueca que mora em Rinkeby.”(2000:21). Soledade diz que seu coração começou a bater tão alto que todos na sala podiam escutá-lo; diz que levantou a mão com a intenção de explicar à rainha, ministra, aluno e público, que a maioria dos moradores de Rinkeby é sueca; muitos têm cabelos escuros, uma parte é imigrante, outra parte descende de imigrantes, mas são verdadeiros suecos. Soledade diz que infelizmente não teve oportunidade de se manifestar nessa conferência. De acordo com Soledade, é estranho que a ministra da Integração, a ministra Social e a rainha da Suécia não saibam o que é ser sueco e a condição para que o Estado-nação sueco chame uma pessoa de sueca; em lugar algum está afirmado que um sueco não possa ter origem imigrante, ao contrário, está escrito muito claro que os imigrantes têm direito a tornar-se suecos. Pelo menos a rainha Silvia, que nasceu fora da Suécia, deveria estar ciente desse direito, diz Soledade; a rainha, os príncipes, assim como as pessoas chamadas de imigrantes, são [têm o direito de ser] suecos. Agora Soledade refere-se à sua infância na Suécia: teve de escutar que ela e outros não eram suecos, senão estrangeiros; os suecos eram loiros, de olhos azuis, protestantes, habilidosos e boas pessoas; “Eu não era assim e demorei dezenove anos até levantar-me, erguer o peito e dizer: eu sou sueca”. (2000:22). Soledade explica que até esse momento ela se apresentava como sendo de origem uruguaia: os pais eram uruguaios, ela nascera em Rosengård²⁹ e, por tudo isso, ela se percebia como estrangeira e pensava que um estrangeiro não podia tornar-se sueco. Além disso, conta Soledade, ela não tinha amigos suecos, nunca havia celebrado o *midsommarafton*, o *valborgsmässoafton*, *kräftskiva* ou qualquer tradição cultural sueca, em coletividade; por ser jovem, ela pensou que a participação ou não nessas celebrações é que tornava uma pessoa sueca ou não sueca. Aos dezanove anos, diz Soledade, ela percebeu que o bairro onde nascera, Rosengård, na realidade fazia parte da Suécia e a cultura desse bairro também pertencia à Suécia. Soledade conclui o seu testemunho declarando-se

²⁹ Rosengård, bairro de maioria imigrante, no subúrbio de Malmö, terceira maior cidade sueca, no sul do país.

orgulhosa de sua origem uruguaia, embora não goste de ser vista como não sueca, sendo sueca.

Para ajudar a compreender a condição vivida sobretudo por *suecos de origem estrangeira*, cito a revista Megafon, uma publicação da *Röda Korsets Ungdomsförbund* (Cruz Vermelha Departamento Jovem); essa revista, dirigida às novas gerações, mantém uma campanha didática denunciando formas de exclusão social. Um dos anúncios da campanha simula um jogo de dados infantil, com casas a serem percorridas em sucessivas jogadas. As etapas entre a “Partida” e a “Chegada” são, por ordem de sequência:

1ª - Você fala sueco sem sotaque? Sim: avance uma casa. Não: recue duas casas.

2ª - Você tem um nome tipicamente sueco? Sim: jogue de novo. Não: recue três casas.

3ª - Você ou seus pais nasceram no estrangeiro? Sim: recue três casas. Não: avance três casas.

4ª - Você é muçulmano? Sim: perde duas jogadas. Não: avance duas casas.

5ª - Você é branco? Sim: cruze a chegada. Não: recue quatro casas.

Esse anúncio atesta a existência de xenofobia e etnocentrismo por parte dos nacionais e reconhece práticas discriminatórias contra *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira*, fenômenos que *Röda Korsets Ungdomsförbund* procura combater³⁰.

Ao longo deste capítulo, procurei identificar o discurso fundador da suedicidade e apresentar alguns contextos nos quais decorrem as relações sociais entre *suecos-suecos*, *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira*. Como comentário final deste o capítulo, reproduzo um parágrafo extraído da *página* do Ministério da Integração da Suécia:

³⁰ A lei Sueca proíbe qualquer forma de discriminação mas não prevê sanções contra atos de discriminação cometidos. A presunção é a de que a denúncia e debates constantes resolvam esses problemas.

Em 'Sörgården' - a mítica, idílica Suécia do passado - não havia refugiados chilenos nem somális e todos os adultos estavam empregados.. O mais popular dos idílios suecos – a vida sem problemas em ambiente rural - tem pouco a ver com o cotidiano da maioria dos habitantes da Suécia, na atualidade e futuro. A Suécia do século 21 não será a vila paradisíaca de um livro de histórias mas ainda terá ainda muitos aspectos atrativos e paisagens tranqüilas.” (integrationsverket.se/insight.html, 2001:7).³¹

Dessas linhas extraídas do atual discurso institucional sueco, pretendo destacar a referência nostálgica a um suposto passado *harmonioso*, mas também o reconhecimento quanto ao futuro multicultural da Suécia.

³¹ ”In 'Sörgården' - the mythic, idyllic Sweden of old - there were no Chilean refugees, no Somalis and every adult had a job. The most popular Swedish idylls - a troublefree life in a rural setting - have little in common with most people's everyday lives in Sweden of today or tomorrow. Sweden in the 21st century will be not the Sörgården of yeateryear nor a storybook village paradise but it will doubtless have many attractive features and peaceful vistas. (integrationsverket.se/insight.html, 2001:7).

2.2 - O histórico de Rinkeby até sua atual caracterização como bairro de imigrantes de Stockholm.

Rinkeby é um dos dezoito bairros de Stockholm; antes de entrar na história do bairro, parece conveniente focalizar alguns aspectos do ambiente social da cidade.

A região da grande Stockholm conta com 1.734.000 habitantes, dos quais 19,2% nasceram fora da Suécia, oriundos de 177 diferentes países. Como resultado da presença estrangeira em Stockholm, 35.7% dos naturais de 0 a 17 anos tem um dos pais nascido fora da Suécia e 20,4% dos habitantes dessa mesma faixa etária têm ambos pais nascidos fora da Suécia, segundo a edição do jornal *Everyday* de 23 de novembro de 2000.

Passo agora à história da construção de Rinkeby. No início dos anos sessenta, arqueólogos encontraram vestígios de uma comunidade que, por volta de 1300 a.C, ocupava um planalto a onze quilômetros a nordeste de Stockholm. Essa comunidade teria sido liderada por Rinker, um guerreiro daqueles tempos. O sítio arqueológico foi chamado de *Rinkers by* (aldeia de Rinker), expressão logo abreviada para Rinkeby. Prossigo com a história de Rinkeby através de *Sverige, Sverige, Fosterland* (Suécia, Suécia, nossa pátria), um livro-documentário sobre identidade e multiculturalismo, dos etnólogos Gellert Tamas e Robert Blombäck (1995). Segundo Tamas e Blombäck, a fase de crescimento iniciada nos anos sessenta levou a Suécia a importar trabalhadores. Com falta de habitações no país, o governo implantou o *Miljonprogram*, plano de construção de um milhão de novas moradias no período de 1966 a 1974. Na área de Stockholm, Rinkeby e um espaço vizinho chamado Tensta (fig.2) foram locais escolhidos para fazer parte do empreendimento. Os dois bairros foram construídos de 1969 a 1972 e inaugurados com a presença de Carl Gustaf XVI Adolf, rei da Suécia. Os primeiros moradores de Rinkeby e Tensta eram suecos, vindos do interior. Tamas e Blombäck (1995), reproduzindo manchetes de jornais da época, transmitem uma idéia da reação dos suecos em relação às novas moradas. “Apenas um décimo aceita viver lá”; “Em Tensta-Rinkeby tudo correu mal”; “Nenhuma pessoa se instala em Rinkeby e Tensta de livre vontade”. Segundo Tamas e Blombäck (1995), os jornais publicaram alertas de especialistas sobre as consequências de juntar muitas pessoas, em tão pouco tempo, naqueles bairros. (1995:17); os autores reproduzem também as críticas dos primeiros moradores, quanto a “esperar que as pessoas se adaptem a projetos em vez de construir

bairros para pessoas.” (1995:17). Prossigo com a história de Rinkeby através de *Migration: A European journal of international Migration and Ethnic relations* (1994); *Migration* informa que durante os anos sessenta começaram a chegar à Suécia levas de mão-de-obra da Finlândia, Itália, ex-Iugoslávia, assim como os primeiros refugiados chilenos. Estas levas são encaminhadas para os bairros recém-construídos e, diferente dos suecos, os estrangeiros não demonstram dificuldades de adaptação. Em *Etnisk Bricolage*, artigo publicado nessa edição de *Migration*, Aleksandra Ålund refere-se ao *Miljonprogram* como “*betonggettona*” (guetos de concreto) e diz que a capacidade de adaptação demonstrada pelos novos moradores alimentou a idéia, por parte dos suecos, de que os *imigrantes* eram “destituídos de raízes culturais.” (1994:18).

Na revista mensal “*Vår Bostad*”, (Nosso lar), edição de dezembro de 1996, Eva-Maria Fasth e o fotógrafo Sune Fridell apresentam uma extensa reportagem sobre bairros do projeto “*Miljonprogram*”: segundo os autores, “esses bairros e seus moradores tornaram-se sinônimos de problema social, vandalismo, criminalidade, desemprego, tristeza.” (1996:17). Fasth e Fridell acrescentam que na grande Stockholm existem vários *betonggettona* tais como Tensta, Hjulsta, Skärholmen, Rågsved e Östberga, mas Rinkeby tornou-se o bairro mais difamado pela alta concentração de imigrantes. Os dois autores reproduzem o comentário de um jornalista: “Não é preciso ficar muito tempo em Rinkeby para conseguir uma boa reportagem. O cotidiano em Rinkeby já é notícia.” (1996:17). Os autores entrevistam Anna Berger Kettner, 35 anos, pastora da igreja sueca Missionskyrkan, moradora em Rinkeby há nove anos: “Nós somos muito afetados pelo que os jornalistas escrevem. Quem quer viver num ‘triste subúrbio’ ou sofrer de ‘depressão coletiva’, se tivesse escolha de viver em outro lugar? É difícil manter a auto-estima num ambiente descrito dessa forma. Rinkeby é tratado pelo poder público como ‘gata borralheira’ e nos tornamos uma profissão auto-realizável: os edifícios estão em ruínas e a decadência é geral.” (1996:17) Penso que com a expressão “profissão auto-realizável”, a pastora Anna Berger Kettner parece dizer que Rinkeby se transformou no que a sociedade nacional espera de um bairro de maioria imigrante. Fasth e Fridell visitam Arkitekturmuseet (O Museu de Arquitetura) para recuperar a história de Rinkeby; segundo apuraram, o *miljonprogram* foi projetado por uma equipe de arquitetos anônimos e apresentado como racional, funcional, ambicioso e de boa qualidade arquitetônica, considerando o prazo de

construção. Os edifícios foram produzidos em moldes e montados com guias, técnica introduzida na época, juntamente com materiais inovadores. Segundo Fasth e Fridell, o museu atribui a essas inovações a origem do termo *betongghetto*. Os dois autores estiveram em Rinkeby e dizem que as primeiras construções do bairro têm áreas comuns demasiado extensas, pouca privacidade, escadas íngremes e janelas mal desenhadas. O projeto inicial teve que passar por sucessivos aprimoramentos, informam.

Eva-Maria Fasth e Sune Fridell (1996) relatam que o jornal *Dagens Nyheter*, em 1987, realizou uma série de reportagens sobre Rinkeby, com as seguintes rubricas: “*Bostadsbolag*”³² quer estabelecer uma regra: Fechar Rinkeby para os imigrantes e refugiados”; “Grande problema com os filhos de imigrantes: eles estão condenados pelas baixas condições em que vivem”; “Não é fácil ser sueco em Rinkeby”; “O *rinkebysvenska* domina e se estabelece”; “À espera do saneamento social”. Após um mês de debates públicos, contam Fasth e Fridell (1996), o jornal *Dagens Nyheter* informa não haver uma única família sueca estável disposta a mudar para Rinkeby, fato que inviabilizou o plano de *Bostadsbolag*. Eva-Maria Fasth e Sune Fridell concluem o artigo dizendo que a partir de então Rinkeby foi concedido definitivamente aos imigrantes.

A revista *Megafon* de junho de 2001 trata de notícias tendenciosas veiculadas na imprensa, quando se trata de cobrir os bairros suburbanos. *Megafon* reproduz a reportagem do jornal *Expressen*, que sob o título “O subúrbio perigoso”, informa sobre um jovem morto com um tiro na cabeça, na manhã de 25 de outubro de 2000, em Rinkeby. Os dados policiais, segundo a reportagem, apontam para uma gang de criminosos. No dia seguinte, a cobertura prossegue, com fotos de Rinkeby: “Está ficando muito violento, aqui” e os repórteres do jornal supostamente entrevistam pessoas do bairro. Rinkeby é descrito como “um lugar escuro, chuvoso, onde sopra um vento frio e de moradores amedrontados com a violência, cada dia mais comum e brutal. Segundo *Megafon*, o jornal diz que os moradores temem que a violência vá aumentar, num bairro já violento. No meio do texto – diz *Megafon* - o *Expressen* informa que não houve propriamente um assassinato. O recuo do *Expressen*, segundo *Megafon*, está relacionado ao fato de um outro jornal, o *Aftonbladet*, ter se referido à mesma ocorrência da seguinte forma: “Um ladrão morre, vítima do disparo acidental da própria arma.” O *Aftonbladet* investigara o caso não através de informantes,

³² “*Bostadsbolag*” sistema que administra, cuida da concessão e da manutenção das moradias de Rinkeby

mas direto dos policiais encarregados da investigação. Crítica da revista *Megafon*: o artigo do *Expressen* é um entre muitos que se baseia na imagem geral que se tem de subúrbios segregados: antro de criminosos e de violentos. *Megafon* apresenta dados estatísticos mostrando que a maioria dos crimes não são cometidos nos subúrbios mas nas áreas centrais de Stockholm, como *Centralstation*, *Kungsgåtan* e *Vasagåtan*. *Megafon* sustenta que a mídia ajuda a manter uma percepção do subúrbio como algo diferente do resto da sociedade: alguns subúrbios estão de tal forma associados a imagens negativas que é quase impossível os jornalistas não serem afetados por essas imagens, quando escrevem artigos. Os jornais escolhem fotos de imagens que pensam que os leitores querem ter, imagens que vendem. As pessoas que lêem os artigos são afetados e até mesmo as pessoas que vivem nesses subúrbios são afetadas. *Megafon* conclui que essa imagem criada do subúrbio é uma representação das circunstâncias de poder na sociedade, o subúrbio pertencente aos pobres e as outras áreas a pessoas com dinheiro e influência; desde 1980 esta diferença tem sido étnica, a de que o subúrbio pertence aos estrangeiros e as áreas centrais pertencem aos suecos.

Um outro aspecto que pode ajudar a traçar o retrato de Rinkeby é o comportamento dos moradores quanto à política partidária. Apenas 49.3% dos eleitores de Rinkeby compareceram à última votação, contra uma média de 76.9% do resto de Stockholm. O baixo número de eleitores de Rinkeby que exerceram o direito de voto pode indicar do grau de envolvimento dos moradores em relação ao país de acolhimento. Dos eleitores de Rinkeby que compareceram às urnas, 63% votaram no *Socialdemokraterna* (Socialdemocratas, centro esquerda), 15% no *Vänsterpartiet* (O Partido de Esquerda), 7.8% no *Moderaterna* (Moderados, partido de direita), 4.5% no *Miljöpartiet* (Partido do Ambiente, ecológico) e 2.4% no *Kristdemokraterna* (Democratas-cristãos, centro direita); no resto de Stockholm, a distribuição de votos foi 25.6% no *Socialdemokraterna*, 12,3% no *Vänsterpartiet*, 32,9% no *Moderaterna*, 5.9% no *Miljöpartiet* e 6,9% no *Kristdemokraterna*. A votação elevada dos eleitores de Rinkeby nos partidos de esquerda não me parece ter motivações ideológicas, senão práticas: o *Socialdemokraterna* foi o mentor da política de imigração e junto com o *Vänsterpartiet* desenvolve ações visando a integração dos imigrantes e descendentes.

A maioria dos funcionários da empresa *Var Bostad* que administra e cuida da manutenção dos edifícios de Rinkeby é sueca. O etnólogo Klas Ramberg (1996) escreveu *Svensk Mångfald* (Diversidade sueca) entrevistando funcionários dessa empresa. As entrevistas revelam o estranhamento dos funcionários em relação à conduta dos moradores, no qual as noções de “público” e “privado” parecem subvertidas. O autor esclarece que os depoimentos dos entrevistados têm como base de comparação o senso de *normalidade* próprio dos suecos. Por exemplo, enquanto os suecos tentam resolver os problemas através de contato telefônico, os estrangeiros deslocam-se à sala do *kvarterschef*³³ acompanhados de suas famílias, pegam-no pelos ombros, conduzem-no às residências e esperam que ele identifique problemas ao apontarem para equipamentos, instalações, luminárias e paredes. Quando se sentem atendidos à primeira tentativa, os estrangeiros mostram-se extremamente gratos e o funcionário pode ser convidado para uma festa de casamento ou receber propostas de troca de favores. Às vezes é necessário fazer serviço pesado e os homens da casa não oferecem qualquer tipo de ajuda mas, ao contrário do que sucede nos lares suecos, o funcionário sente-se tratado como um visitante. As mulheres trabalham duro e as pias de lavatório brilham como “automóvel novo”. As cozinhas, também espaços sociais, são freqüentemente carpetadas. As janelas são decoradas com cortinas de cores fortes e as paredes com quadros, retratos e tapetes. Nas estantes, muito vidro, talheres de prata, aparelhos de TV e som grandes, luminárias extras. Os quartos são mais simples, com camas invernizadas e *design* pesado. Os muçulmanos sempre deixam os sapatos no exterior das residências. As famílias de estrangeiros por vezes ocupam vários apartamentos contíguos e reúnem-se no final da tarde para tomar café; as áreas públicas são apropriadas com cadeiras e mesas e as casas ficam fechadas à chave; as crianças, impedidas de usar seus banheiros, fazem as necessidades nas escadas. Essas práticas são fonte de atrito entre vizinhos. No térreo dos edifícios, existe uma lavanderia comunitária; de acordo com o regimento interno, os horários de uso das máquinas devem ser programados entre moradores, mas essa exigência é simplesmente ignorada. Quando se trata de suecos, dizem os funcionários entrevistados por Ramberg, a roupa é lavada por um dos membros da família ou, no máximo, pelo casal, mas os estrangeiros descem com toda família e ainda por cima separam

³³ Administrador financeiro que também acumula funções semelhantes à figura do síndico no Brasil.

roupas de mulheres de roupas dos homens. Ao esgotar o tempo previsto para a lavagem, eles esperam que o *kvarterschef* arbitre os conflitos entre os que se sentem prejudicados.

Em *Ungdom och Tradition*, Billy Ehn (1996) escreve o artigo *Ungdom och tradition i det multietniska Sverige* (Adolescentes e tradição numa Suécia multi-étnica), do qual extraio um exemplo do quanto o estranhamento entre suecos e estrangeiros pode ser mútuo: um jovem curdo chamado Hassan diz que precisou acostumar-se a coisas muito estranhas, como o fato dos suecos permitirem cachorros dentro das casas, colocarem nomes, conversarem e darem carinho a esses animais. Segundo Ehn, Hassan diz que viver entre os seus evita o esforço de tentar entender coisas como essas. Billy Ehn (1996) também registra depoimentos de moradores adolescentes de Rinkeby, os quais consideram seu bairro como *cool* e *realístico*, diferente da monotonia dos bairros tradicionais de Stockholm. Penso que o termo “realístico” empregado pelos adolescentes pretende destacar o suposto clima “emocionante” que vivem no bairro, em contraste com o de Stockholm, onde parece prevalecer a regra, a etiqueta, a impessoalidade.

Retomando o foco nos aspectos da vida social em Rinkeby, abro um espaço para distinguir duas formas básicas de emigração: a que transcorre como resultado de ações planejadas e a que transcorre em cenários de conflito. Na primeira forma, os candidatos recebem a “permissão de residência” na origem, através do consulado ou embaixada do país para o qual pretendem emigrar. Um exemplo de emigração planejada é apresentado por Maffesoli, a de italianos para os EUA, sempre na forma de transferência de aldeias inteiras:

“Os costumes e os modos de vida são, pelo menos provisoriamente, conservados e constituem uma sólida proteção contra todas as agressões exteriores. Os espaços são repartidos, os clãs e os sub-grupos formam-se e desfazem-se. Desta forma, os conflitos também fazem parte da viagem, as brigas de quarteirões ou de vizinhanças que são socialmente integrados não deixam de dar o colorido contradicional que é o fato de toda solidariedade orgânica.” (Maffesoli:1987:167)

No caso dos atuais moradores de Rinkeby, a maioria deixou seus países na forma de emigração não planejada e, sendo assim, o conceito de *solidariedade orgânica*³⁴ mencionado por Maffesoli no caso da Itália não pode ser aplicado.

³⁴ Conceito elaborado por Durkheim, segundo o qual a “solidariedade orgânica” gera coesão social por meio de complementaridade e interdependência mútuas, para distinguir de outra forma de solidariedade, a mecânica, que gera coesão social através da similaridade dos elementos aglutinantes, sejam eles indivíduos ou grupos.

Ora, em *Language, culture & society: an introduction to linguistic anthropology*, Zdenek Salzmänn (1993) considera que povos falantes de diferentes línguas são portadores de diferentes culturas; as fronteiras entre esses povos coincidiriam com as diferenças lingüísticas entre eles.³⁵ Se Salzmänn está certo quanto a diferentes culturas corresponderem a diferentes culturas, a estimativa de cem línguas faladas em Rinkeby corresponde à existência de igual número de culturas; sendo assim, parece-me notável que representantes de cem culturas diferentes, concentrados em Rinkeby, freqüentem os mesmos serviços públicos e privados de sem maiores conflitos. Cohen (1978), em *O homem bi-dimensional*, pode ajudar a compreender essa convivência ao afirmar que “a ordem social supera os processos de ruptura criados em seu interior por inevitáveis conflitos de valores, ao criar uma comunhão entre inimigos potenciais” (1978:48). Para ilustrar esse ponto, Cohen cita um provérbio de camponeses árabes: “Eu contra meu irmão; eu e meu irmão contra meu primo; eu, meu irmão e meu primo contra aquele que não pertence ao clã.” (1978:48)³⁶.

Prossigo com Abner Cohen: “Isso significa que inimigos de um determinado nível precisam ser aliados num nível diferente. Um homem é, assim, forçado a ser simultaneamente inimigo e aliado de um só grupo de pessoas, e tais contradições são continuamente enfrentadas e temporariamente esquecidas [...]” (1987:48). Para mim, Cohen apresenta uma concepção de *etnicidade* bem apropriada à compreensão da vida em Rinkeby. Os moradores de Rinkeby me parecem resistir aos ataques externos – pressões da sociedade dominante - estabelecendo alianças com os que vivem na mesma condição e assim reforçando a idéia de que são iguais vistos pelos de fora. Tal como Barth, Cohen afasta-se das concepções primordialistas, mostra que as fronteiras sociais são traçadas na interação grupal, mas da concepção de Cohen transparece o lado político do homem: as conveniências mútuas dos grupos em interação, que levam as fronteiras à tensão e à distensão.

³⁵ “It used to assumed that peoples who speak differents languages have differents cultures and therefore the boundaries between differents societies coincide with lines sparating mutually unintelligible languages.” (1993:128)

³⁶ A idéia contida nesse provérbio parece ser a mesma mencionada por Evans-Pritchard (1993), ao ilustrar o “princípio da segmentação e a oposição de segmentos”, dos Nuer: “Um homem da seção *fadang*, da tribo *bor*, me disse: ‘lutamos contra os *rengyan*, mas quando qualquer um de nós dois está lutando contra um terceiro lado, nós nos combinamos com os *rengyan*’” (:155).

Algumas pistas para ajudar a compreender as alianças entre imigrantes de diferentes origens podem ser colhidas na pesquisa divulgada pelo jornal *Länstidningen* de 20 de dezembro de 2000, realizada com 10.000 imigrantes que chegaram à Suécia entre 1987 e 1989: 46% dos imigrantes vieram do oriente médio, 18% do leste europeu, 16% da América do Sul, sobretudo do Chile, 12% da África e 8% da Ásia. No início do período pesquisado, informa o jornal, a Suécia adotava como política a distribuição de estrangeiros por todos os municípios do país. Oito anos depois, entre 1995 e 1997, 53% dos imigrantes pesquisados viviam nas três maiores cidades: Stockholm, Göteborg e Malmö. Pesquisou-se a renda e o tipo de trabalho para efeito de controle e a conclusão foi: "Áreas com grande concentração de estrangeiros conseguem empregar melhor os estrangeiros. Os imigrantes com menos de nove anos de educação escolar³⁷ ganham mais em viver com pessoas da mesma origem. Estar perto daqueles que têm a mesma origem facilita a obtenção de trabalho e de salário melhor". O jornal diz que a concentração de imigrantes apresenta alguns inconvenientes, sendo o principal a aprendizagem da língua sueca; os suecos de origem estrangeira acabam entrando nos negócios de família, no qual o aprendizado do sueco parece não ter grande importância. Mas em se tratando de mercado de trabalho e de salários – diz o *Länstidningen* – a concentração se mostra positiva por criar uma rede de interesses e o estrangeiro sofrer menor discriminação. Assim, conclui a reportagem, foi bom a Suécia ter abandonado a política de distribuir os imigrantes pela Suécia.

É possível que os *imigrantes* tendam a concentrar-se como forma de se solidarizarem com os que sabem partilhar da mesma condição. Entre os que partilham da mesma condição, talvez seja mais fácil estabelecer alianças; segundo Cohen, um dos fatores que mais estimula o surgimento de alianças é o comércio. Em Rinkeby, a área central do bairro concentra mais de quarenta micro e pequenas empresas dos próprios moradores: lojas de gêneros alimentícios, salões de beleza, perfumes, jóias, roupas, adereços, tapeçaria, instrumentos musicais, mercadorias e serviços inéditos. São pequenos empreendimentos que exploram nichos de mercado, não enfrentam concorrentes tradicionais e atraem consumidores de outros bairros. Alguns exemplos: a) um imigrante finlandês tornou-se conhecido por produzir móveis e artigos de decoração por encomenda, atendendo aos gostos específicos dos clientes, disposição rara de encontrar na Suécia. b) uma equipe de

³⁷ O sistema educacional na Suécia prevê nove anos de ensino obrigatório para cada indivíduo.

imigrantes presta consultoria jurídica, financeira e de mercado, a empresários suecos que se dedicam ao comércio exterior. c) um escritório despojado e sem burocracia faz transferências de pequenas quantias em dinheiro para países do norte de África, como Etiópia, Somália e Eritreia; nenhum banco sueco tem condições de realizar tais operações. d) num dos *super-mercados* da Rinkeby Torg, é possível comprar miúdos de frango e vísceras de gado, produtos de comercialização não permitida na Suécia. Esses exemplos parecem mostrar que a busca de satisfação de necessidades leva pessoas a efetuarem transações com *outros*, outros com os quais podem nutrir diferenças culturais.

Em *Transnational Projects: A New Perspective*, Glick Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992), dizem que a palavra “imigrante” evoca imagens de permanente ruptura, de renúncia a padrões anteriores de vida, de abertura ao aprendizado de novas culturas e novas linguagens. Hoje, afirmam os autores, essas imagens não correspondem à realidade. Os imigrantes atuais desenvolvem padrões de vida, ideologias e redes de sociabilidade próprias, podendo envolver interesses supra-nacionais. Os autores introduzem o termo “transnacionalismo” para designar o processo pelo qual os imigrantes constroem e mantêm relações sociais entre si e entre suas origens; introduzem ainda o termo “transmigrantes” para designar os imigrantes que cruzam fronteiras geográficas, sociais, políticas e econômicas, entre sociedades de origem, sociedades de acolhimento e outras.³⁸

Os empresários de Rinkeby mantêm um projeto de marketing conjunto sob a sigla: “*Rinkeby Spännande Centrum*” (Centro Emocionante de Rinkeby). A palavra “emocionante” é empregada pelos moradores para imprimir uma característica marcante ao bairro e torná-lo atrativo aos olhos dos que não simpatizam com a idéia da diversidade cultural. As diferentes entidades de moradores reúnem-se periodicamente para planejar ações comunitárias, articular estratégias de mercado, decidir o engajamento em manifestações públicas. Além dos eventos sociais que acontecem semanalmente no salão de festas da Folkets Hus, o calendário anual inclui: *Rinkeby Bokmässa* em março, feira de livros raros, concursos literários e palestras; o *Rinkeby Festivalen* em junho, dedicado à música, dança, teatro, fotografia e artes plásticas. Esses dois eventos contam com o apoio,

³⁸ “Today, immigrants develop networks, activities, patterns of living, and ideologies that span their home and the host society.” (Glick Schiller, Basch e Blanc-Szanton, 1992:4). “Transmigrants take actions, make decisions, and develop subjectivities and identities embedded in networks of relationships that connect them simultaneously to two or more nation-states (Glick Schiller, Basch e Blanc-Szanton, 1992:7).

entre outros, da *Svenska Akademien*, graças à qual laureados com o prêmio nobel marcam presença em Rinkeby. Outro apoio importante vem do *FöreningsSparbankens*, que demonstra capitalizar muito bem algumas características de Rinkeby. Por exemplo, em sua agência de Rinkeby, trabalham oito recepcionistas de origem estrangeira que, juntos, dominam catorze línguas. Segundo o jornal *Metro* de 21 de setembro de 2000, essa medida foi mostrada-se rentável sob o ponto de vista econômico e de atendimento. O *Metro* explica que o trabalho dos recepcionistas é o de introduzir os clientes nas novas tecnologias bancárias e informá-los de como melhor administrarem seu dinheiro. O banco conseguiu atrair novos clientes entre os moradores e até clientes de outros bairros preferem ser atendidos em Rinkeby. O *FöreningsSparbankens* planeja estender esse mesmo serviço a outras agências do país, segundo o jornal.

Em Rinkeby existe um projeto apresentado como social-pedagógico, formado pelos próprios moradores, chamado *Lugna Gåtan* (Rua tranqüila). O slogan do projeto é “Por um Rinkeby seguro” e a missão é a de proporcionar segurança e conforto aos moradores e visitantes, no cotidiano e nos eventos. Trata-se de um amplo projeto de cidadania, mantido por moradores, *VårBostad* (administração das moradias), representantes municipais, empresários, polícia, assistência social e escolas. Os membros do *Lugna Gåtan* usam jaquetas amarelas com a inscrição “*Medborgarvård Rinkeby*”, (Morador-anfitrião de Rinkeby). Os membros do *Lugna Gåtan* percorrem o bairro continuamente, sobretudo “zonas de risco” como as galerias do metro, comunicando-se entre si por telefones celulares; atendem a qualquer tipo de chamada e encaminham o problema para a área competente. Por acordo entre moradores e autoridades, qualquer dos trinta policiais lotados em Rinkeby só aparece em público se for chamado. Os carros da polícia são mantidos em garagens por serem alvo de depredação. O projeto *Lugna Gåtan* é dividido entre “Senior” e “Junior”. Do senior, fazem parte do quadro efetivo quatro adultos, trabalhando das 10 às 20 horas. O *Lugna Gåtan junior* conta com um efetivo de dez adolescentes, os quais circulam das 18 à 24 horas, período de maior movimentação dos seus pares. A missão do *Lugna Gåtan junior* é a de mobilizar os moradores mais jovens, prevenir atos de vandalismo, violência e tráfico de drogas. Os integrantes do projeto são treinados para abordar os grupos de adolescentes que estiverem na rua, fora do horário escolar, trabalho outrora realizado pela polícia. Esta troca de papéis com a polícia trouxe uma distensão no bairro e os pais

passaram a cooperar entre si, demovendo os filhos de permanecer ociosos na Rinkeby Torg, no Sweetland Café e, sobretudo, nas galerias do metrô. Os adolescentes, fora do horário escolar, são estimulados a permanecer em casa, na *Ungdomhuset* ou na biblioteca, na qual mantêm uma instalação ecumênica chamada “*Abrahams Barn*” (Filhos de Abraão), cujo objetivo é o de destacar um ascendente comum entre as principais religiões existentes.

Conversei com o chileno Johnny Castillo, líder do Lugna Gåtan senior; a primeira preocupação de Castillo foi a de informar que ele e os companheiros não gostavam de ser confundidos com espões. Eles andavam na rua para prestar assistência às pessoas e até mesmo prestar os primeiros socorros a algum necessitado. Li numa edição do jornal Metro, do mês de fevereiro, que 56% dos moradores de Rinkeby não sabe como pedir ajuda em caso de doença, dentro do sistema de saúde em vigor Suécia; para o resto de Stockholm, a média para o mesmo indicador é de 35%. Para dar uma idéia da eficiência do Lugna Gåtan, lembro o assassinado de um indivíduo de 19 anos na galeria do metrô de Rinkeby, por volta da meia noite e sem testemunhas, no dia 03 de março de 2002. No dia seguinte, em entrevista a um jornal, Johnny Castillo declarou: “Aqui todos nós sabemos quem seria capaz de cometer um crime desses”. Dias depois a polícia confirmou o fato dos assassinos terem sido identificados, aguardando apenas que eles se entregassem e confessassem o ato, para facilitar o processo. Li na imprensa sueca que o projeto Lugna Gatan contribuiu para diminuir o vandalismo, o racismo, as pichações e a violência em Rinkeby, sendo estendido à capital e a outros subúrbios. Também através da imprensa sueca, soube que em 1998 o Lugna Gåtan venceu *The European Crime Prevention Award*, concorrendo com 19 outros projetos.

Os dados do *USK-Utrednings och Statistikkontoret i Rinkeby* informam que os rendimentos médios anuais, em coroas suecas, dos moradores na faixa dos 20 aos 60 anos, são de 132.900 para os homens e 109.600 para as mulheres. Comentando esses valores, o *Dagens Nyheter* de fevereiro de 2002 diz que eles correspondem a um quarto da média de Stockholm, indicando a maior área de pobreza da Suécia. O *USK* informa ainda que dos moradores de Rinkeby na faixa de dos 20 aos 60 anos, apenas 36,4% são autônomos em termos de emprego, enquanto que a média em Stockholm para o mesmo indicador é de 72,5%. Isso significa que a maioria dos moradores de Rinkeby ainda depende de subsídios ou de empregos subsidiados pelo governo, como Lugna Gatan.

Em artigo na revista I & M - Invandrare & Minoriteter (Imigrantes e Minorias), Wuokko Knoke (2000) relaciona as justificativas mais comuns apresentadas por empresários suecos para explicar as dificuldades dos *imigrantes* no mercado de trabalho: não fluência em sueco, falta de cultura sueca, falta de competência social, não domínio dos códigos suecos. Mas Knoke cita os pesquisadores Schröder e Vilhelmsson (1998), os quais teriam demonstrado que mesmo possuindo todas essas competências, os *suecos de origem estrangeira* têm 30% mais de dificuldades para conseguir um determinado emprego, em relação aos suecos de origem. Com isso, Knoke defende a tese de que os estrangeiros são prisioneiros de preconceitos por parte da sociedade nacional. No mesmo artigo, Knoke cita também Broomé (1996), autor de *Varför sitter brassen på bänken* (Por que o brasileiro está no banco); penso que este título sugestivo evoca a imagem de jogador de futebol talentoso associada ao brasileiro, enquanto coloca o brasileiro no banco de reservas. Segundo Knoke, Broomé procura explicar por que *imigrantes* com competência são preteridos na hora de entrar no mercado de trabalho: um candidato a emprego, na hora da entrevista de seleção, emite sinais a serem captados pelo entrevistador sueco. Estes sinais, relacionados ao potencial do candidato, teriam emissão mais fraca por parte de *imigrantes* do que por parte de suecos, nas mesmas circunstâncias. Por exemplo, o lenço na cabeça de uma muçulmana pode encobrir os sinais emitidos por ela. Por outro lado, aspectos como "nome não sueco" atuariam como filtros, impedindo que os sinais sobre a competência do candidato imigrante sejam recebidos pelo entrevistador. O entrevistador, a partir de uma perspectiva etnocêntrica, escolhe os sinais que quer receber e filtra os que lhe parecem desvios da normalidade ou tidos por problemáticos. O resultado é o banco de reserva.

Na mesma edição de I&M, no artigo *Stick hål på språck ballongen!* (Furando a bolha da linguagem!), Nora Weintraub (2000), é bem mais direta que Broomé: "O que os empregadores querem é empregar pessoas o mais parecidas possível com eles." (2000:38). Tomando o exemplo da linguagem, Weintraub diz que o ideal do sueco perfeito, fluente e sem marcas, não existe; "os que têm o sueco como língua materna estão autorizados a cometer erros, os erros certos." (2000:38). Com este argumento, Nora Weintraub mostra que *a bolha da linguagem* - tradicional desculpa para explicar a segregação dos suecos de origem estrangeira - é inflada por preconceitos, num círculo vicioso difícil de quebrar: os

sueco de origem estrangeira são discriminados por falarem mal a língua sueca e falam mal a língua sueca por se sentirem discriminados.

Sob o título "Multicultura: uma idéia de negócios em crescimento", o jornal Metro de 21 de Setembro de 2000 entrevista Christer Sjödin, *Ombudsman* da Discriminação; Sjödin diz que percebe ao longo do último ano mudanças de atitude por parte de empresários suecos em relação a trabalhadores de origem estrangeira. "Há empresários começando a entender que funcionários estrangeiros podem ser bom negócio para suas empresas", teria declarado Sjödin. Esses empresários pedem que Christer Sjödin e equipe vão até eles e transmitam aos funcionários as vantagens do multiculturalismo em áreas de trabalho. *Lindex* e *Body Shop* são exemplos de duas cadeias de lojas que aderiram às equipes multiculturais, interessadas em funcionários fluentes em várias línguas. Em vigor no setor público e privado, lembro a existência de políticas de ação afirmativa que garantem a presença de representantes das minorias nos meios de comunicação de massa, sejam programas de entretenimento, culturais ou anúncios comerciais. Algumas iniciativas são voltadas especialmente para o *sueco de origem estrangeira*: reportagens que destacam o caráter objetivo das avaliações no esporte e no estudo, tentando veicular a idéia de que a competição nessas áreas é mais franca; depoimentos de atletas, políticos e professores, de origem estrangeira, acenam com a possibilidade dos integrantes de minorias tornarem-se cidadãos influentes na sociedade.

As iniciativas institucionais que procuram integrar e valorizar *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira* são orientadas pelo trabalho conjunto do *Migrationsverket* e *Integrationverket*, ministérios que cuidam respectivamente das políticas de imigração e integração de imigrantes. Esses ministérios trabalham com metas próprias, traçadas para atender interesses nacionais nem sempre reconhecidos pela sociedade. Para esclarecer melhor esse ponto, vou retomar Donald Connery (1966), em *The Scandinavians*. Em 1934, diz Connery, os cientistas suecos Gunnar e Alva Myrdal publicaram um explosivo volume intitulado '*Crisis in the population question*': "Eles sacudiram seus compatriotas chamando a atenção para o declínio dos índices de natalidade na Suécia e alertando que esse fato poderia destruir a estrutura social da nação a não ser que medidas drásticas fossem tomadas."³⁹ Connery diz que após a introdução de várias medidas no sentido de estimular a

³⁹ "They

maternidade, em 1960 a taxa era 13.7, exatamente a mesma quando do alarme dos Myrdals. Ainda a esse propósito, os jornais *Länstidningen* de 29 de dezembro de 2001 e *Metro* de 9 de fevereiro de 2002 apresentam reportagens sobre o mesmo tema: a Suécia tem 8 909 128 habitantes, graças ao acréscimo de 27.767 novos habitantes em 2001. Este foi o maior aumento desde 1994, quando a Suécia recebeu 71.272 imigrantes da Iugoslávia. As tabelas apresentadas pelos jornais mostram que a diferença entre nascimentos e falecimentos é negativa: em 2001, ocorreram 1.920 mortes a mais do que nascimentos. Portanto, o acréscimo populacional de 27.767 veio como resultado da imigração. O alerta de Gunnar e Alva Myrdal mantém a atualidade, considerando a tendência demonstrada pelos *suecos-suecos* de optar por não terem muitos filhos. O acolhimento de estrangeiros seria uma forma de compensar os baixos índices de natalidade do país, mas essa medida enfrenta considerável reação por parte de uma parcela de *suecos-suecos*.

PARTE III

3.1 – Conversas sobre o *rinkebysvenska*

Para uma introdução ao assunto *rinkebysvenska*, vou apresentar oito interlocutores que colaboraram com esta pesquisa respondendo às três perguntas do roteiro mencionado na *Introdução*. A ordem de apresentação é a que me parece mais conveniente no sentido de propiciar a melhor compreensão do fenômeno. Com exceção do interlocutor que apresento em primeiro lugar, *sueco-sueco* e não morador de Rinkeby, os demais são *imigrantes* e moradores de Rinkeby. Os nomes usados são fictícios, as idades são aproximadas e os demais dados são fatuais; as expressões do *rinkebysvenska* coletadas por seu intermédio são reproduzidas na parte 3.2, sobre os usos e contextos em que é falado o *rinkebysvenska*.

- Inga é sueca, 55 anos de idade, funcionária do *Mångkulturellt Centrum* (O Centro Multicultural) em Botkirka, no estado de Stockholm.
- Vera nasceu no Chile, 30 anos de idade, vive há 15 anos na Suécia e é pesquisadora-assistente do *Språkforskningsinstitut i Rinkeby* (Instituto de Pesquisa de Línguas de Rinkeby).
- Camilla nasceu no Chile, 30 anos de idade, vive na Suécia há 21 e é professora de línguas na *Muslimsk Friskola Alelown Alislamia*.
- Marta nasceu na Bolívia, 60 anos de idade, vive na Suécia há 40 anos, estudou pedagogia e é funcionária do *Invandrarverket* (Departamento de Imigração) em Rinkeby.
- Garcia nasceu em Cuba, 60 anos de idade, vive há 35 anos na Suécia, é médico-estomatologista do sistema de saúde público, em Rinkeby e Tensta.

shook their country-men setting out the facts of Sweden's declining birth rate and warning that it could destroy the nation's social structure unless drastic measures were taken" (1996:392).

- Ismael nasceu na Somália, 24 anos de idade, vive na Suécia há 17 anos e é estudante de economia na Stockholms Universitet.
- Mauro nasceu no Brasil, 30 anos de idade, vive há 6 anos na Suécia, trabalha no *Servicehus i Rinkeby* (Casa da Terceira Idade de Rinkeby) e também é instrutor de capoeira em Stockholm.
- Cartagena nasceu no Perú, 44 anos de idade, vive na Suécia há 5 anos e é instrutor de música e dança afro-peruana em Stockholm.

INGA

A oportunidade de fazer esta entrevista apresentou-se por acaso. Fui a Botkirka para conhecer o Centro Multicultural, uma instituição dedicada à pesquisa das relações interétnicas na Suécia. Os funcionários estavam reunidos em volta de um rádio portátil, acompanhando a transmissão das últimas homenagens a Astrid Lindgren. Apresentei-me em inglês, como pesquisador brasileiro, e informei a minha área de interesse: a condição de vida dos imigrantes na Suécia, sobretudo a dos moradores de Rinkeby. Inga ofereceu-se para me ajudar e fez várias perguntas um tanto inesperadas, tais como cidade e estado brasileiro da minha procedência, área de estudos, como tivera conhecimento de Rinkeby, se já conhecia esse bairro e se estava hospedado lá durante a estada na Suécia. Inga - entendi depois - queria certificar-se de que estava na presença de um pesquisador e não de um imigrante, antes de pronunciar-se. Respondi às suas perguntas e também passei a interrogá-la. “Você sabe o que é o *rinkebysvenska*?”.

Inga, pretendendo corrigir-me, disse: “você se refere ao *pidgin* que se fala em Rinkeby?”. E recorreu ao termo *pidgin* várias vezes em seus longos comentários. Inga disse que considerava uma falta de respeito para com ela, para com os impostos que paga, para com seu país, que os *imigrantes* em geral, especialmente os de Rinkeby, falassem “pidgin” e não sueco. “O Estado sueco coloca à disposição escolas modernas, professores

especializados e recursos elevados para, depois de tudo isso, os *imigrantes* preferirem o “pidgin” ao sueco. Enquanto são crianças, ainda é possível ver alguma graça em sua forma de falar, mas quando entram na escola, o caso se mostra uma calamidade. Como vai ser no futuro? Por que as pessoas aprendem palavras dos ciganos, que são uma minoria ínfima na Suécia, e não aprendem sueco?” E Inga insiste na “falta de respeito para com os suecos”. Em outro momento, Inga diz que a Suécia é uma democracia de fachada e que a *intelligentsia* sueca é a grande responsável por esse estado de coisas. *Intelligentsia*, explica Inga, é a elite intelectual formada por jornalistas, políticos e acadêmicos. A *intelligentsia* considera como racista qualquer crítica ao comportamento dos *imigrantes*; a população sueca fica acossada, impedida de manifestar-se com medo de ser acusada de racista, fazendo concessões aos *imigrantes*. “A imprensa tem um grande poder na Suécia; por exemplo, se um sueco decide morar numa cabana na floresta, a imprensa vai entrevistá-lo e apresentá-lo como ‘um excêntrico’. Se um imigrante for alojado provisoriamente num *bungalow*, a imprensa declara que a política de integração está falhando, sem informar em que condições esse imigrante vivia na sua terra. Minha indignação é contra a *Intelligentsia*, não contra os *imigrantes*. Como justificar um ministério da Integração, se na prática os *imigrantes* e suecos não buscam a convivência uns com aos outros?” Inga diz que esteve dois anos entre os *imigrantes* suecos de Minnesota, USA; os suecos vivem lá há três ou quatro gerações, não pretendem retornar à Suécia mas também não querem ser chamados de norte-americanos. Seguem as tradições do calendário sueco e tudo mais, mas falam inglês, lutam e demonstram respeito pelo país que os acolheu. “Os *imigrantes* que vieram para cá são diferentes; para eles, tanto faz viverem na Suécia como em outro lugar qualquer, eles estão em busca de lugares onde possam seguir suas tradições em paz e conforto material. Os próprios estrangeiros quando consultados diretamente dizem que não têm planos de ficar para sempre, desejam retornar a casa tão logo melhore a situação em seus países.”

Inga diz que Rinkeby é um enclave no território sueco, não é Suécia. “Perante a sociedade sueca, os moradores de Rinkeby não são suecos, nem mesmo se um decreto do governo assim o determinasse.” E Inga ilustra com um provérbio: “É possível tirar uma garota do Texas mas não o Texas de uma garota.” E os moradores que nasceram em Rinkeby? “Tampouco são suecos – responde Inga – eles não celebram o

Valborgsmässoafton, nem o *Midsommarstång*”. Inga diz que os adolescentes de Rinkeby referem-se às suecas como ”*svennehoror*” (putas suecas); durante a adolescência, os pais não se importam que os filhos namorem as *svennehoror*, mas na idade adulta eles são enviados aos locais de origem para casar e trazer as esposas para cá. Os maridos das filhas são escolhidos durante a infância e o pai da noiva negocia com a família do pretendente o preço da aliança mais o direito de residir na Suécia. Inga imprime e me entrega uma folha com referências bibliográficas de Alexandra Pascalidou, conhecida jornalista crescida em Rinkeby, sobre a qual supostamente baseia suas informações. Como se define um sueco? Inga responde de imediato: ”é sueco aquele que fala, pensa, sonha e escreve em sueco, como fez Astrid Lindgren. Os suecos gostam do contato com a natureza e no verão saem para colher frutas, flores silvestres e cogumelos. Pergunte a um morador de Rinkeby se sabe o que é *kantareller*⁴⁰ ou *knäckebröd*⁴¹. Os suecos se reconhecem nos livros de Astrid Lindgren. Neste momento cem mil pessoas estão na rua para ver o cortejo funerário.” Inga aprova os nomes que cito como ícones da *suedicidade*: Carl Larson, Anders Zorn e Elsa Beskow, pintores e escritores falecidos neste século.

Perguntei a Inga se ela conhecia alguma palavra do *rinkebysvenska*. Inga recusou-se a comentar essa pergunta e recomendou-me que escutasse as letras dos grupos de “rap” que infestam as emissoras de rádio, ocupando o lugar da “polska”. Pergunto se Inga sabe em que contextos é falado o *rinkebysvenska* e Inga responde: “O *pidgin* pode ser escutado em qualquer lugar onde se reünam *imigrantes*.” Para Inga, há o *pidgin* falado em Rinkeby, o *pidgin* falado em Tensta, Ryssne, Fittya e assim por diante. Para Inga, em todos os subúrbios de maioria imigrante a linguagem falada é *pidgin*. “Com os cortes de orçamento na educação, as classes do ensino obrigatório em Stockholm passarão a ter trinta a quarenta alunos de diferentes origens. Que professores se dispõem a ensinar nessas condições? Os professores de origem estrangeira. Congratulações à nossa *intelligentsia*”.

⁴⁰ *Kantareller* é o nome de um cogumelo, também conhecido entre os suecos como “o ouro do mato”. A ida ao campo para colher cogumelos e frutas silvestres como framboesas vermelhas, amarelas e morangos minúsculos, faz parte das tradições suecas relacionadas ao contato com a natureza. *Knäckebröd*, mencionado por Inga, é um pão de centeio integral, crocante e em formato de bolacha, produzido desde os anos 1700.

⁴¹ *Knäckebröd* é um pão de centeio integral, crocante e em formato de bolacha, produzido desde os anos 1700.

VERA

Esta entrevista aconteceu no Instituto de Pesquisa de Línguas de Rinkeby, na presença de outros pesquisadores e de jornalistas. Vera começou por apresentar as instalações, o quadro funcional e o propósito da instituição. Até outubro de 2001, o instituto funcionava como núcleo de apoio a pesquisadores do Centro de Bilingualismo da Universidade de Stockholm; agora o instituto possui quadro efetivo, numa parceria entre o representante municipal de Rinkeby, o Estado de Stockholm e a Universidade de Stockholm. O ponto de partida são as pesquisas já realizadas em subúrbios multiculturais.

Vera enumera alguns dos objetivos do Instituto de Pesquisa de Línguas de Rinkeby: “estabelecer pontes e formas de troca de conhecimento entre pesquisadores e docentes, de creches, do ensino básico, secundário e do *Komvux* (Escola de ensino para adultos); pesquisar e gerar informação sobre o bilingualismo individual e em sociedade.” Vera acrescenta que as pesquisas procuram fornecer respostas sobre o ensino e aprendizado do sueco nos estudos regulares, em ambiente de multilingüismo; “ambiente” refere-se à moradia, trabalho e sociedade.

Vera referiu-se aos 156 moradores de Rinkeby de origem “desconhecida” (Fig.4); tratam-se de indivíduos que entraram na Suécia sem apresentar documentos. Segundo Vera, algumas dessas pessoas livraram-se dos documentos para dificultar a investigação quanto à procedência, numa tentativa de impedir o eventual repatriamento; outras pessoas nunca possuíram documentos ou sequer desenvolveram noção de pertencimento a uma nação; por exemplo, membros de tribos nômades africanas, os quais, surpreendidos por guerras civis, passam anos atravessando fronteiras geográficas sem saber apontar seu local de origem num mapa. Vera explicou que o instituto recorre a universidades e a instituições privadas, especializadas em línguas, na tentativa de identificar as “origens desconhecidas”. Vera diz que a tarefa é longa, complexa, cara e com um percentual de erro acima de 20%.

Vera faz uma introdução geral sobre a problemática do *bilingüismo*. “Quando uma criança *sueca-sueca* começa a escola, ele ou ela tem na língua mãe sua base de aprendizado; a identidade da criança se desenvolve à medida em que a criança interage com

os pais e membros do seu grupo. A língua materna é vista como símbolo de pertencimento ao grupo 'sueco'. O processo de formação da identidade de crianças nascidas na Suécia de origem estrangeira é diferente; o aprendizado começa com a língua dos pais e o aprendizado do sueco vem mais tarde, com um ano e meio de idade, em paralelo com a língua materna, no caso da criança entrar numa creche. A identidade desta criança se desenvolve quando a criança usa a língua dos pais na interação com os membros do seu grupo. Até aí, a língua materna domina. Com seis anos, a língua sueca começa a se tornar dominante, mas para uma criança de origem estrangeira, o sueco aprendido não alcança o nível de uma criança sueca-sueca. A criança bilingual usa as duas línguas alternadas, de acordo com a situação, uma língua dominando num contexto, outra dominando em outro contexto, sem que a criança consiga usar as duas línguas como um *sueco-sueco*. O tamanho do grupo ao qual a criança pertence, o padrão cultural, as atitudes em relação à vizinhança e à sociedade são fatores a considerar no processo. Em relação a um *sueco-sueco*, a criança de origem estrangeira leva pelo menos dois anos a mais para aprender a comunicação básica em sueco e cinco a oito anos a mais para alcançar o nível regular do ensino básico obrigatório, um vocabulário de 8.000 a 10.000 palavras, com um ganho de 3.000 novas palavras a cada ano seguinte. Uma criança de origem estrangeira precisa dedicar muito mais tempo e esforço que uma criança de origem sueca, para alcançar o mesmo desempenho. "Para não haver lacunas de aprendizado, estamos recomendando que a criança siga o aprendizado na língua materna e que estude pouco a pouco para ir acumulando créditos. É um aprendizado ligado a situações da vida prática. Os professores devem ser capazes de envolver os pais no processo de aprendizado dos filhos. Mas há famílias que provém de tradições orais, outras usam outras formas de alfabetos que não o romano. O professor do ensino regular não foi preparado para lidar com tal diversidade." Uma das pesquisas em curso no instituto, diz Vera, é quanto à relação entre a socialização na creche ou mais tarde, a partir do ensino primário. Nessa pesquisa, as duas minorias de maior representatividade em Rinkeby, turcos e somális, socializadas a partir do ensino primário, são comparadas com o desempenho dos suecos, socializados a partir da creche. O instituto pretende mais tarde formar professores do ensino regular com base nesses estudos comparativos entre sueco e línguas de minorias de maior representatividade. Vera diz que uma das missões do instituto é a de transmitir diretrizes quanto ao que ensinar, como

ensinar, para quem ensinar, onde ensinar, quem deve ensinar, em que circunstâncias e com que objetivos.

Quanto ao *rinkebysvenska*, Vera diz que os pesquisadores adotam a expressão “*Multietniskt ungdomsspråket*” (Linguagem multiétnica adolescente) para se referirem ao fenômeno. Os usos da língua feitos pelos adolescentes em ambientes multiculturais e novas formas de sueco também são objetos de pesquisa. Segundo Vera, o instituto não dispõe ainda de instrumentos de observação e avaliação sistemáticas para se pronunciar com segurança sobre o *rinkebysvenska*. Alguém dos presentes pergunta se o *rinkebysvenska* é um dialeto e Vera responde: “Se o autor considerar como dialeto uma variante de um idioma, bastante diferente da língua-mãe em termos de pronúncia, vocabulário e ritmo, ao ponto de causar dificuldades na compreensão por parte dos nativos, a resposta pode ser afirmativa.” Mas Vera lembra que o Instituto de Pesquisa de Línguas de Rinkeby não possui por enquanto instrumentos de análise para se pronunciar a respeito da *linguagem multiétnica adolescente*. Aos pesquisadores, Vera recomenda os livros de Ulla Britt Kotsinas, pioneira nesse estudo específico. Um jornalista pede algumas palavras em *rinkebysvenska*. Vera reclama do assédio dos jornalistas e recomenda aos interessados entrevistarem diretamente os falantes. Pergunto: “Em em que contextos é falado o *rinkebysvenska*?”

Vera insiste que o projeto só começou agora; a equipe não sabe precisar em que situações e contextos os adolescentes empregam o *rinkebysvenska*. Apenas como introdução, Vera diz que as mesmas palavras estrangeiras são adotadas pelos adolescentes, independentemente da origem. Por exemplo, a forma de cumprimentar, “*tikanis*”, é adotada por gregos e não gregos. Vera admite que existem contextos específicos nos quais o *rinkebysvenska* é empregado. Ela conta que no início do ano uma equipe de reportagem da TV solicitou que o instituto indicasse três falantes do *rinkebysvenska* para uma entrevista. O instituto indicou os três falantes e estes concordaram com a proposta da TV, mas diante das câmeras, nenhum dos três conseguiu pronunciar uma palavra que não fosse sueca.

CAMILLA

Camilla conta que veio morar em Rinkeby quatro anos atrás, após terminar o curso de pedagogia e estagiar na Rinkebyskolan. Nos primeiros dias em sua nova morada, uma vizinha somáli cruzou com ela na área comum e apresentou-se, em sueco: "Meu nome é Samya, tenho cinco filhos, e você?" Camilla disse o nome e o país de origem. A mulher perguntou: "Mas quantos filhos você têm?". Camilla respondeu que não tinha filhos. "A mulher olhou para mim de alto a baixo e só faltou dizer: 'sinto muito'". Ainda sobre esse contato, Camilla diz: "Reconheço que na ocasião eu também senti pena da minha vizinha. Éramos da mesma idade e ela tinha cinco filhos."

No primeiro dia do estágio, Camilla escutou da orientadora, a propósito dos alunos: "Vai ser bom se você conseguir que eles não se matem dentro da sala de aula". Camilla diz que precisou chamar a atenção de uma aluna turca: "No final da aula eu pensava que o caso estivesse encerrado; a menina aproximou-se, passou a mão no meu rosto e disse: 'És tão bonitinha... posso mandar o meu irmão te dar uma surra'". Segundo Camilla, a orientadora estava presente e recomendou-lhe que não considerasse o gesto da aluna turca como uma agressão pessoal; a orientadora explicou que os alunos da Rinkebyskolan cometem frequentemente ações ousadas para impressionar os colegas e estabelecer hierarquias; os garotos, sobretudo através de brigas; as garotas, medindo a popularidade entre si. Camilla diz que após o estágio procurou outra opção de emprego que não a Rinkebyskolan. Dentre outras coisas, Camilla diz que não viu possibilidade de compatibilizar as diferenças de conhecimento e de comportamento apresentadas pelos alunos e as formas padronizadas de medir o desempenho escolar. Camilla hoje ensina inglês na *Muslimsk Friskola Alelown Alislamia*⁴². Nessa escola, diz Camilla, "aprendi que palavras suecas como *sauna*, *massagem*, *aborto*, *nudez*, *educação sexual*, *preservativos*, de uso corrente no ambiente escolar sueco desde as séries iniciais, agridem particularmente as mulheres muçulmanas." Por outro lado, explica Camilla, a não transmissão das noções de *culpa* e *pecado*, nas

⁴² A *Muslimsk Friskola Alelown Alislamia*, onde trabalha Camilla, foi fundada em 1995, como resultado de debates entre representantes de 15 países muçulmanos e o *Invandraverket* (Departamento Social), de Rinkeby. Este departamento constatou que as famílias muçulmanas não matriculavam seus filhos em creches, por restrições ao conteúdo do ensino, preferindo deixar de receber o subsídio correspondente. A *Muslimsk Friskola Alelown Alislamia* destina-se a alunos do ensino básico e tem professores de 9 países.

escolas suecas, coloca sob suspeição o sistema educacional sueco por parte da comunidade muçulmana. Camilla diz que no fundo, a comunidade muçulmana só reconhece como legítima a educação conforme ao Corão; as regras de conduta a serem adotadas enquanto moradores de Rinkeby são sempre debatidas com o *mullah* (líder religioso)⁴³. Camilla diz que esteve em casa de várias alunas somalis e viu os maridos tomarem as refeições sentados em sofás de dois lugares, instalados nas cozinhas; os demais membros da família sentam em cadeiras e até mesmo no chão. Quando o marido recebe um amigo, o amigo é servido ao lado do marido, no sofá. Camilla perguntou às alunas se esse tratamento privilegiado dos homens era tradição na Somália. A resposta foi negativa; as alunas explicaram que se tratava de uma orientação do *mullah* quanto à educação das crianças. De acordo com o *mullah*, as crianças precisam aprender que existe sempre presente uma autoridade a quem elas devem respeito. Mas as leis da Suécia proíbem a punição de crianças e a figura da autoridade se dissipa. A prática do pai sentado no sofá ajuda a manter a idéia da autoridade, sem punições, assim como um mérito apresentado por uma das crianças pode ser reconhecido através do convite para sentar junto do pai. Dentro de casa - soube Camilla através das alunas - as crianças se comportam bem, mas os pais são chamados regularmente para escutar queixas sobre o comportamento dos filhos na escola. Camilla diz que nas reuniões entre pais e professores, é freqüente ouvir pais dizerem: "Então deixem-me dar uma surra no meu filho, apenas uma surra".

Com base na experiência pessoal como imigrante, estudante e professora, Camilla diz que o ensino regular na Suécia tem por objetivo levar os *imigrantes* a "*rättning mot mitten*" (algo como acertar o passo). Enquanto isso, os suecos podem viver e cultivar suas próprias personalidades. Diz Camilla: "Se um sueco se torna *punk*, *vegan*, nazista, pedofílico ou *rastafari*, ninguém [sociedade majoritária] diz, 'isto não pertence à cultura sueca'; o caso é visto no âmbito pessoal. Com os *imigrantes* é diferente; você deve estar acompanhando os debates na TV sobre a condição da mulher muçulmana: os suecos

⁴³ Na administração municipal de Rinkeby, fui informado de que aproximadamente 50% dos moradores do bairro professam a religião muçulmana. Embora esta pesquisa não focalize grupos religiosos, é importante registrar o peso da presença muçulmana no bairro; a mesquita na Rinkeby Torg e a *Muslimsk Friskola Alelown Alislamia*, instituições criadas para atender a demandas específicas dos muçulmanos, são dois exemplos já mencionados. Ora, diferente dos muçulmanos, que não dissociam o cotidiano da religião, o Estado sueco é laico e as instituições promovem a justiça social sem apelo religioso. Camilla, a minha entrevistada que ensina na *Muslimsk Friskola Alelown Alislamia*, disse-me que a atitude dos suecos em relação à religião é interpretada por muçulmanos como "falta de espiritualidade".

insistem que as mulheres muçulmanas levam uma vida opressiva e vinculam essa opressão à cultura muçulmana; mas as mulheres muçulmanas presentes nos debates atribuem os casos de opressão a práticas individuais dos maridos, não à cultura muçulmana.”

Camilla diz que palavras do *rinkebysvenska* aparecem com frequência nos trabalhos escolares; os alunos escrevem da forma como falam e gritam uns para os outros. [Esta informação, de certa forma, contraria Kotsinas (1988), para quem o *rinkebysvenska* é apenas oral]. Segundo Camilla, o *rinkebysvenska* é falado em ambientes fora da sala de aula; dentro da sala de aula, os professores exigem o sueco “standard”. Ela escuta o *rinkebysvenska* quando os adolescentes de Rinkeby estão no intervalo, no ônibus e no metrô, a caminho ou no retorno de algum evento. Camilla diz que a maioria dos seus alunos, jovens e adultos, já passou por vários países; eles dizem que se sentem bem tratados na Suécia mas mais excluídos que em outros países. Camilla lembra que em sua adolescência também se sentia excluída, mas hoje entende que o distanciamento dos suecos tem a ver com o próprio estilo de vida sueco. Suecos também podem sentir-se excluídos da sociedade se perderem o emprego ou se se tornarem dependentes de álcool⁴⁴; assim, é errado pensar que apenas *imigrantes* são segregados na Suécia. Viver entre duas culturas - diz Camilla referindo-se a si própria - permite olhar os dois lados de forma crítica. Camilla diz que hoje prefere o estilo de vida sueco e pouco convive com chilenos ou latinos. Seu nível de exigência em relação a amizades mudou, dois ou três amigos são suficientes para ela se sentir bem e evita relacionar-se com pessoas que não seriam aceitas nos meios que ela frequenta. Camilla é loira natural e, segundo ela, habitualmente passa por sueca. Mas sabe como é constrangedor viver muito tempo num país, ou até ter nascido nesse país, e continuar sendo visto como estrangeiro. Por outro lado, também é constrangedor que professores e autoridades procurem mostrar-se compassivas com

⁴⁴ Penso que uma das maiores preocupações dos pais e educadores muçulmanos, e possivelmente de pais e educadores em geral, seja quanto ao consumo de álcool na Suécia. O *USK* (2000), com base numa medida de consumo padrão, apresenta o resultado de pesquisa realizada em diferentes escolas secundárias de Stockholm. Por exemplo, nas duas escolas do bairro de elite Östermalm, *Gårdesskolan* e *Engelbrektsskolan*, 46% e 50% dos estudantes são grandes consumidores de álcool. O maior percentual foi encontrado na *Eriksdalsskolan*, do também bairro de elite Maria-Gamla Stan: 56% dos estudantes são grandes consumidores de álcool. Na mesma pesquisa, apenas 10% dos estudantes da *Rinkebyskolan* aparecem como grandes consumidores de álcool. Estes comentários procuram mostrar possíveis restrições ao “modelo sueco” alimentadas por *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira*, considerado por alguns como demasiado liberal.

peessoas que se consideram pertencentes à sociedade sueca. Camilla diz que com o *rinkebysvenska*, os falantes se comportam da forma como a sociedade os vê: como estrangeiros.

MARTA

Marta diz que se formou em pedagogia e trabalhou como professora da Rinkebyskolan por doze anos; passado esse tempo, retomou os estudos e tornou-se professora de *Svenska För Invandrare* - SFI (Curso de Sueco para *Imigrantes*, com idade acima de 19 anos), em Rinkeby. Logo de início, percebeu que os alunos adultos estão voltados para as tradições, comércio e evolução política de seus países de origem; demonstram pouco interesse em entender como funciona a sociedade sueca. Marta diz que procurou estimular os alunos a aprenderem sueco e a conhecerem as tradições suecas argumentando que a cultura deles está preservada em seus países de origem, mas a cultura sueca só existe na Suécia. Vale a pena conhecê-la. Marta recorreu a filmes inspirados nas lendas e mitos suecos, mas a maioria dos alunos dormia em sala de aula; também preparou e levou para a escola pratos típicos da culinária sueca, mas os alunos se mostraram indiferentes. Uma das metas do SFI, explica Marta, é o de introduzir os *imigrantes* na sociedade sueca. Numa das primeiras lições, por exemplo, pede-se que os alunos decorarem o nome de cada item presente numa típica cozinha sueca. Marta diz que as alunas do sexo feminino geralmente acompanham a tarefa com algum interesse, mas os homens relutam em decorar palavras que julgam não pertencer ao seu mundo⁴⁵. Quando ela mencionava como característica do homem sueco o participar de todas as tarefas domésticas, percebeu que os alunos viam um tal homem como tíbio.

Marta diz colecionar inúmeras anedotas baseadas em seu relacionamento com os alunos. Em sala de aula, ela sempre procurou fugir a temas que confrontassem crenças religiosas, mas o conflito era inevitável devido a provocações mútuas entre os próprios alunos. Por vezes, um símbolo desenhado quase imperceptível no quadro ou num tampo de

⁴⁵ Como diz Gumperz em *Discourse Strategies*, "What we perceive and retain in our mind is a function of our culturally determined predisposition to perceive and assimilate." (1982:13).

uma mesa era o bastante para que uma das partes, muçulmana, cristã ou ortodoxa, se retirasse da sala sem qualquer explicação. Depois que o símbolo era localizado e apagado pela professora, os ofendidos retomavam seus lugares. Marta disse que teve inúmeros alunos políglotas mas completamente analfabetos, ou então analfabetos quanto às letras ocidentais. Um deles, cigano, empregou a mímica para justificar seu desinteresse quanto ao aprendizado da língua sueca, assim interpretado por Marta: “os ciganos viajam por todo mundo e negociam com todos, sem saber falar as línguas dos outros; mostram o produto a ser negociado e avaliam o interesse dos clientes pelo brilho dos olhos.”

Marta diz que nunca conseguiu manter os alunos falando sueco em sala de aula, como seria o ideal. Uma outra das metas do SFI, diz Marta, é o de desenvolver a competência social dos estudantes de forma a que eles não se diferenciem muito da maioria dos suecos ao ponto de causar embaraços durante o período de adaptação; tornar-se um cidadão coletivo. Mas os alunos não se identificam com a imagem que possuem do “*medelsvensson*” [sueco típico], introspectivo, de vida social restrita, trabalhador árduo no emprego e no lar. As alunas do sexo feminino, por seu lado, desdenham o modelo “*kelloggskvinna*” [mulher *kelloggs*, segundo Marta, expressão usada por alas femininas suecas para referir-se às seguidoras de etiquetas, modas e livros de receitas]. Marta diz que os *imigrantes* de Rinkeby só conhecem os suecos por estereótipos, alguns deles muito antigos, trazidos de seus países de origem. Existe muito preconceito entre ambas as partes e também muito preconceito entre os próprios moradores de Rinkeby em relação uns aos outros. No *Invandrarverket*, diz Marta, “é sabido que os *bósnios* e croatas recusam intérpretes da Sérvia, persas odeiam árabes, os árabes desconfiam de pessoas com nariz afilado, os judeus afastam-se de pessoas com nariz adunco, os de olhos rasgados não querem vizinhos de nariz chato. Os latinos são os mais cosmopolitas e transitam bem entre os demais *imigrantes*.”

Sobre o *rinkebysvenska*, Marta começa por dizer que “a rainha Sílvia está na Suécia há vinte e seis anos, teve os melhores professores de sueco, possui um vocabulário fora do comum, mas os súditos reclamam nos jornais que ela não fala sueco perfeito. Então, imagine o que os suecos pensam dos ‘*svartskallar*’”. O problema não é língua sueca mas os suecos, diz Marta. “Os suecos não gostam de ver estrangeiros apropriarem-se do sueco. Eu,

depois destes anos todos, sinto-me mais à vontade conversando com estrangeiros, tenho menos preocupação de cometer erros. Você soube do artigo de Lena Sundström, uma jornalista sueca de origem coreana? Ela escreveu no Metro que retornava da cobertura de um evento e no Aeroporto de Arlanda [Stockholm] precisou reclamar do extravio da sua bagagem. Ela apresentou-se ao funcionário de plantão e o funcionário foi fazendo perguntas em inglês; ela respondia às perguntas em sueco e o funcionário dirigindo-se a ela sempre em inglês. Segundo a jornalista, o burocrata do aeroporto aprendeu que uma sueca é loira, de pele clara, alta e de olhos azuis; logo, uma pessoa de traços orientais não podia ser sueca nem ter o sueco como língua materna.” Marta prossegue: “Penso que seria mais vantajoso para os *imigrantes* que lhes fosse ensinado inglês; sabendo inglês, eles poderiam falar de igual para igual com os suecos.”

Segundo Marta, o *rinkebysvenska* é uma linguagem cujo uso é atribuído aos *suecos de origem estrangeira*, moradores de Rinkeby; devido às incursões dos adolescentes de Rinkeby a Stockholm, em grupos, os moradores de Stockholm pensam que só os adolescentes falam *rinkebysvenska*. Marta diz que o *rinkebysvenska* é usado em Rinkeby nas negociações entre pessoas de diferentes origens e idades; os moradores de Rinkeby, entre si, não estão muito preocupados em articular as palavras suecas com a inflexão ensinada pelos professores. É muito cansativo. E todas as vezes que representantes da associação “Amigos de Rinkeby” se reúnem para planejar eventos comunitários, a troca de palavras de diferentes línguas faz com que novas palavras sejam incluídas num vocabulário comum. Também os fornecedores suecos que abastecem os *imigrantes* de mercadorias já usam palavras dos *imigrantes*, como forma de se aproximar deles; o *rinkebysvenska* serve para distinguir aliados e inimigos, diz Marta.

Marta tem contato com pessoas de todas as idades e diz que os *imigrantes* de primeira geração quando vão ao *Invandrarverket* procuram falar sueco o melhor possível; mas os suecos da segunda geração são mais descontraídos e não demonstram a mesma preocupação; cometem mais erros e parecem não se importar com isso, o que leva Marta a pensar que os erros são cometidos inconscientemente⁴⁶. Para Marta, o *rinkebysvenska* às

⁴⁶ Em *Language, Dominance and Resistance: An ethnological perspective on teaching and learning Swedish in an immigrant environment in Sweden*, Ann Runfors e Annick Sjögren (1994), investigam a relação entre o aprendizado do sueco e o ambiente dos subúrbios de Stockholm, nos quais a proporção de crianças de origem estrangeira varia de 40% a 95%. As autoras observam que a segunda geração de sueco de origem estrangeira

vezes lhe soa como uma provocação, outras vezes lhe parece uma decorrência natural da segregação social e geográfica a que os moradores de Rinkeby estão sujeitos.

GARCIA

No Sweetland Café conheci Garcia, que era dentista em Cuba até receber da Lund Universitet uma bolsa de especialização em cirurgia buco-maxilo-facial, no início dos anos sessenta. Garcia fala das mudanças sociais ocorridas nos últimos trinta anos; alto e corpulento, lembra que os suecos pediam para tirar fotos ao lado dele. “Hoje, as crianças são ensinadas a não olhar um desconhecido, olhar já é uma forma de intimidade não permitida.” Garcia diz que essa atitude de distanciamento esperada de um sueco contrasta com o comportamento irreverente de *imigrantes*; o olhar do imigrante pode ser visto como impositivo e rejeitado pelos suecos. “Em Rinkeby, você vê, todos olham para todos e sequer poupamos as mulheres de *burka*.” Uma boa política em relação aos suecos – diz Garcia – é a do estrangeiro aprender a conter-se, não se sentindo obrigado a quebrar o gelo frente ao distanciamento dos suecos.” Garcia prossegue: “Quando cheguei aqui, eles recebiam os estrangeiros muito bem, sobretudo os estudantes. Eles pensavam que os estudantes retornariam a seus países e ajudariam a melhorá-los.” Foi o que Garcia escutou do *rektor*, no final da especialização. “Esse também era o meu plano, mas ninguém do meu grupo voltou. Então os suecos ficaram ressentidos, não nos perdoam por não lutarmos por nossos países; um investimento sem o retorno esperado.” Garcia diz que depois do curso, tinha muitas ambições e interesses; casou na Suécia e tentou integrar-se na sociedade. “Nunca se senti integrado e cheguei até mesmo a pensar em retornar a Cuba; depois resignei-me e comecei a procurar a companhia dos *imigrantes* latinos.” Separado do primeiro casamento e com os filhos crescidos, Garcia veio morar em Rinkeby com o desejo de ser útil aos “cosmopolitas alienados”, como ele gosta de se referir aos moradores de Rinkeby. Garcia atende nos hospitais de Rinkeby e Tensta, dois subúrbios vizinhos.

fala sueco pior que os pais, que chegaram à Suécia já adultos. Runfors e Sjögren compreendem o fenômeno como de *resistência* à sociedade dominante.

Garcia gosta de discursar sobre Rinkeby: "Rinkeby é a síntese de todos os conflitos e calamidades da terra. Os moradores de Rinkeby são testemunhas vivas da guerra do Vietnã à guerra do Golfo, sem esquecer o terremoto do México. Os suecos demoraram a entender a riqueza cultural que concentram neste seu território. A história da pós-modernidade pode ser escrita a partir daqui e talvez a do futuro também; em Rinkeby estamos na pós-pós-modernidade, mas por enquanto os suecos se incomodam por não conseguirem estabelecer regras num ambiente multicultural. A virtude do sueco está na regra, no procedimento.

Garcia fala da importância de aprender sueco: "O atendimento de um paciente que não saiba se comunicar com um médico torna-se duas, três ou mais vezes mais caro, num sistema de medicina comunitário como este. O médico sente-se inseguro por falta de *feedback* e compensa pedindo mais exames. Os *imigrantes*, para o próprio bem, devem ser capazes de dialogar com os profissionais da saúde." Garcia cita estatísticas segundo as quais os suecos faltam muito menos ao trabalho por motivo de doença que os *imigrantes* e também se recuperam mais rápido de períodos de convalescença. "São vários os fatores que concorrem para isso mas um deles certamente é a melhor comunicação dentro do sistema da saúde. Todos os dias atendo *imigrantes* que na hora do sofrimento não conseguem dizer o que sentem. Eu ainda pertenço à velha escola da intuição, sei que por trás do abscesso de um paciente pode estar um familiar seu que caiu na droga; sempre procuro cuidar da família completa, como se fazia em Cuba." Garcia diz que num ambiente multicultural como em Rinkeby as excessões à regra são muitas e abalam o sistema de saúde sueco instalado à quarenta anos. "Hoje precisamos de especialistas em pacientes muçulmanos, de especialistas em mulheres somalis. Os suecos apostam que as diferenças entre suecos e estrangeiros desaparecem com o passar das gerações, mas com minha experiência na Suécia de trinta e cinco anos não vejo essa tendência. Garcia aponta a que considera a maior diferença entre suecos e estrangeiros: "Os suecos não querem ter filhos, lutam pelo direito de vida privada e confortável; são trinta mil abortos por ano no país. Os *imigrantes* são os filhos que os suecos não quiseram ter. Já para os *imigrantes* não ocidentais, uma extensa prole significa estar de bem com o seu Deus." Garcia menciona outras diferenças "irreconciliáveis" entre suecos e *imigrantes*: os suecos são fechados como ostras e empatia e solidariedade não são o forte deles; eles acreditam pagar impostos para que as instituições

cuidem dessa parte. Mas os não ocidentais, maioria dos moradores dos subúrbios, valorizam o contato pessoal, a empatia e a solidariedade.”

Sobre o *rinkebysvenska*, Garcia diz que não se trata apenas de uma coleção de palavras estrangeiras adotadas pelos adolescentes. ”Para entender o *rinkebysvenska*, é preciso conhecer o funcionamento da sociedade sueca. Na Suécia, os meios de comunicação de massa, mesmo os de entretenimento, têm forte compromisso social; os debates sobre os temas de interesse do momento são públicos e as opiniões correntes são tornadas públicas por especialistas. O povo sueco busca estar afinado com essas opiniões, num espírito de coletividade. A tendência dos suecos de evitar conflitos, buscar o consenso, estar afinado com a maioria, é interpretada pelos *imigrantes* como fraqueza, falta de opinião própria. Os adolescentes de Rinkeby gostam de exibir diferenças, mostrar que têm idéias próprias; ensaiam aqui como se vão mostrar em Stockholm, nos fins de semana. Os gestos e palavras voam e ficam por lá, pois muitos adolescentes suecos se identificam mais com a imagem do “*tuff svartskallar*” (escuros espertos) do que com a velha imagem do *svensson*, operário da Volvo de camisa de algodão.”

ISMAEL

Visitei a *Ungdomens Hus* (Casa do Adolescente) de Rinkeby e apresentei-me como pesquisador brasileiro. Uma das salas é ocupada pelo projeto *Lugna Gatan* (Rua Tranquila). Fui recebido por Ismael, que explicou, pausadamente em sueco, do que consiste o projeto *Lugna Gatan*. Trata-se de uma instituição formada por sueco de origem estrangeira dos 17 aos 19 anos, os quais fazem o patrulhamento preventivo de Rinkeby. Ismael mostra o mapa do bairro e fotos de pichações e de atos de vandalismo que até dois anos atrás infestavam as ruas e edifícios de Rinkeby. Ismael conta que ele próprio foi um delinqüente juvenil; fala de uma tradição dos adolescentes de Rinkeby, segundo a qual, nas passagens de ano, *gangs* de adolescentes percorrem o bairro e jogam pedras em tudo que seja quebrável, incluindo carros da polícia. Ele liderou várias dessas gangs e também participou de “*trash*” [do inglês lixo; significa depredar uma carruagem de metro no espaço entre duas estações]. Aos 18 anos os pais dele enviaram-no para a Somália aos cuidados de um tio, para evitar que o

filho fosse preso. Ismael diz que ficou um ano cuidando de camelos e estudando o corão; após dois meses nessa vida diz que sentiu-se enlouquecer e pediu para voltar. Só teve permissão de voltar quando o tio o considerou recuperado e retornou à Suécia após contrair matrimônio. Hoje estuda economia na universidade de Stockholm e trabalha dez horas semanais no projeto *Lugna Gatan*. Segundo Ismael, a restauração dos prédios, pintura e faxina que está acontecendo em Rinkeby serve apenas para os políticos limparem as consciências. Não resolve o problema da falta de integração. "A vista da minha janela ficou mais bonita, mas continuo sem pertencer à sociedade. Quando procuro fazer parte de um grupo de estudos, na universidade, sinto que os colegas me evitam com várias desculpas. Tenho que trabalhar o dobro para fazer parte de um grupo. Um dia recebi uma boa nota e disse: "Abou!" [algo como ôba]. Os meus colegas estranharam a expressão e eu disse: vocês não gostam de árabe? Pensem que todos os dias usamos algarismos árabes".

Ismael diz que os suecos têm receio da influência de culturas de fora em sua sociedade. Os iranianos, por exemplo, pulam sobre o fogo na passagem de ano e as mães suecas têm medo que os filhos tentem fazer a mesma coisa. "Se os suecos são tão seguros da sua própria cultura não deveriam incomodar-se com essa tradição dos iranianos nem com a presença de alguns véus, turbantes e coisas assim. Em Rinkeby, a maioria das pessoas entende árabe, por isso alguns cartazes e letreiros são escritos em árabe. Mas muitos suecos que nunca estiveram aqui ficam indignados quando esses letreiros aparecem nos jornais; eles não entendem que para nós o mundo mudou cem por cento quando viemos para cá; para não ficarmos loucos, precisamos manter uma parte da nossa velha identidade. A cultura sueca vem mudando com rapidez, não por causa da nossa presença, mas por causa das guerras, da imprensa, das novas tecnologias, da informática, do desenvolvimento econômico. Se existe na Suécia influência de uma cultura de fora, é a cultura anglo-saxônica que mais tem influenciado e isto acontece sem nenhuma imigração. Nós que viemos de fora também somos influenciados por essa cultura. Na TV a cultura dos *imigrantes* está isolada num programa semanal chamado "Mosaik", de meia hora. Que influência podemos ter na Suécia? Para os suecos, o país só muda um pouco por causa da imigração."

Ismael diz que estuda para se tornar político, como o chileno Maurício Rojas. Hoje, Ismael ensina aos mais jovens que a política de imigração na Suécia está aberta a

mudanças, por meios democráticos; cada um precisa aprender a defender suas idéias de maneira clara e objetiva. “Nos lugares de onde nossos pais vieram e de onde alguns de nós vieram, não somos mais reconhecidos; em Rinkeby temos condições de pensar no futuro.” Ismael diz que em Rinkeby ainda não existe acordo quanto a lideranças políticas e os moradores acabam não conseguindo influenciar o desenvolvimento da Suécia tanto quanto poderiam. “Você sabe que falamos mais de cem línguas diferentes em Rinkeby? É difícil discutir política numa língua que não é a sua. Depois, os moradores mais velhos pensam que estão aqui de favor, mas as novas gerações sabem que sem nós a Suécia vai sofrer as conseqüências do envelhecimento da população. Em geral, cada imigrante ou refugiado, com o tempo, paga os custos iniciais arcados pela sociedade sueca, ninguém está aqui de favor. Os suecos deveriam agradecer nossa presença.”

- Você já ouviu falar do “rinkebysvenska”?

Ismael parece estranhar a pergunta e pela primeira vez se mostra inseguro: “Você deve ter lido sobre o *rinkebysvenska* nos jornais... eu também conheço o *rinkebysvenska* pelos jornais; não sabia que existia *rinkebysvenska* antes de ler nos jornais. Mas pensei que seu interesse fosse divulgar o projeto *Lugna Gatan* no Brasil. Minha função é a de apresentar o projeto *Lugna Gatan*.” Um colega que estava presente na sala diz para Ismael: “Uma mulher veio aqui pedir a tradução de palavras do *rinkebysvenska* e eu perguntei: ‘por que eu deveria fazer isso? Vais convidar-me para jantar em tua casa?’ Essa pergunta deixa os suecos embaraçados. Os suecos gostam de comer sozinhos. Nós aqui dividimos um sanduiche com prazer; por que na companhia de um amigo a comida é mais gostosa.” Ismael acrescenta: “Um homem não é feliz sozinho, nem no paraíso.”

- Você conhece alguma palavra do *rinkebysvenska*? — pergunto a Ismael.

Ismael devolve a pergunta: “Você tem algum amigo sueco? Pergunte a ele se sabe a origem da palavra “*ku*” (legal), da palavra “*tje*” (garota)... O colega de Ismael acrescenta: “*bussig*” (gentil), “*stilig*” (elegante). Ismael explica: “São palavras que estão no dicionário sueco, mas são de origem cigana, como muitas outras. Mas eles ficam incomodados com nossa maneira de falar.”

Ismael prossegue: “O ‘*rinkebysvenska*’ é parte da cultura regional de Rinkeby. Se você for a Göteborg, Dalarna, Malmö, vai ver que eles falam diferente de Stockholm. São culturas regionais diferentes. A imprensa dá destaque ao *rinkebysvenska* por que usamos

palavras que não aparecem no dicionário sueco. Mas você já deve ter ouvido os suecos dizerem coisas do tipo “uhm uhm”, “usch!”, “oioioioi!”, “jajaja”, “ascheee”; essas palavras também não estão no dicionário sueco. O colega de Ismael adota o estilo *rapper* para ilustrar o contexto no qual é falado o *rinkebysvenska*: “Você planeja com os amigos ir a um show dos *Latin Kings*; quando chega a Stockholm, o local está lotado ou os lugares que restam são ruins e o grupo desiste do show; no dia seguinte os colegas na escola vão perguntar: “Então, como foi o show dos *Latin Kings*?”. Se você responder, ‘não vimos o show’, os colegas vão passar a semana rindo de você. Então, antes de voltar a casa, o grupo inventa alguma coisa para se divertir. No dia seguinte os colegas na escola perguntam pelo show dos *Latin Kings* e você diz: ‘Show dos *Latin Kings*? Quem está interessado no show dos *Latin Kings*? Olha aqui nosso próprio show, e mostra o que saiu na reportagem do *Metro*’. (O comentário é uma possível alusão a uma sessão de “trash”, que entre colegas provavelmente seria reportado em *rinkebysvenska*)

MAURO

Mauro é brasileiro, tem trinta anos e reside há seis na Suécia. trabalha no *Servicehus i Rinkeby* (Casa da Terceira Idade de Rinkeby). Mauro também ensina capoeira a grupos que se reúnem em Stockholm, formados por suecos e *imigrantes* europeus. A presença de alguns capoeiristas e percussionistas brasileiros é importante para conferir autenticidade ao grupo, atrair novos alunos e público. Os alunos suecos são pontuais, têm boa noção de ritmo e os mais antigos mostram desempenho tão bom quanto os brasileiros; mas são vistos pela sociedade como aprendizes de uma cultura exótica e eles mesmos parecem convictos de não serem capazes de “gingar” tão bem quanto os brasileiros, alguns dos quais em contato com a capoeira pela primeira vez.

Conversamos no Anadoulou Restaurang, funcionando no piso inferior da *Folket Hus* de Rinkeby. Nesse dia, no horário do almoço, a maior parte do espaço está ocupado por um grupo de uns quarenta suecos, os quais falam alto, brincam e riem muito, fato pouco usual entre suecos, sobretudo na hora do almoço. Percebemos que se tratava de uma reunião de professores de SFI. O grupo termina a refeição e sai com a mesma disposição

com que entrou. Mauro diz que os suecos se comportam assim por que em Rinkeby não se sentem em seu território⁴⁷. As funcionárias do restaurante são muçulmanas, pelo padrão de suas vestes. Uma delas vem perguntar se gostamos da comida e propõe que retornemos para a *happy hour*, quando as bebidas alcoólicas são mais baratas. Marcos observa que só mesmo em Rinkeby é possível ver muçulmanas servindo bebidas alcoólicas nas mesas de um bar.

Segundo Mauro, o *rinkebysvenska* é falado pelos adolescentes de Rinkeby, os quais não se identificam com a cultura dos pais e se sentem excluídos da sociedade sueca. Marcos lembra a própria experiência pessoal para mostrar como é fácil uma pessoa se sentir discriminada na Suécia. Um dia foi doar sangue e sem qualquer exame prévio, um funcionário de atendimento informou que ele não preenchia os requisitos para ser doador, apesar do porte atlético. Ficou consternado até saber, mais tarde, que até mesmo suecos com longa permanência em países tropicais são rejeitados como doadores. Daí em diante, para não ficar *criando fantasmas*, Mauro procura livrar-se de pensamentos que o coloquem na defensiva e passou a viver melhor na Suécia e em Rinkeby. “Em Rinkeby também existe segregação entre os moradores, é só observar como os frequentadores do café da Galeria formam grupos distintos: somalis, finlandeses, turcos, bósnios. Os turcos e curdos mantêm as diferenças étnicas embora dividam o mesmo território há centenas de anos. Mauro diz que nenhum dos vizinhos dele pensa em constituir família com alguém de outra cultura ou religião. Cartagena, [ver próxima entrevista], que estava presente, pergunta: “E porque não haveria segregação entre nós? Nós não somos nem mais nem menos nobres que os suecos, apenas por sermos minoria. Mas não se pode comparar o efeito das nossas diferenças com o efeito dos preconceitos dos suecos em relação a nós. São eles quem fazem as regras.”

⁴⁷ De janeiro de 1990 a dezembro de 1994 foram cometidos 497 atentados violentos por motivos racistas ou xenófobos, variando de agressões orais ao arremesso de *coquetéis molotov*: 195 contra lugares frequentados por estrangeiros, 263 em meio à sociedade e 39 cruzeiros chamejantes no estilo *Ku Klux Klan*, junto de abrigos

CARTAGENA

Conheci Cartagena no Peru e fui reencontrá-lo em Rinkeby. Em 1996 Cartagena conheceu na Universidade de Arequipa, no sul do Peru, um grupo de pesquisadoras suecas do folclore peruano. Após o retorno à Suécia, as pesquisadoras fundaram o Grupo de Danças Afro-Peruanas em Stockholm, em 1998. Cartagena recebeu um convite para vir à Suécia ensinar *landó*, *alcatraz*, *festejo*, *samacueca* e *inga*, ritmos de origem senegalesa e angolana. Com a presença de Cartagena, o grupo atraiu novos componentes e participou com sucesso de alguns festivais de dança, na Europa. Cartagena ficou impossibilitado de acompanhar os alunos nas atuações fora da Suécia devido à sua situação ilegal; pelo acordo de Schengen, se ele for detido será expulso da Suécia e impedido de entrar em qualquer país da CEE. Com o visto de três meses caducado, Cartagena permaneceu na Suécia e foi morar em Rinkeby, na companhia de uma finlandesa com quatro filhos. Devido à situação ilegal, Cartagena não pode freqüentar o SFI para estudar sueco mas aprendeu a comunicar-se e sabe que ninguém em Rinkeby fala o sueco "padrão".

Cartagena diz que o *rinkebysvenska* é a linguagem dos adolescentes de Rinkeby e está relacionado ao gosto dos adolescentes pelo "rap" e "hip-hop". Cartagena explica que para compor esses ritmos basta um velho tocador de discos e um micro-computador, equipamentos acessíveis até mesmo para quem não tem muito dinheiro. As palavras mais comuns do *rinkebysvenska* são as que aparecem nas letras de composições de sucesso. Cartagena diz que entre os adultos de Rinkeby há excelentes músicos, mas eles só se interessam pelos instrumentos musicais, danças e ritmos de seus locais de origem; são poucos os suecos de origem estrangeira que na juventude se interessam pelas tradições culturais dos pais. Cartagena fala da rebeldia da juventude e pensa que os adolescentes de Rinkeby odeiam os pais, os professores, a polícia e a sociedade. O "hip-hop" e o "rap" são saídas que os adolescentes adotaram para desancar em público as instituições sociais. São poucos os pais que sabem disso, pois não escutam e não entendem as letras. As letras de músicas de sucesso de grupos de Rinkeby como "*Latin Kings*" e "*Infinitt Mass*" passam a fazer parte do vocabulário dos adolescentes e é isso que alimenta o *rinkebysvenska*.

provisórios para estrangeiros. Até hoje nunca aconteceu um atentado em Rinkeby (Gellert Tamas e Robert Blombäck, em *Sverige, Severige, Fosterland*(1995).

Cartagena diz que os impostos de exportação da música dos adolescentes de Rinkeby em breve serão consideráveis na indústria fonográfica”

Cartagena diz que conhece dois tipos de suecos: os suecos que nas férias vão habitualmente para as Canárias, Grécia e Espanha, querem apenas sol, conforto e diversão e desejam voltar ao trabalho logo após as férias. É difícil para um imigrante fazer amizade com esse tipo de sueco. Não querem em seu país a miséria que encontram em países. ”Esses suecos pensam que os *imigrantes* provenientes do terceiro mundo trazem com eles as doenças sociais próprias desses países. Os suecos que nas férias vão para África e América do Sul, Austrália, gostam de cultura e estabelecem mais facilmente relações com os *imigrantes* desses países. São os que casam com estrangeiros e felizmente são a maioria; com o ritmo atual de casamentos mistos na Suécia, logo estaremos como nos EUA, completamente misturados.”

Cartagena diz que nas sextas e sábados, os adolescentes de Rinkeby vão para Stockholm em grupos e lá se encontram com grupos de outros bairros. Os filhos da sua companheira, diz Cartagena, informam que o principal ponto de encontro dos grupos é a Sergelstorg⁴⁸; nesse local é importante cada grupo mostrar-se unido e capaz de proteger as “irmãs” e “namoradas” do assédio de indivíduos de outros grupos; saber falar o *rinkebysvenska* – diz Cartagena – ajuda a impor respeito e a manter o prestígio do bairro.

⁴⁸ A *Sergelstorg* (Praça de Sergel) é um vasto espaço em concreto sobre as estações centrais de transportes urbanos, circundado por escritórios, centros comerciais, restaurantes e cinemas. Nesse espaço, também reservado à apresentação de shows e manifestações públicas, acontece o encontro diário de *skin-heads*, *rastafaris*, *punks*, *Vitt Ariskt Makt* (Poder Ariano Branco), *NFG - Non Fighting Generation* e *Lugna Gåtan* (Rua-tranquila, patrulha de voluntários anti-violência e anti-drogas). Os grupos urbanos distinguem-se entre si através de marcas características de identidade grupal: roupas, tatuagens, adereços e comportamentos; na maior parte do tempo, esses grupos me pareceram limitar-se a observar os movimentos uns dos outros. A *Sergelstorg* é o ponto de tráfico de drogas mais conhecido de Stockholm e tanto consumidores quanto policiais procuram conter-se, num local que também é ponto de convergência de turistas.

3.2 - O *rinkebysvenska*; usos e contextos em que é falada essa linguagem

Os oito interlocutores apresentados acima referem-se de formas diferentes a questões relacionadas com racismo, preconceito, xenofobia e intolerância, envolvendo *suecos-suecos*, *suecos de origem estrangeira* e *imigrantes*. A partir de seus depoimentos me parece possível vislumbrar o cenário em que emerge o *rinkebysvenska*, sendo o de Inga talvez o mais revelador quanto à compreensão do fenômeno pesquisado. Inga menciona o conflito entre, de um lado *suecos-suecos* e de outro lado *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira*. Inga menciona também o conflito entre os próprios *suecos-suecos*, qual seja, a *intelligentsia* - elite intelectual de seu país, formada por jornalistas, políticos e acadêmicos – atuaria na contramão das aspirações da sociedade nacional. O uso do termo *intelligentsia* parece guardar correspondência com a expressão *mediadores simbólicos*, de Renato Ortiz (1989).

O *rinkebysvenska* é referido por alguns dos meus interlocutores como uma linguagem híbrida, de uso generalizado em Rinkeby; por outros, como uma linguagem criada e falada por *suecos de origem estrangeira*, distinta de outras formas de comunicação empregadas pelos *imigrantes* de Rinkeby. Em ambos os casos, o *rinkebysvenska* é visto como não compreensível por *suecos-suecos*, a justificar o qualificativo “dialeto”. Dialeto ou não, talvez o mais importante a considerar seja o fato de que, num país onde os discursos nacional e popular defendem ideais de igualdade, homogeneidade, uniformidade, que demonstra prezar a língua nacional e ser pouco tolerante em relação a sotaques não familiares, os *suecos de origem estrangeira* de Rinkeby desenvolvem e comunicam-se entre si numa linguagem com códigos, ritmo e entonação peculiares.

O *Språkforskningsinstitut i Rinkeby* recomenda a consulta da obra de Ulla-Britt Kotsinas aos interessados em pesquisar o *rinkebysvenska*. Vou referir-me brevemente aos capítulos introdutórios de *Rinkebysvenska – en dialekt?* de Kotsinas (1988), antes de passar às partes que a autora dedica propriamente ao *rinkebysvenska*. Kotsinas diz que em Rinkeby se falam mais de cem línguas e que nas escolas de Rinkeby o ensino é transmitido em trinta línguas. Kotsinas diz que dentro das casas dos moradores fala-se sobretudo a língua de origem dos pais, mas também duas ou três línguas diferentes, por exemplo: turco e curdo, finlandês e greco, sueco e outra língua estrangeira. Kotsinas diz que todas essas

línguas são escutadas nas ruas, praças, cafeterias e nas lojas; o sueco também é escutado, em diversas formas, algumas dificilmente reconhecíveis por um típico morador de Stockholm, prossegue Kotsinas. Em alguns casos, frases são construídas em sueco perfeito mas, segundo Kotsinas, seriam impronunciáveis por suecos típicos por serem demasiado fortes. Kotsinas exemplifica: "*jag ska döda dig*" (vou te matar); "*jag svär på min mammas grav*" (juro pela tumba da minha mãe), "*dra åt skogen*" (cai fora!). Penso que Kotsinas repete o que parece ser um pensamento corrente entre suecos: o de que sua cultura é contrária a expressões impositivas, agressivas e insultuosas. Quando frequentei o SFI - *Svenska För Invandrare* (curso de sueco para imigrantes), aprendi que os atos de fala devem iniciar com a polida "*kan jag få...*" (posso?), ou com a tímida "*kan du inte...*" (você não poderia...), e devem sempre terminar com "tack so mikit" (muito obrigado); constatei que estas expressões de etiqueta são adotadas pelos *sueco-suecos* no cotidiano, mas é fato que os *suecos-suecos* empregam também expressões impositivas, agressivas e insultuosas, embora se contenham e evitem usá-las em público, talvez por temerem o olhar de censura dos compatriotas.

Kotsinas usa o termo "pidgin" para referir-se ao sueco misturado com alguma língua materna, falado por *imigrantes* que não frequentaram o SFI, desistiram do curso ou não praticaram o suficiente. Penso que para Kotsinas, a língua sueca parece ser vista como uma língua definitiva, completa e normal, enquanto o pidgin como uma espécie de sueco mal falado, provisório e transitório. Segundo Kotsinas (1988), o *pidgin* falado pelos *imigrantes* moradores de Rinkeby, além de palavras pronunciadas num sueco não reconhecível pelos *suecos-suecos*, emprega recursos de comunicação como alternância de códigos, adaptações e empréstimos idiomáticos. Em *Att vara mitt emellan* (Estar no meio), a pedagoga Maria Borgström (1998) define alternância de códigos como o uso cambiante de dois ou mais idiomas na mesma frase, ou numa conversação. Borgström diz que essa prática implica competência idiomática em pelo menos duas línguas e o falante mistura idiomas de forma consciente e com um fim determinado; alguns conceitos são mais fáceis de expressar em um idioma que em outro. Nos empréstimos idiomáticos, o indivíduo bilingüe, não encontrando uma determinada palavra num idioma, por desconhecimento ou por não existir, busca apoio em outro idioma. Muitas vezes o indivíduo emprega a palavra mais acessível, especialmente quando está cansado, estressado ou apressado; é também

mais fácil utilizar empréstimos idiomáticos para denominar novas coisas, diz Borgström. Quanto às adaptações, Borgström diz que são palavras moldadas fonética e morfológicamente por falantes não nativos, por questões de comodidade. Lembro a minha própria experiência de imigrante na Suécia, durante a qual experimentei a *alternância de códigos, empréstimos idiomáticos e adaptações*, no sentido de Kotsinas e Borgström, em busca do entendimento com falantes de diferentes línguas. Nessas condições, aplica-se o que diz Queiroz (1998), em *Pé Preto em Barro Branco*: "é necessário que o interlocutor se mantenha no contexto situacional e verbal para que se efetue a comunicação." (1998:91). Antes de retomar Kotsinas, vou citar alguns autores que podem ajudar a compreender as relações sociais em Rinkeby. Diz Maffesoli (1987): "Na circulação da fala a importância está menos no conteúdo do que na própria troca." Maffesoli remonta a Marcell Mauss para mostrar que "é a partir da circulação sem fim das trocas que se cria a vida coletiva, a vida coletiva só existe pela troca." (1997:60). No caso de Rinkeby, a criação de uma vida coletiva fora dos padrões da *suedicidade* pode incomodar até mesmo acadêmicos como Kotsinas e Borgström. Diz Raiagopalan (1998), em artigo publicado no livro *Linguagem e Identidade*, de Signorini:

Assim, os pidgins devem ser marginalizados em função dos interesses da lingüística da classe dominante. [...] A lingüística se sente ameaçada por todos esses fenômenos que de algum modo não se encaixam em seu acalentado modelo de identidade pura, perfeita e plenamente totalizada. A estratégia tem sido relegar todos esses fenômenos a um plano secundário, para que eventualmente sejam tratados como um questão de simples curiosidade e examinados em termos de como, na qualidade de substitutos defectivos, eles divergem dos casos puros, normais. (1998:38)

Retomando Kotsinas (1988), em sua pesquisa esta autora entrevista quinze moradores de Rinkeby, dos 5 aos 16 anos, de origens diferentes. Com base no material colhido, Kotsinas pensa ter identificado a origem sueca de algumas expressões do *rinkebysvenska*, usadas em comum pelos entrevistados: "ba" para significar "bara" (apenas); "sää" para significar "så här" (assim); "näa" para significar "nej" (não); "liksom" (função desconhecida pela autora). Assim, diz Kotsinas, uma frase como "å sää han ba, näa! liksom..." contém vestígios de sueco mas é incompreensível para um sueco. Kotsinas divide as frases coletadas em dois grupos: no primeiro grupo, que ela chama de *simplificado*, coloca frases com erros de morfologia e sintaxe por insegurança do falante:

escolha de proposições errada, ordem de palavras trocada, confusões no uso de artigos, erros de concordância e tempos verbais, uso de vogais curtas em vez de longas. No segundo grupo, que ela chama de *expandido*, coloca frases em gíria e expressões provenientes de línguas diferentes. Um dos entrevistados, diz Kotsinas, revela que as palavras são aprendidas sobretudo dos ciganos, turcos, árabes e iugoslavos. Para Kotsinas, essas palavras expressam sobretudo emoções, como por exemplo: *abou*, do árabe, que significa "oj, *vad häftigt*." (ôba, que legal!); *manyac*, do turco, significando "idiot" (idiota); *malakka*, (baixo calão); *kala*, significando "bro" (bom); *ayde*, do grego, significando "stick!" (te manda!); *kiz*, significando "flicka" (garota); *para*, significando "pengar" (dinheiro); *län*, significando "man" (*cara*); *hörru du*, significando "hej, du" (alô, você!). Kotsinas coletou palavras de origem românica, como: *ava*, significando "komma" (vir); *tjoravles*, significando "stjäla" (roubar); *lover*, significando "pengar" (dinheiro). Segundo Kotsinas, no *rinkebysvenska* algumas palavras suecas mudam de significado, por exemplo: "förort" (subúrbio) significa "lugar onde moram muitos estrangeiros". Os falantes usam demais a palavra sueca "titta" (olha) no início da frase e ao invés de dizerem "bro" (bom) usam *perfect*. O pronome pessoal "du" (tu) é substituído pelo impessoal *man* (homem, no caso algo como *cara*). Kotsinas diz que algumas dessas práticas são contagiantes e se expandem em Stockholm. Kotsinas procura responder se o *rinkebysvenska* pode ou não ser considerado um novo dialeto. Para isso, a pesquisadora enumera os critérios que adota para definir um dialeto:

1. A área onde se fala um dialeto deve ser limitada geograficamente. É o caso do *rinkebysvenska*, limitado geograficamente a Rinkeby.

2. A relação com a língua padrão:

- a) que haja contraste entre um dialeto e uma língua padrão. Kotsinas diz que em Rinkeby existem claras diferenças entre o *rinkebysvenska* e o sueco, a língua padrão.

- b) que a língua padrão seja reconhecida como norma, no ensino escolar e acima das limitações geográficas. Kotsinas diz que em Rinkeby a língua sueca é aceita por todos como norma de fala e escrita.

- c) que a maioria ou todos falantes do dialeto possam mudar para a língua padrão. Kotsinas diz que muitos falantes do *rinkebysvenska* podem comunicar-se em sueco.

3. Um dialeto não tem forma escrita. Kotsinas diz que esse é o caso do *rinkebysvenska*, apenas falado.

4. Consciência da existência do dialeto:

a) que os falantes tenham consciência de que sua fala é uma variante, em relação à língua padrão e a outras formas não padronizadas de falar. Kotsinas apresenta este exemplo real: um aluno do ginásio pronuncia uma determinada frase e é corrigido pelo professor; o aluno, por sua vez, devolve a correção ao professor: "Não é assim que se fala em *rinkebysvenska*". Também segundo Kotsinas, os falantes dizem que falar *rinkebysvenska* é mais cool e divertido do que falar sueco.

b) que os falantes de outras variantes entendam algumas expressões e possam até mesmo imitá-las. Kotsinas diz que em Rinkeby existe uma variante chamada *kebabspråket* (língua kebab, expressão remete aos representantes da cultura árabe), mas não está claro quanto aos pais terem consciência de que os filhos falam uma língua diferente da língua padrão; possivelmente os pais pensam que os filhos sejam fluentes em sueco. Também não está claro se os jovens de outros bairros, escutando falantes do *rinkebysvenska*, possam saber que os falantes sejam de Rinkeby ou de um país estrangeiro.

5. Fatores subjetivos.

a) relacionados com os sentimentos dos falantes; os falantes podem sentir orgulho, outras vezes podem sentir vergonha. Kotsinas diz que no caso do *rinkebysvenska*, alguns jovens sentem orgulho de falar e pertencer ao grupo de falantes, mas é possível que existam jovens com outras opiniões. Segundo Kotsinas, uma garota entrevistada perguntou: "Você veio mesmo para gravar nossa língua ruim?"

b) valorização: se pode dizer que o dialeto é bonito, feio. Segundo Kotsinas, quando se discute o *rinkebysvenska* com os falantes, eles se referem a ela como uma língua de poucos, secreta; esta maneira de falar é um passaporte para entrar em certos grupos.

c) unidade: para os não falantes, dá a impressão de que o dialeto seja uma unidade, mas os falantes podem reconhecer algumas variações. Segundo Kotsinas, os sueco-suecos não distinguem variantes no *rinkebysvenska*, mas os falantes parecem capazes de distinguir entre si a origem dos interlocutores.

6. Variação dentro do dialeto, de acordo com a idade, educação. Para Kotsinas, em Rinkeby existe uma variação clara e parece que tem a ver com fatores como pertença social; certos jovens evitam o *rinkebysvenska* enquanto outros o usam constantemente.

A entrevistadora perguntou se os jovens falam com os adultos, pais e professores, da mesma forma que falam entre si. "Não, eles não entendem", foi a resposta.

7. Palavras específicas, no léxico e na morfologia, as quais tornam o dialeto distinto de outras formas de expressão. Kotsinas diz são poucas as expressões do *rinkebysvenska* importadas pelos bairros [suburbanos] vizinhos de Rinkeby, mas elas se espalham com frequência pelos bairros mais tradicionais de Stockholm.

8. O dialeto deve apresentar estabilidade entre os falantes. A entrevistadora pergunta ao informante marroquino se os jovens suecos são capazes de falar *rinkebysvenska* e este respondeu: "Sim muitos são capazes mas não tão perfeito." (1988:69). Para Kotsinas, o *rinkebysvenska* é usado como linguagem até cerca de 25 anos de idade. Os adultos sem contato com os mais jovens geralmente não conseguem expressar-se em *rinkebysvenska*.

Kotsinas (1988) procura responder a uma possível dúvida: o *rinkebysvenska* é um dialeto ou um mau aprendizado do sueco? Para Kotsinas, muitas expressões do *rinkebysvenska* são compatíveis com um aprendizado deficiente do sueco padrão, por isso, essas expressões são consideradas como erros. Mas como distinguir mau aprendizado de dialeto? - pergunta Kotsinas. Em primeiro lugar, esclarece a autora, o uso de um dialeto é sempre um desvio da norma. Se este desvio está sendo visto como erro, ou como uma coisa bonita, depende do *status* e da idade do próprio dialeto. Kotsinas ilustra esse ponto com um exemplo: em Skåne [norte da Suécia] existe um dialeto aceito como tal por ser muito antigo; já o *rinkebysvenska* é visto com restrições pelos suecos, dentre outros motivos, por ser muito recente. Segundo Kotsinas, a tendência ao escutar a língua dos filhos dos estrangeiros é colocar os seus conhecimentos da língua numa escala onde "M" significa um conhecimento completo da língua padrão. Nessa escala há muitos desvios, considerados como erros. Segundo Kotsinas, muitos pesquisadores afirmam que em sociedades onde existem várias línguas surgem normas de grupos diferentes das da língua padrão e essas normas são consideradas como erros de aprendizagem; mas essas normas podem ser consideradas normais dentro do grupo e, mesmo que sejam apontadas como erros, são importantes por marcarem o pertencimento a um grupo. Kotsinas diz que os desvios da norma, mesmo no caso de pessoas fluentes em sueco, são usados de forma consciente para mostrar solidariedade a pessoas que o falante respeita e mostrar a identidade como imigrante. Por outro lado, diz Kotsinas, os vestígios do sueco típico de Stockholm que se

encontram no *rinkebysvenska* têm a função de marcar o pertencimento à sociedade sueca. Kotsinas sugere que os erros sejam aceitos como normas de grupos e, ao invés de tentar corrigi-los, ajudar os falantes do *rinkebysvenska* a terem acesso à língua padrão e a tornarem-se bilíngües. A pesquisadora conclui que o *rinkebysvenska* preenche a maioria dos critérios para ser considerado como um dialeto mas não preenche o critério 8; mas pelo fato do *rinkebysvenska* estar sendo usado por um grupo étnico e com limites de idade, Kotsinas propõe classificar o *rinkebysvenska* como um dialeto social local; como esse dialeto social local se espalha para outras regiões de Stockholm, então existe a possibilidade de se desenvolver e tornar-se um verdadeiro dialeto ou variante do sueco de Stockholm. Mas Kotsinas também vê possibilidade do *rinkebysvenska* desaparecer se um grande número de falantes se mudar de Rinkeby.

A etnóloga sueca Aleksandra Ålund (1991), em *Etnisk Bricolage*, assim se refere ao *rinkebysvenska*: "O *rinkebysvenska* pode incomodar os suecos que tenham forte sentimento normativo quanto à língua. As pesquisas que abordam esse fenômeno como uma expressão de comunicação social e cultural construtiva, são recebidas com frieza e desinteresse." (1991:16). Ålund diz que a ideologia corrente estigmatiza o *rinkebysvenska* como prática negativa, responsável pela exclusão dos falantes e passível de contaminar o sueco estandarizado. Ålund diz que esse fenômeno de linguagem pode ser visto como uma forma dos falantes marcarem sua identidade como duplamente cultural. Os próprios falantes do *rinkebysvenska* não consideram a prática como negativa, mas como linguagem secreta ou clandestina.

Das expressões citadas por meus entrevistados como pertencentes ao *rinkebysvenska*, vou começar por apresentar as que me parecem imprimir o tom peculiar dessa linguagem: *ham' ba no vad a-va va duva; typ nova viva; ham' ba du va duva; ham' ba typ duva; ham' ba ... duba, haba, gita, axa, langa, jibba, pitcha, dizza*. Além dessas, os entrevistados citaram expressões isoladas como: *conyo, rackli, kusipe, orospo, lover, dinero, urcel, ristat, stenen, basar, snorungar, grekfik, han' ta, in'ba kade, utruna, skolpeng*. O significado de todas essas expressões é desconhecido por parte dos meus interlocutores, os quais desconfiam de que algumas possam representar termos chulos ou de baixo calão. Abaixo, apresento uma relação das expressões coletadas, cujo significado é supostamente conhecido:

Ba' - apenas

Sää - assim, dessa forma

Å ja ba' sää liksom! - assim, ou dessa forma, fiquei surpreso!

Kitar (persa) - metro

Rakli (romeno) - garota

Abou! (turco) - Uau! ou Ôba!⁴⁹

Tikanis (grego) - ôi, tudo bem?

Län - homem

Ajde län - [dependendo da entonação]: te manda daqui, cara!, ou, vem daí, cara!

Nää - não

Manyac - idiota

Perfect - bom, aprovado

Medina - cidade

Shoo-bre - o que está acontecendo? Qual é o problema?

Tagga - cai fora!

Jalla - vamos sair correndo

Jiddra - vamos criar confusão, ou quebrar

Softa - designa uma coisa boa

Chilla - designa ambiente calmo

Guzz - garota

Shuno - garoto

Katt - garota legal

Tiger - garoto legal

Warja - escuta aqui, ó...

Abou - ôba! ou uau!

Para, floss, kessef - dinheiro

Ayna, diablo, grissen - termos insultuosos para designar "polícia".

Steckare, tuggare - vagabundo

⁴⁹ A pronúncia da expressão *abou* aproxima-se bastante do *ôba* brasileiro.

Nas viagens interurbanas de trem e metro, os passageiros que viajam sentados geralmente ficam de frente uns para os outros e a maioria aproveita o tempo com leituras. Livros, revistas e jornais, diante dos rostos, parecem servir também para evitar o contato visual entre os passageiros, já que nem todos podem sentar junto às janelas. Mauro e Cartagena, dois de meus interlocutores, procuraram imitar as reações demonstradas por suecos, de diferentes idades, ao escutarem grupos de falantes de *rinkebysvenka*, viajando em grupo: sem movimentar os pescoços, as reações são faciais, sobretudo com olhares procurando verificar como os demais passageiros reagem ao comportamento dos falantes dessa linguagem. Åke Daun (1989) diz que na cultura sueca, "raiva e contrariedade, são mostradas de forma mais indireta do que em muitos outros países; a antipatia é mais freqüentemente expressa através do 'evitar o contato' ou 'matar pelo silêncio.'" (1989:134)⁵⁰. Daun apresenta algumas entrevistas realizadas com o objetivo de analisar atitudes dos suecos em relação à presença dos *imigrantes*. Um dos entrevistados diz: "[...] havia muitos problemas e conflitos por que eles [*imigrantes*] gostam de vir com suas línguas e jeitos, gritam e são barulhentos; os suecos são tranquilos." (1989:134)⁵¹. Numa outra entrevista, o informante também se refere aos supostos modos barulhentos dos *imigrantes*: "Você próprio pode ver isso nas estações do metro, eles num grupo de uns quinze, conversando alto. Você não enlouquece, mas suspira e pensa: deus, que tristeza, eles não conseguem ficar quietos?" (1989:134).⁵² Daun diz que a expressão "bater papo" corresponde em sueco à expressão "*kallprata*", literalmente "conversa fria", exprimindo a depreciação dos suecos quanto ao ato de conversar pelo gosto de conversar. Daun também apresenta exemplos de expressões suecas usadas para qualificar negativamente pessoas consideradas como faladoras: "*pratsjuka*", para faladores doentios; "*pratkvarnar*", para os que falam sem escutar os interlocutores; "*pladdermajor*", específico para faladores do sexo feminino; "*frasmakare*", para os que fazem discurso sem conteúdo.

⁵⁰ "Rage and sorrow in Swedish culture are also expressed more indirectly than in many other countries. Antipathy is most often 'expressed' through avoidance of contact (the previously mentioned expression 'to kill by de silence'." (1989:134)

⁵¹ "there was lots of trouble and conflict because they like come with their languages and ways and they shout and scream and are loud. Swedes are quiet." (1989:134)

⁵² "You see it yourself when they come along in the subways, like fifteen of them, yakking away. You don't get mad, but it's like you sigh and think, god, what a pain – can't they keep quiet?" (1989:134)

3.3 - Considerações finais

Nesta pesquisa, procurei compreender como *suecos de origem estrangeira*, através do *rinkebysvenska*, revelam a busca de conferir significado a diferentes experiências de vida. Comecei por investigar o contexto social no qual ocorrem as interações entre os sujeitos envolvidos; verifiquei que existe um intenso debate, na mídia impressa e televisiva, quanto à condição do imigrante. Em meio ao atual discurso oficial, voltado para o multiculturalismo, as categorias nominativas que identifiquei através desse debate - *suecos-suecos*, *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira* — persistem e mostraram-se pertinentes em relação à experiência de campo.

Ao investigar o discurso fundador da identidade nacional sueca, procurei pistas sobre como a sociedade nacional se concebe e pode ser percebida pelos outros. Expressões que inspiram ideais de homogeneidade, uniformidade e igualdade, destacaram-se ao longo da investigação. Com o levantamento da história de Rinkeby, procurei conhecer as condições de vida dos moradores desse bairro e as relações entre os moradores e a sociedade dominante; nesse levantamento conheci formas de sociabilidade destacadas por moradores e também um pouco do cotidiano dos moradores adolescentes. As conversas que mantive com diferentes interlocutores também ajudaram a compor o cenário sobre o qual emerge o *rinkebysvenska*. Através dessas conversas pude perceber que há níveis de conflito permeando as relações entre os representantes das três categorias.

Penso que a situação do *sueco de origem estrangeira* depende em grande parte de como seus pais se sentem na Suécia; seus representantes me parecem herdar a condição dos pais. Por definição, só se imigra uma vez para um determinado país, mas na Suécia, uma vez imigrante sempre imigrante, condição estendida a seus descendentes, sobretudo não anglo-saxões. Alguns dos pais vieram de países com problemas sociais graves, outros foram acolhidos como vítimas de calamidades. As origens dos pais e de imigrantes em geral, rótulos como *imigrante* e *svartskalle* atribuídos pelos *suecos-suecos* e o fato de morar num *betonggetto* (gueto de concreto) são fatores a contribuir para que o *sueco de origem estrangeira* seja visto como diferente. Na hierarquia social, os pais estão colocados no nível mais baixo, têm poucas possibilidades de conseguir bons empregos e ascender a níveis elevados da escala social. Lembro que apenas 36,4% dos adultos de Rinkeby,

conforme citado anteriormente, é auto-suficiente em termos de trabalho; o restante depende de subsídios ou de trabalhos locais subsidiados. Assim, o *sueco de origem estrangeira* encontra uma imagem estereotipada do *imigrante* baseada nas *deficiências* dos pais, e instituições que se referem ao *imigrante* como dependente de ajuda permanente. O *sueco de origem estrangeira* podem sentir-se discriminados pelo seu aspecto e por seus nomes, quanto muito tolerados mas não aceito. Mostra-se consciente dos rótulos e da sua condição social, contudo, ao perceber que esses rótulos infundem algum respeito e lhe confere uma identidade, aprende a ressignificá-los e a manter a auto-estima.

Maher diz que "na interação de grupos muito diferenciados quanto aos seus valores, crenças e atitudes, em que há marcada assimetria entre os participantes em relação ao poder e às normas institucionalmente determinadas, o conflito é a norma e não a exceção." (1998:279). O tempo investido neste trabalho não permite respostas conclusivas, mas parece-me suficiente identificar as condições da existência do conflito. Moita Lopes (1998) cita Foucault, para quem "o poder gera resistência; portanto, nas práticas discursivas, identidades na posição de resistência são também construídas." (1998:309). Penso que a construção de identidades na posição de resistência citado por Lopes, aplicado ao caso de Rinkeby, não se refere apenas à interação entre *suecos-suecos*, *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira*; pode aplicar-se também à interação entre *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira*. Vou referir-me apenas a esta última possibilidade: os pais imigrantes que nasceram fora da Suécia podem cultivar em suas casas regras de conduta diferentes e até conflitantes com as da sociedade de acolhimento. Dentro de casa, a televisão é sintonizada em emissoras dos países de origem dos pais, conforme reportagem do jornal *Aftonbladet*, de 8 de junho de 2001. Segundo essa reportagem, os *imigrantes* passam a maior parte do tempo em Rinkeby, pouco sabem do resto da Suécia e a maioria de seus amigos partilha da mesma condição. Se o *sueco de origem estrangeira* não se sente inteiramente sueco, tampouco deve se sentir pertencente à cultura da qual procedem os pais. Tomando como exemplo a entrevista de Ismael, pode acontecer que o *sueco de origem estrangeira* se sinta deslocado ao visitar o país de origem dos pais. Assim, o *sueco de origem estrangeira* pode sentir-se entre dois sistemas culturais distintos, ainda que dinâmicos: de um lado, a cultura familiar com as tradições do país de origem dos pais; de outro lado, se fazendo presente a cultura da sociedade dominante, através da

escola, das autoridades, da mídia, dos programas de entretenimento. O *sueco de origem estrangeira* conhece tradições tão caras à cultura sueca como o *midsommarstang*, *valborgsmässoafton* e *kräfskiva* sobretudo através da literatura escolar, menos por participar delas com seus familiares, amigos e colegas; elas não devem fazer parte do seu mundo, lembrando o testemunho de Soledade. Se tradições que os *suecos-suecos* consideram ainda hoje como *culto à natureza* não são comungadas pelos *suecos de origem estrangeira*, é de presumir que estes não comunguem também da chamada mentalidade *sörgården*, pelo menos da forma como ocorre entre os indivíduos da mesma idade da categoria *suecos-suecos*. Assim, os *suecos de origem estrangeira* não se devem sentir inteiramente pertencentes à cultura dos pais nem à cultura da sociedade dominante, pois acatam e guardam distância de códigos e regras de ambas. Devem estar conscientes de que formam um grupo à parte e, como sugeriu Eriksen (1993), podem se constituir como uma categoria étnica distinta. Penso que os *suecos de origem estrangeira* devem ser sensíveis à forma como percebem a sociedade tratar os pais e *imigrantes* em geral, e buscam outra identidade social que não a dos pais e dos *imigrantes*, mas tampouco se identificam com o modelo apresentado pela sociedade dominante, através da escola. O papel da escola na Suécia parece ser o de diluir as diferentes culturas das minorias numa única cultura, a da sociedade majoritária. Ora, o ambiente que se vive em Rinkeby é extremamente fragmentado e desafia o sonho da mentalidade “*Sörgården*”; o modelo sueco real ou idealizado e instituições que têm funcionado bem durante os últimos cinquenta anos - o sistema de saúde é um bom exemplo - demandam ajustes para adaptar-se à realidade de Rinkeby. O currículo escolar precisa contemplar línguas, religiões e valores diferentes dos da sociedade nacional; o sistema de saúde pode requerer novas formas de atendimento e de especialidades médicas.

Assim, o *sueco de origem estrangeira* vive e se desenvolve através de diferentes culturas ao mesmo tempo e as interações sociais ocorrem num ambiente multicultural; seus representantes, para se constituírem como um grupo distinto, precisam adotar símbolos de diferenciação e exclusividade, definidores de seus limites e reconhecidos pelos *outros*. Para Cohen (1978), o exclusivismo pode ser conseguido através da adoção de uma forma simbólica que distinga o grupo de outros grupos e convença os membros de sua própria identidade: “Eles podem viver num bairro exclusivo que se diferencia dos outros pelo estilo

arquitetônico, pelo mobiliário, pela decoração. Eles podem também distinguir-se desenvolvendo maneirismos especiais, etiquetas e sotaques.” (1978:97). Morar em Rinkeby já constitui uma marca de exclusividade, embora não represente uma escolha dos jovens; mas é uma escolha comunicar-se numa língua que sabem não ser a dos pais nem da sociedade. Tereza Machado Maher (1998) diz que Gumperz e Moerman a convenceram de que “é, principalmente, no uso da linguagem que as pessoas constroem e projetam suas identidades” (1998:117). Rajagopalan (1998) confirma essa idéia e explica: “Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em transformação e vice-versa.” (1998:41,42). Lopes (1998) confirma o fato da identidade social não ser inerente ou intrínseca à pessoa, “mas emergir na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados.” (1998:310). Assim parece ser o caso do *sueco de origem estrangeira*: o *rinkebysvenska* pode ser visto como expressão da identidade dos membros dessa categoria, identidade essa que emerge das interações num ambiente multicultural, das quais participam familiares, amigos e instituições da sociedade dominante. O *rinkebysvenska* se diferencia do sueco no vocabulário, formado por palavras de várias línguas, incluindo a sueca; diferencia-se também quanto ao ritmo e subverte a gramática sueca, transformando-se num marco de identidade cultural entre falantes e os não falantes. As expressões suecas com as quais os *suecos de origem estrangeira* se identificam, ainda que atribuídas pelos outros como no caso da *svartskalle*, são incorporadas e ressignificadas. As palavras e significados expressos através do *rinkebysvenska* estão associados à forma dos falantes verem o mundo, como eles se identificam ou não com crenças e valores de grupos e culturas. O *rinkebysvenska* pode ser visto como marca de identidade de um grupo sem afinidades, em certos aspectos, com a cultura dos pais e com normas da sociedade dominante. O *rinkebysvenska* reproduz a fragmentação experimentada pelos adolescentes de um bairro segregado pela sociedade dominante, onde se falam mais de cem línguas. O fato de *suecos de origem estrangeira* de Rinkeby terem desenvolvido uma linguagem própria, adaptada às peculiaridades em que vivem e às suas necessidades pessoais e grupais, pode ser visto sobretudo como forma de se manifestarem em relação à uniformidade aspirada pela sociedade dominante e a opressão simbolizada pela língua

oficial. Os *suecos-suecos* colocam o peso no "falar bom sueco" e os *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira* convivem com a perspectiva de jamais serem capazes de atender a essa exigência imposta; não importa o quanto aprendam sueco, nunca serão bons o suficiente aos olhos dos *suecos-suecos*. Como diz Annick Sjögren (1999), a língua se torna uma questão de poder, uma maneira de diferenciar entre *nós* e *eles*. "Quando as pessoas dizem que eles têm de aprender sueco, na realidade é uma defesa da *suedicidade* ameaçada e assim se esconde o problema verdadeiro da intolerância; as pessoas se chocam quando percebem que não são tolerantes e preferem falar sobre a linguagem. (1999:57).

Penso que uma forma de defender a *suedicidade* ameaçada é a de confinar *imigrantes* e *suecos de origem estrangeira* em determinados bairros; mas no caso estudado, se por um lado o confinamento torna essas categorias invisíveis, por outro contribui para o aparecimento de fenômenos como o *rinkebysvenska*, o qual parece transcender fronteiras.

Kari Fraurud e Ellen Bijvoet, do Instituto de Pesquisa de Línguas em Rinkeby, declararam na presença de 1300 pessoas de todo mundo, a propósito de 2001 como ano Europeu da linguagem: "O *rinkebysvenska* pode ser um recurso para os jovens na medida em que os ajuda a construir uma identidade multicultural". (Länstidningen, 29 de outubro de 2001). Para essas pesquisadoras, enquanto os jovens podem alternar *rinkebysvenska* e sueco não há motivo de preocupação, mas elas acenam com a possibilidade de muitos jovens terem o *rinkebysvenska* como única língua. Penso que esse é o caso de jovens que permanecem em Rinkeby, absorvidos pelos negócios de parentes, mas só o futuro dirá...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABEL, Theodore. *The Operation Called Verstehen* in The american Journal of Sociology, vol. LIV, nº 3. 1948.

AFTONBLADET. Stockholm, 08 de junho de 2000.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. New York: Verso, 1991.

ALONZO, Soledad Pinero. Jag är svensk In *Hora, Svenne, Homo, Blatte*. Röda Korsets Ungdomsförbund. Sellin & Partner Bok & Idé, AB. Stocholm, 2000.

ÅLUND, A. Etnisk bricolage och nya gemenskaper; Multietnisk kultur i vardande. In *Ungdom och Tradition*. Annick Sjögren, red. Tumba: Mångkulturellt Centrum, 1991.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In *Teorias da Etnicidade*. Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BASCH, L., SCHILLER, N. G., BLANC, C. S. *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialised Nation-States*. London: Basel, Gordon and Breach Publishers, 1994.

BLOMBÄCK, R., TAMAS, Gellert. *Sverige, Sverige, Fosterland: Om ungdom, Identitet och Främlingskap*. Värnamo. AB Fälths Tryckeri. 1995.

BORGSTRÖM, M. *Att vara mittemellan: hur spanskamerikanska ungdomar i Sverige kan uppfatta villkoren för sin sociokulturella identitetsutveckling*. Stockholm: Stockholms Universitet - Pedagogiska Institutionen, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Bertrand Brasil, 1989

BULFINCH, Thomas (1998). *O Livro de Ouro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis*. Ediouro, Rio de Janeiro.

COHEN, A. *O homem bi-dimensional*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

CONNERY, D. *The Scandinavians*. London: Eyre & Spottiswoode, 1966.

CONNOR, W. *A Nation Is a Nation, Is a State, Is an Ethnic Group: Ethnic and Racial Studies*. London: Routledge Journals, 1978.

CRAPANZANO, V. *Tuhami: Portrait of a Moroccan*. Chicago e London: University of Chicago Press, 1977.

DAGANS NYHETER. Stockholm, 13 de março de 1999.

DAGANS NYHETER. Stockholm, 01 de junho de 2001.

DAGANS NYHETER. Stockholm, 16 de fevereiro de 2002.

DAUN, Åke. *Swedish Mentality*. Pennsylvania: The Pensilvania University Press, 1989.

EHN, B. Ungdom och tradition i det multietniska Sverige. In *Ungdom och Tradition*. Annick Sjögren (red.). Tumba: Mångkulturellt Centrum, 1991.

ELISABETH, Gerle. *Mångkulturalism för vem?* Stockholm: T.Fischer & Co., 1993.

ÉPOCA, 11 de fevereiro de 2002

ERIKSEN, T. H. *Ethnicity & Nationalism: Anthropological Perspectives*. London. Pluto Press, 1993.

EVANS-PRITCHARD, E. Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 1993.

EVERYDAY. Stockholm, 23 de novembro de 2000.

EXPRESSEN, 29 de fevereiro de 2000.

FRYKMAN, J., LÖFGREN, O. *Svenska Vanor och Ovanor*. Stockholm: Natur och Kultur, 1991.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A., 1989.

GEERTZ, Clifford. *El antropólogo como autor*. Barcelona: Paidós, 1989.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora., 1999.

HANNERZ, U. *Soulside: Inquiries into ghetto culture and community*. New York: Columbia University Press, 1969.

HANNERZ, U. *The Global Ecumene, Cultural Complexity. Studies in the Social Organization of Meaning*. New York: Columbia University Press, 1992.

HANNERZ, U. *Över gränser: studier i dagens socialantropologi*. Lund: Liber Förlag, 1983.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. *The invention of Tradition*. Cambridge University Press, Cambridge. 1983.

HUNTFORD, R. *O Novo Totalitarismo: A experiência Sueca*. Póvoa de Varzim: Editora Ulisseia, 1972.

INGOLD, Tim. *Humanidade e Animalidade*: in Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 28, ano 10. São Paulo, 1995.

KNOCKE, Wuokko. *Prisioneiros de preconceitos*. In *Invandrare & Minoriteter*. Norsborg, junho de 2000.

KOTSINAS, U. *Rinkebysvenska - em dialekt?. Svenskans beskrivning*. Linköping: Linköpings Universitet, 1988.

LÄNSTIDNINGEN, 20 de dezembro de 2000.

LÄNSTIDNINGEN, 29 de outubro de 2000.

LÄNSTIDNINGEN, 29 de dezembro de 2001.

LEACH, E. *Concepções da Natureza Humana*. In *Enciclopédia Einaudi*. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Vila da Maia, 1985.

LOPES, Luiz Paulo. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Ignês Signorini (org). São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

LÖFGREN, E. M. The Story of Sörgården. In *Från Sörgården till Lop-nor: Klassiska läsböcker i ny belysning*. Bo Ollén(red). Stockholm: Carlssons, 1996.

LÖFGREN, O. Deconstructing Swedishness: Culture and Class in Modern Sweden. In *Anthropology at Home*. A. Jackson (ed). . London: Tavistock Publications, 1987.

LÖFGREN, O. *The Great Christmas Quarrel and Other Swedish Traditions*. In *Unwrapping Christmas*. D. Miller (ed). Oxford: Clarendon Press, 1993.

LÖFGREN, O. *The Nationalization of the culture*. London: Ethnologia Europaea, 1989.

MAFFESOLI, M. *Dinâmica da Violência*. Editora Revista dos Tribunais Ltda. São Paulo, 1987.

MAHER, Tereza Machado. Ser Índio em Português. In *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Ignês Signorini (org). São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

MEY, Jacob L. Etnia, Identidade e Língua. In *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Ignês Signorini (org). São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

MEGAFON. *Röda Korsets Ungdomsförbund*. Stockholm, junho de 2001.

METRO. Stockholm, 21 de setembro de 2000.

METRO. Stockholm, 30 de setembro de 2000.

MITT I RINKEBY . Rinkeby, 12 de fevereiro 2002.

MOSCOVICI, Serge. *Sobre Representações Sociais*. École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Paris. Laccos, UFSC 1985.

OLIVEIRA, R. C. *Identidade, Etnia e Estrutura Individual*. São Paulo: Pioneira., 1976.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1988

ORLANDI, E. P. (org). *Discurso Fundador: A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional*. Campinas: Pontes Editores., 1993.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. Brasília: Brasiliense, 1985.

POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

QUEIROZ, S. *Pé Preto no Barro Branco; A Língua dos Negros de Tabatinga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In *Linguagem e Identidade*. Inês Signorini (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, Fapesp, 1998.

RAMBERG, K. *Svensk Mångfald*. Tumba: Mångkulturellt Centrum, 1995.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In *Linguagem e Identidade*. Inês Signorini (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras - Fapesp, 1998.

RUNFORS, A., SJÖGREN, A. Language, Dominance and Resistance. An Ethnological Perspective on Teaching and Learning in an Immigrant Environment in Sweden. In *Migration: A European Journal of International Migration and Ethnic Relations*. Berlin: Edition Parabolis, 1994.

SALZMANN, Zdenek. *Language, culture & society: an introduction to linguistic anthropology*. Boulder Colorado. Westview Press, Inc. 1993.

SCHILLER, G., BASCH e BLANC-SZANTON. *Transnational Projects: A New Perspective*. 1994

SIGNORINI, Inês. Figuras e modelos contemporâneos da subjetividade. In *Linguagem e Identidade*. Inês Signorini (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras - Fapesp, 1998.

SJÖGREN, A. The Swedish school and the challenge of diversity. In *Minority and Migrant Students*. Botkyrka: The Multicultural Centre, 1998.

STOCKHOLM NEWS. Stockholm, 16 de novembro de 2000.

RÖDA KORSETTS UNGDUM FÖRBUNDS. Hora, Svenne, Homo, Blatte. Stockholm: Sellin & PartnerBok Idé AB, 2000

STOLTZ, P. Simboler för vem? In *Svenska vanor och ovanor*. Stockholm: Natur och Kultur, 1991.

Sweden and Swedes. Stockholm: Svenska Institutet, 1999.

Sweden: A general introduction for immigrants. Värnamo: Statens Invandrarverket, 1986.

Sweden, a pocket guide; Facts, figures and advice for new residents. Stockholm: Integrationsverket, 2001.

TAMAS, G., BLOMBÄCK, R. *Sverige, Severige, Fosterland: om ungdom, identitet och främlingskap*. Värnamo: Liber Utbildning, 1995.

USK-Utrednings och Statistikkontoret i Rinkeby. Rinkeby, 2000.

VEJA, 27 de dezembro de 2000.

VÅR BOSTAD, Stockholm, dezembro de 1996.

WEINTRAUB, Nora. Stick hål på spräck ballongen! In *Invandrare & Minoriteter*. Norsborg: I&M, dezembro de 2000. junho de 2000